

Gabriela Otaviani Barbosa

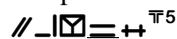


A ARTE DE ESCREVER EM LIBRAS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a

Marianne Rossi Stumpf



Linha de Pesquisa: Língua Brasileira de Sinais

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barbosa, Gabriela Otaviani

A ARTE DE ESCREVER EM LIBRAS / Gabriela Otaviani
Barbosa ; orientadora, Marianne Rossi Stumpf - SC,
2017.

180 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Linguística,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Libras. 3. Escritas de Sinais.
4. ELiS. 5. SignWriting. I. Stumpf, Marianne Rossi.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Gabriela Otaviani Barbosa

A ARTE DE ESCREVER EM LIBRAS

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

Florianópolis, 10 de março de 2017.

Prof. Marco Antonio Martins, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Marianne Rossi Stumpf, Dr.^a
Orientadora
(UFSC)

Prof. Tarcísio Arantes de Leite, Dr.
Presidente de banca
(UFSC)

Prof.^a Rachel Sutton-Spence, Dr.^a
(UFSC)

Prof.^a Janine de Soares Oliveira, Dr.^a
(UFSC)

Prof.^a Sandra Patrícia de Faria do
Nascimento, Dr.^a
(UnB)

*O mestrado não é fácil,
'paciência' é a palavra-chave,
acredito que tudo tem seu
tempo desenvolvendo suas
pesquisas feitas e
acrescentando muito em seu
aprendizado.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que todos os dias de minha vida me deu muitas forças para nunca desistir de concluir este projeto que levou 2 (dois) anos para ser finalizado; gostaria de agradecer a todos os que contribuíram e tornaram ele possível.

Aos amores eternos da minha vida, em especial, minha mãe Maria Goretti Otaviani Barbosa, meu pai José de Souza Barbosa e meu irmão Rafael Otaviani Barbosa, que sempre me incentivaram e me apoiaram nessa jornada.

Aos familiares Otaviani e Barbosa, em especial, meu avô, anjo Paulo Otaviani (falecido), minha avó querida Alcidina Otaviani Faria, meu avô carinhoso Sebastião Barbosa, e minha avó, anja Maria Monteiro Barbosa (falecida), que sempre torceram por mim e fizeram orações constantes, graças às quais estou no meu caminho certo.

À grande amiga, por perto e longe, Letícia Fernandes Garcia por toda a ajuda, as reflexões e o incentivo, pelos abraços revigorantes, conversas amigas e encorajadoras, e pela confiança no meu trabalho.

À amiga distante Flaviane Reis, por todo o apoio quando comecei minha caminhada no mestrado, pela contribuição no pré-projeto e na validação das hipóteses durante a pesquisa realizada.

Ao programa de Pós-Graduação em Linguística, pela oportunidade de realizar esta pesquisa com bolsa de estudante do mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

À especial professora Marianne Rossi Stumpf, minha orientadora, minha amiga. Sempre muito estimulada na superação de meus limites, demonstrou motivação, otimismo e confiança em meus estudos, durante todo o tempo em que tive que oportunidade de trabalhar ao seu lado. Com sua estratégia e incentivos, me orientou a analisar os problemas por diferentes pontos de vista. Obrigada por confiar em mim!

A todos os professores: Ronice Muller de Quadros, Rachel Louise Sutton Spence, Fábio Luiz Lopes da Silva, Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti, Núbia Saraiva Ferreira, Sandra Quarezemin e Aline Lemos Pizzio do mestrado, que de alguma forma contribuíram para minha formação e pela forma compreensiva e agradável com que me ensinaram em suas aulas.

Aos intérpretes de Libras e Língua Portuguesa da UFSC: Gisele Landra Pessini Anater, Jade Geovana Silva Moia, Camila Neves Petropulos da Luz, Daniela Bielecki, Diogo Nunes da Luz, Letícia

Regiane da Silva Tobal e Edgar Correa Veras, que destinaram parte de seu precioso tempo, por sua presença quando da tradução das novidades.

Aos colegas-amigos Kátia Lucy Pinheiro, Carolina Pêgo, Roger Lineira Prestes, Nelson Pimenta, Paulo Henrique Pereira, Ester Basílio, Vanessa Lima Vidal, Daniele Miki Bólozi, Daltro Roque Carvalho da Silva Junior e Miriam Royer, os meninos e meninas da turma de algumas disciplinas do mestrado, que compartilharam os seus conhecimentos no desenvolvimento de estudos, pelas trocas e aprendizagens.

Aos autores conhecidos Mariângela Estelita Barros, Madson Barreto e Raquel Barreto, que me autorizaram a usar os dados dos livros publicados durante a minha pesquisa.

Às bancas examinadoras de qualificação da dissertação de mestrado, em especial, Rachel Louise Sutton Spence e Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, que deram as sugestões sobre meu projeto para melhorar a qualidade da pesquisa.

Ao meu revisor, Tony Rodrigues, pela paciência e dedicação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a importância de se comparar os sistemas de Escrita *SignWriting* e ELiS, do ponto de vista da evolução histórica e concisa dos sistemas de escritas de sinais, das características desses dois sistemas de escrita empregados no Brasil, do funcionamento eficiente da gramática da Libras, mediante um estudo descritivo desses sistemas de escrita de sinais existentes. Para isso foram analisados os livros ‘*Escrita de Sinais sem mistérios*’ (2015) dos autores Madson Barreto e Raquel Barreto, e o livro ‘*ELiS: Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*’ (2015) da autora Mariângela Estelita Barros. Buscou-se autorizar o uso em minha pesquisa desses materiais publicados para analisar apenas livros escritos por esses dois sistemas de escritas de sinais. Como objetivos específicos, pretende-se: a) analisar as características das estruturas de Libras em equivalência com os sistemas *SignWriting* e ELiS; b) apresentar a quantidade de glifos registrados nos sistemas das escritas de sinais e c) identificar a eficácia das análises e discussões com as diferenças e semelhanças na Escrita dos Sinais em cada sistema (*SignWriting* e ELiS). A proposta metodológica adotada baseou-se em Barreto e Barreto (2015) e Barros (2015) que classificam os estudos teóricos dos livros que foram produzidos de acordo com a estrutura de cada sistema das Escritas de Sinais. Os procedimentos adotados para este trabalho consistiram em três etapas: pesquisa bibliográfica, obtenção de dados e análise comparativa. A primeira etapa consistiu em: pesquisa bibliográfica para ser usada, incluindo livros publicados. Na segunda etapa, foi feita a coleta de dados. Esta fase inclui livros para leitura e escrita desses sistemas em uma interpretação evolutiva por parte da pesquisadora. A pesquisadora buscou entender se as informações da gramática de Libras são equivalentes nas Linguagens de Escrita de Sinais *SignWriting* e ELiS. Na terceira etapa, foi feita a análise comparativa para aplicar as normas aos casos dos sistemas de Escrita de Língua de Sinais. Estes casos confirmaram a hipótese da pesquisadora. Para tanto, os dados da análise foram obtidos por meio de um estudo bibliográfico com dois autores de *SignWriting* e uma autora de ELiS. Em resposta ao questionamento, foi possível apresentar as características de sistemas das Escritas de Sinais *SignWriting* e ELiS no desenvolvimento da sua análise comparativa. Na análise e discussão dos resultados são apresentados os dados da pesquisa, mostrando as características de *SignWriting* e ELiS encontradas equivalentemente à Libras nos sistemas registrados em uma análise descritiva entre o sistema *SignWriting* e o sistema ELiS.

Palavras-chave: Libras. Escritas de Sinais. ELiS. *SignWriting*.

ABSTRACT

The general purpose of this study is to analyze the importance of comparing the systems of Writing Sign Languages, *SignWriting*, and ELiS, regarding their history and concise evolution, the characteristics of these writing systems used in Brazil, and if these systems use efficiently the Libras grammar. This evaluation was made through the analytical and descriptive study of these writing Sign Languages. In this study, the published books *Escrita de Sinais sem mistérios* from Madson Barreto and Raquel Barreto (2015), and *ELiS: Sistema brasileiro de escrita das línguas de Sinais* from Mariângela Estelita Barros (2015) were analyzed. We sought the authorization to use this published material in this study once they were written through these writing sign language. The specific goals of this research were: a) to analyze the Libras' structure characteristics regarding the equivalence between *SignWriting* and ELiS systems; b) to present the number of glyphs registered in these writing sign systems, and c) to show the analysis and discussions effectiveness related to the convergences and divergences in Writing Signs on each system (*SignWriting* and ELiS). The methodology adopted was based on Barreto e Barreto (2015) which classifies the theoretical studies of books produced according to the structure of each Writing Signs system. The procedures adopted for this study consisted of three stages: bibliographical research, data collection, and comparative analysis. The first stage consisted of bibliographical research, including published books. In the second stage, the data collection was made. This phase included books for reading and writing from these systems for an evolving interpretation by the researcher. The researcher aimed to understand if the information on the Libras' grammar were equal to *SignWriting* and ELiS Writing Sign. In the third stage, the comparative analysis was made to apply the rules to the cases of Writing Sign Languages' systems. These cases have confirmed the researcher's hypothesis. The data analysis was obtained through a bibliographic study with two authors of *SignWriting*, and an author of ELiS. In response to the questioning, it was possible to present the characteristics of Writing Sign systems (*SignWriting* and ELiS) in the development of its comparative analysis. In the analysis and discussion of the results, research data were presented and they have shown that *SignWriting* and ELiS have presented characteristics equal to Libras in the registered systems in a descriptive analysis between *SignWriting* and the ELiS systems.

Keywords: Libras. Writing Sign Languages. ELiS. *SignWriting*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma hierarquia dos vários elementos da escrita.....	43
Figura 2 - Sinalização para LUA.....	71
Figura 3 - Sinalização de SOL	71
Figura 4 - Sinalização de TRÂNSITO e PASSAR-UM-PELO-OUTRO.	73
Figura 5 - Perspectiva receptiva no sistema <i>SignWriting</i>	93
Figura 6 - Datilologia em <i>SignWriting</i>	110
Figura 7 - Teste-t.....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - E-mail encaminhado para as universidades em 18/03/2016	25
Quadro 2 - Universidades federais que têm o sistema <i>SignWriting</i>	26
Quadro 3 - E-mail encaminhado para a criadora do sistema ELiS em 26/03/2016.	27
Quadro 4 - Universidades federais que têm o sistema ELiS	27
Quadro 5 - E-mail encaminhado para as escolas em 29/03/2016.....	28
Quadro 6 - Escolas públicas que têm o sistema <i>SignWriting</i>	29
Quadro 7 - Escola pública que tem o sistema ELiS	29
Quadro 8 - Produções para o público infantil em <i>SignWriting</i>	30
Quadro 9 - Soletração das escritas de sinais	69
Quadro 10 - Modelos de casa.....	76
Quadro 11 - Configurações de Mão no sistema <i>SignWriting</i>	94
Quadro 12 - Configurações de Dedos no sistema ELiS	96
Quadro 13 - Orientações da Palma à parede de frente no sistema <i>SignWriting</i>	97
Quadro 14 - Orientações da Palma ao chão no sistema <i>SignWriting</i>	97
Quadro 15 - Orientações da Palma no sistema ELiS	98
Quadro 16 - Tipos de Contatos no sistema <i>SignWriting</i>	98
Quadro 17 - Pontos de Articulação no sistema <i>SignWriting</i>	99
Quadro 18 - Visografemas no sistema ELiS	99
Quadro 19 - Letras do Movimento no sistema ELiS.....	102
Quadro 20 - Símbolos de Movimentos	104
Quadro 21 - Movimentos de Plano Vertical	105
Quadro 22 - Movimentos de Plano Horizontal	106
Quadro 23 - Movimentos de Plano Diagonal.....	107
Quadro 24 - Movimentos dos Dedos	107
Quadro 25 - Tempos do Movimento.....	108
Quadro 26 - Movimentos de Dinâmicas	108
Quadro 27 - Símbolo de Pontuação no sistema <i>SignWriting</i>	109
Quadro 28 - Letras de pontuação no sistema ELiS	109
Quadro 29 - Datilologia em ELiS	110

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Verificação de comparação dos sistemas <i>SignWriting</i> e ELiS por cada sinal.....	121
Tabela 2 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal GOSTAR	122
Tabela 3 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal FELIZ	124
Tabela 4 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal TRABALHAR.....	126
Tabela 5 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal CASA.....	128
Tabela 6 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal BARBA	131
Tabela 7 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal PROCURAR PARA FOTOGRAFAR.....	133
Tabela 8 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal CAIR-GOTA	135
Tabela 9 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal COLOCAR CHAPÉU	137
Tabela 10 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal JUBA	139
Tabela 11 - Glifos utilizados de Escritas das Línguas de Sinais no Tópico	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASG – Associação dos Surdos de Goiás
ASL – American Sign Language
CD – Configuração de Dedo
CM – Configuração de Mão
CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa
DI – Descrição Imagética
EaD – Educação a Distância
EAI – Estruturas Altamente Icônicas
ELAN – EUDICO Linguistic Annotator
ELiS – Escrita das Línguas de Sinais
ENM – Expressões Não Manuais
L1 – Primeira Língua
L2 – Segunda Língua
Libras – Língua Brasileira de Sinais (esse termo é usado nacional e legalmente)
LO – Língua Oral
LS – Língua de Sinais
LSF – Língua Francesa de Sinais
Mov – Movimento
OP – Orientação de Palma
PA – Ponto de Articulação
PNE – Plano Nacional de Educação
PUC/ GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais
*SignWriting*¹ – Escrita de Sinais
TE – Transferência Espacial
TI – Transferência de Incorporação
TL – Transferência de Localização
TM – Transferência de Movimento
TTF – Transferência de Tamanho e Forma
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

¹ *SignWriting* é usado pelas letras itálicas por marcar em registro de nome do sistema de Escrita de Sinais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 A MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	17
1.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA COMO ESTAGIÁRIA.....	20
1.3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA REALIZADA	21
1.4 HIPÓTESE	22
1.5 JUSTIFICATIVA	22
1.6 O TRABALHO DA ORGANIZAÇÃO DA PRESENTE PESQUISA.....	23
1.7 AMBIENTE DE ESCRITAS DE SINAIS	24
1.8 LIVROS DE LITERATURA INFANTIL SURDA.....	30
1.9 CONTEXTUALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA ELIS	32
1.10 DOCUMENTAÇÃO OFICIAL PNE 2014: AS ORIENTAÇÕES SOBRE O USO DAS ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	34
1.11 CONTEXTUALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO SOBRE O SISTEMA <i>SIGNWRITING</i> NO BRASIL.....	35
2 A HISTÓRIA DA ESCRITA: CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO NO TEMPO	39
2.1 REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS	47
2.2 RELAÇÃO COM AS CONSIDERAÇÕES NOS SISTEMAS <i>SIGNWRITING</i> E ELIS.....	52
2.3 DISCUSSÃO SOBRE A PERSPECTIVA TERMINOLÓGICA DE ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS	55
2.4 QUIREMA E QUEREMA	56
2.5 GLIFO	59
2.6 PILHA	60
2.7 VISOGRAFEMAS	62
2.8 GESTOGRAFIA	64
2.9 GRAFEMA	66

2.10	LÉXICO	68
2.11	ICONICIDADE.....	74
2.12	DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS.....	77
2.13	TÓPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	82
2.14	SISTEMAS DE ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS NO BRASIL	89
2.14.1	Símbolo de Pontuação	108
2.14.2	Datilologia	109
2.14.3	Letras de diacríticos	111
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	113
3.1	OBJETIVO GERAL	113
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	113
3.3	MÉTODO DE PESQUISA	113
3.4	TIPOS DE MÉTODOS DA PESQUISA	114
3.5	INSTRUMENTOS.....	115
3.5.1	Carta aberta.....	115
3.5.2	Escolas e universidades	115
3.5.3	Grupo de pesquisa e estudo em <i>Sign Writing</i>	116
3.5.4	Teste-t	116
4	ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRUTURAS ENTRE SIGNWRITING E ELIS.....	119
4.1	SINAL – GOSTAR.....	122
4.2	SINAL – FELIZ	123
4.3	SINAL – TRABALHAR.....	125
4.4	SINAL – CASA	128
4.5	SINAL – BARBA	129
4.6	SINAL – PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR.....	132
4.7	SINAL – CAIR-GOTA	134
4.8	SINAL – JUBA	139

4.9	SINAL – CARRO, JOÃO GOSTA.	141
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
5.1	<i>SIGNWRITING</i>	147
5.2	ELIS.....	148
	REFERÊNCIAS	151
	ANEXO A	165
	ANEXO B.....	175
	ANEXO C	177
	ANEXO D	179

1 INTRODUÇÃO

1.1 A MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Eu, Gabriela Otaviani Barbosa, nasci em Goiânia – Goiás, aos 21 de fevereiro de 1992, mas morava em Trindade – Goiás. Sou a última de dois filhos, e sou a única surda da família. Meus pais, goianos, de origem ‘genuinamente brasileira’ (bisnetos e tataranetos de negros e italianos), são comerciantes de empresa privada no ramo de madeireiras. Ambos atuaram na área de administração. E meu irmão mais anoso, formado em Direito pela PUC-GO, desenvolve os trabalhos com meus pais nesta empresa.

Meu acesso a Libras como minha primeira língua natural foi graças à aceitação dos meus pais sobre minhas necessidades de vida, e ainda, pela vontade de que eu me tornasse bilíngue para comunicar as duas diferentes modalidades linguísticas: Libras como L1 e português escrito como L2. A Libras me revelou, aos 5 (cinco) anos de idade, fala com as mãos para a expressão das palavras e “ouvir” com os olhos para o recebimento das palavras no meu desenvolvimento de linguagem.

Desde a descoberta da surdez profunda em ambos os ouvidos, aos 11 meses de idade, meus pais se dedicaram a me levar à fonoaudióloga para praticar a pronúncia da fala e leitura labial, com uso de aparelhos sonoros. E, também, frequentava a escola especial para as crianças surdas com as professoras ouvintes que sabem Libras no nível básico, na Vila São José Bento Cottolengo, no interior de Goiás.

Nesse contexto, minha mãe é a única pessoa que sabe Libras basicamente de toda a família, e nunca se cansou de me ajudar no crescimento da aprendizagem no dia a dia, em ler e escrever juntas. Comecei a estudar com 1 (um) ano e 3 (três) meses de idade; minha mãe recortava figuras de objetos, comidas, partes do corpo humano e coisas do dia a dia e escrevia a palavra correspondente a cada figura e me ajudava a fazer a associação entre a palavra e a figura; eu adorava aquela “brincadeira”, que me ajudou muito no desenvolvimento de minha alfabetização.

Aos 7 (sete) anos de idade, entrei no curso particular de Kumon. Meu objetivo essencial era aprender a ler e escrever em português para saber como construir as frases exatas e os textos mais claros com as figuras (imagens) nos estudos gerais da disciplina de Língua Portuguesa, ao contextualizar os períodos de atividades realizadas na aprendizagem de alfabetização e de letramento nas etapas das tarefas práticas. Na

realidade, às vezes sinto raiva e angústia, pois tive muita dificuldade em meu aprendizado, no processo de leituras, principalmente, na apropriação dos significados das palavras, e, na escrita; eram muito curtos os textos em português, e não passei muito bem nas provas. Isso foi uma péssima parte da minha vida, porque senti falta de uma professora que soubesse Libras. Sempre fui pouco entendida pela professora ouvinte do Kumon. Ela falava muito rápido, eu não conseguia entender muito bem o que ela me ensinava com alguns conteúdos das tarefas realizadas. Até que, não estava aguentando mais estudar naquele local, e desisti de tudo.

Nesse contexto, surgiu a minha experiência de ser bilíngue nas diferentes modalidades: escrita e leitura em português e Libras. Quatro anos atrás fiquei interessada em aprender a ler e escrever em *SignWriting* com a professora de Escrita de Sinais que a minha amiga indicou de forma tão importante, porque fez parte da minha língua. Infelizmente, lá em Goiânia não tem cursos de sistema *SignWriting*, apenas sistema ELiS. Por alguns meses, tive oportunidade de comprar um livro prático de *SignWriting* através do *site*. O objetivo era estimular a vontade de escrever e ler os demais glifos dos símbolos de *SignWriting* que são muito visuais no desenvolvimento da aprendizagem, porém, tenho dificuldade de memorizar alguns símbolos (glifos) de CM e Mov; eles são complexos para mim, porque há a falta de integração com os professores e alunos durante a aula de Escrita de Sinais. Por isso, estudei tudo sozinha neste livro. Já o sistema ELiS aprendi com a professora Mariângela Estelita Barros, que ensinou os conteúdos sobre o sistema da Escrita das Línguas de Sinais durante os meus estudos na graduação.

Durante o início de minha juventude e minha adolescência, estudei em várias escolas públicas inclusivas no ensino fundamental e médio, situadas em Trindade – Goiás, e sempre fui dependente dos intérpretes de Libras nas salas de aula.

Toda a minha instrução formal até a data de ingresso neste mestrado foi em Goiânia. Foi lá que recebi a instrução básica, foi na UFG que fiz a graduação em Letras/ Libras no ano de 2010/1, na segunda turma deste curso.

Minha experiência de estagiária da UFG, aos 20 anos de idade começou com um trabalho voluntário por pouco tempo na área de ensino de Libras para alunos surdos. Nesse campo, atuei em uma escola pela Associação dos Surdos de Goiás (ASG) e na Universidade Federal de Goiás (UFG). Pela primeira vez, tive a grande oportunidade de atuar

como professora surda de Libras, considerando o aumento de interesse dos alunos surdos nessas instruções por Libras.

Aos 22 anos de idade, a pedido da professora doutora ouvinte da UFG, Mariângela Estelita Barros, fui convidada em ser colaboradora voluntária no grupo do projeto "Dicionário Capovilla em ELiS", situado na Faculdade de Letras da UFG, em parceria com o Instituto de Informática e que conta com a participação de vários alunos surdos e ouvintes, e ex-alunos do curso de Letras/ Libras da UFG. O objetivo desse projeto é escrever em ELiS os 10.297 sinais de Libras contidos na 3ª edição do DEIT-Libras (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue) organizado por Capovilla, Raphael e Maurício. O trabalho contará com etapas de escrita, revisão e revisão final, bem como a elaboração de artigo sobre a ELiS para constar nos textos externos do dicionário. Depois de 8 (oito) meses, deixei esse trabalho que está quase concluído para me mudar para Florianópolis (SC) e iniciar minha nova trajetória de mestrado dentro da UFSC.

Mudei-me para Florianópolis (SC) em 23 de fevereiro de 2015, mudando de outra cidade adotada, estando a distância da família, e dos amigos goianos, da casa confortável, e das comidas favoritas de Goiás, dos lugares conhecidos do cerrado, e de todo o mundo que já passou pelas partes de minha vida.

Agora virei Manezinha de coração, mas sou Goiana para sempre. Felizmente, estou na busca de vida de estudante para os novos relacionamentos do crescimento de aprendizagem intelectual, da cultura catarinense, da natureza e da generosa ilha da magia. Só não chego a me adaptar muito bem com o frio e com a chuva, às vezes na rotina de vida isso é muito difícil para as atividades do cotidiano, em que há a vontade de ver o céu azul e o sol bem forte de Goiânia, cidade calorosa e muito seca.

Resido com os brasileiros e os estrangeiros, sempre me acompanharam a supermercados, bancos, shoppings, festinhas, aniversários dos amigos, e praias da linda ilha. E eles se juntaram a mim no esforço da realização deste trabalho. Trouxeram o melhor remédio para amenizar os momentos difíceis. Sempre adoramos receber muitos amigos em casa para fazer as comidas tão gostosas e bater papo como segunda família.

E foi em meio a toda a essa realidade de vida que fui realizando esta pesquisa, pois não pude deixar de colocar a dimensão da minha vida de perfil durante toda a sua forma de realização do trabalho, inclusive nesta apresentação feita.

1.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA COMO ESTAGIÁRIA

Em minha experiência de estagiária, desenvolvi um trabalho como voluntária. No período dos meus estudos do Letras/Libras da UFG, o início do meu contato com a ELiS ocorreu em 2012/1, eu já estudava há 1 (um) ano e 3 (três) semestres. Já tinha ouvido falar sobre *SignWriting* antes de estudar ELiS, mas nunca me pus a escrever, embora conseguisse ler os símbolos que eram muito claros e visuais, para entender com muita facilidade. Infelizmente, a UFG não ofereceu algumas disciplinas optativas do sistema *SignWriting*.

No último ano, o de minha conclusão do curso de Letras/Libras em 2013/2, tive a oportunidade de fazer o projeto de oficina de Libras dentro da disciplina de estágio obrigatório IV, com o intuito de divulgar a aquisição de Libras. Assim, propomos o tema “*Um olhar sobre o ensino de ELiS e a diferença surda na tecnologia*”. Essa oficina propiciou a ouvintes e surdos desenvolver, exercitar, explorar e ampliar o vocabulário no processo de aprendizagem de escrita por meio visual. Comunicar e interagir utilizando estratégias de ensino, experiências visuais com recursos materiais visuais desenvolvidos e relacionados à educação, didática e dinâmica, entre outros, envolve uma integração de fatores contextuais e internos da relação entre professor e aluno, que podem tanto favorecer o processo de aquisição da Língua de Sinais Brasileira como desenvolver o desempenho em sala de aula e obter qualidade de aprendizagem.

Durante as aulas, ministrei uma sobre material didático, e tivemos uma atividade prática: corpo da menina em desenho e os visografemas da ELiS. Ocorreu neste dia que os alunos deveriam dividir-se em grupo "A" e "B" para fazer a dinâmica do corpo da menina (em desenho), e colocar os visografemas da ELiS, em sala de aula, considerando apenas o Ponto de Articulação; e as suas oportunidades de aprender com as práticas possibilitariam ganhar uma caixa de bombons. Por poucos minutos, percebi que um rapaz surdo participou da oficina como ouvinte, ele não sabia nada de ELiS ainda, mas conseguiu ler a ELiS, e fez um sinal correto. Fiquei impressionada com isso, como é possível pesquisar a comparação dos sistemas de escritas das línguas de sinais entre *SignWriting* e ELiS. Além, o objetivo desta dissertação foi investigar se os alunos surdos não conheceram esses dois sistemas da Escrita das Línguas de Sinais, principalmente, com sua possibilidade de expressar naturalmente o entendimento dos signos que apresentam significante e significado em Libras, signos traduzidos por Escritas das

Línguas de Sinais para sinalizante através da sua língua natural, identidade e cultura surda.

Defino a minha experiência de estudo no uso do sistema *SignWriting*: fui convidada como estagiária de docência para ministrar uma disciplina obrigatória de Escrita de Sinais II com a professora responsável Marianne Rossi Stumpf da UFSC. Trabalhávamos na disciplina do curso de Letras/ Libras EaD, conveniada pela UFSC com 3 (três) diferentes polos: Joinville (SC), Santa Rosa (RS) e São Luis (MA). Isso era requisito parcial para aprovação na disciplina do segundo semestre de 2015. Além disso, atualmente também sou membro do grupo de pesquisas de estudos em *SignWriting* coordenado por Marianne Rossi Stumpf, registrado no CNPq, com encontros na UFSC de 15 em 15 dias para interagir com os colegas pesquisadores sobre a produção do conhecimento de lacunas técnicas e científicas do sistema *SignWriting* para leitura e escrita das línguas de sinais.

Finalmente, também comecei a estudar mais sobre o sistema *SignWriting* nos vários livros de Barreto, Stumpf e Sutton, e aproveitei para preparar o pré-projeto de mestrado, ao mesmo tempo, com o tema “*A arte de escrita das línguas de sinais: língua, identidade e cultura surda*” (com os seres humanos). Fui aprovada, e troquei o tema realizado para “*A arte de escrever em Libras*”, pois anteriormente iria pesquisar com os surdos que sabem muito bem dois sistemas de escritas de sinais, mas depois verifiquei que a maioria dos surdos conhece só um sistema, não teria como o meu trabalho ser desenvolvido. Assim, segui as sugestões da minha orientadora para mudar a metodologia de seres humanos para livros publicados. Na subseção 1.3 a seguir explico o que aconteceu na pesquisa realizada.

1.3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA REALIZADA

Inicialmente, o projeto da dissertação de mestrado intitulado “*A arte de escrever em Libras*”² tinha como objetivo geral analisar a importância de se comparar os sistemas de escrita *SignWriting* e ELiS do ponto de vista de como ocorreu a evolução da história concisa das escritas de sinais, das características dos sistemas que funcionaram eficientemente com a gramática de Libras usando essas escritas no Brasil, mediante um estudo descritivo da escrita de sinais de um desses casos considerando dois sistemas das escritas de sinais existentes. No

² A dissertação intitulada foi especificamente pesquisada sobre gramática de Libras e se relacionou com os sistemas de Escritas de Sinais.

entanto, era preciso que a análise focasse também o processo de pesquisa, incluindo as produções escritas e as relações afetivas.

1.4 HIPÓTESE

Realizei minha hipótese e surgiram os questionamentos para pressupor (provar) os resultados finais dessa análise durante minha pesquisa de dissertação, a partir de um estudo descritivo de duas escritas de sinais: *SignWriting* e ELiS de acordo com estruturas de cada sistema à procura de se traçar uma análise descritiva, sistemática, explicada, e a análise de uma explicação de fatos e fenômenos de determinada realidade de cada um dos sistemas registrados.

Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: quais as semelhanças e diferenças entre *SignWriting* e ELiS? Quantos e quais são os glifos de cada um dos sistemas de escrita em análise e quais deles são representados com mais glifos? Os sistemas de escrita revelam a gramática da LS?

Com base nesses questionamentos, levanta-se a hipótese de que é possível encontrar os últimos resultados no processo de análise e discussão e pretende-se, também, responder aos questionamentos citados acima.

1.5 JUSTIFICATIVA

A título de compreender sobre a relevância desta pesquisa para a Linguística dentro das Escritas das Línguas de Sinais, entende-se ser necessário esclarecer mais sobre como se pretende investigar as questões-pesquisa, ou seja, é necessário especificar a respeito dos dois sistemas da escrita de sinais *SignWriting* e ELiS, mas se vê a necessidade de ampliar as investigações relativas em gramática de Libras, pois esta se mostra num relacionamento equivalente com as principais características dos sistemas de escritas de sinais.

A escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da

civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2013, p. 63).

Atualmente no Brasil existem três sistemas de escritas de sinais em uso, são eles: *SignWriting* (SUTTON, 1974), ELiS (BARROS, 2008) e SEL (OLIVEIRA, 2011) nos níveis de escolaridade e nas modalidades de ensino. A comunidade surda que sabe muito bem língua de sinais brasileira tem muita facilidade de ler e escrever em Escrita de Sinais. Contudo, defende-se a adoção de um sistema para utilizar a escrita de sinais no currículo, pois se procura pelo melhor grafema original, mais rápido, mais simplificado, esquemático, acessível à educação de Surdos.

É neste contexto que comparecem os movimentos sociais de luta pela carta aberta enviada ao MEC, o grupo de pesquisadores de Escrita de Sinais discutirem com a FENEIS sobre o processo de escrita da carta ao levar o levantamento de suas existências, e desse modo é que constroem seu pertencimento a dadas comunidades, sua participação em datas registradas no uso de sistema de escrita de sinais, quanto aos procedimentos para formalização no currículo ao ensino das escolas e universidades brasileiras da Escrita de Sinais pelo sistema optado estar adotado em muitas instituições.

Por fim, os sistemas de escritas de sinais são totalmente diferentes, pois as escolas e/ou faculdades federais do curso de Letras/Libras optaram por um sistema no qual trabalham com a comunidade linguística acadêmica de Libras no desenvolvimento de aquisição de linguagem com muita flexibilidade de ler e escrever na escrita de sinais.

1.6 O TRABALHO DA ORGANIZAÇÃO DA PRESENTE PESQUISA

No primeiro dos cinco capítulos que compõem essa dissertação apresentam-se os resultados de pesquisas realizadas sobre as Escritas das Línguas de Sinais no Brasil associada a pesquisas na área de Linguística Aplicada que descrevem os passos de um processo de pesquisa, sendo a “**Introdução**” o capítulo 1, onde apresento o escopo da pesquisa.

No capítulo 2, “**Estudos teóricos**”, mostro como este trabalho foi fundamentado com bases nos estudos linguísticos realizados em escritas das línguas de sinais. Para isso neste capítulo farei um apanhado geral de algumas pesquisas no que tange principalmente às características dos sistemas representados *SignWriting* e ELiS e o funcionamento desses sistemas equivalendo à gramática da Libras.

No capítulo 3, busco contextualizar as “**Reflexões sobre a perspectiva de vários termos dentro da escrita de sinais**” e discuto cada termo apresentado pelos autores, como *pilha*, *quirema*, *querema*, *visografema*, *gestografia*, *glifo* e *grafema* para, então, chegar às considerações desses termos utilizados com base em Barreto e Barreto (2015), Barros (2008), Bózoli (2015), Capovilla e Raphael (2001), Galea (2014), Oliveira (2015), Stokoe (1960), Stumpf (2005), entre outros. Em seguida explicito quanto aos sistemas da escrita das línguas de sinais, mais especificamente os termos de sistemas.

No capítulo 4, a “**Metodologia da pesquisa**”, apresento a orientação metodológica da pesquisa, bem como as situações de dados iniciados que abarcam procedimentos de dois tipos dos métodos de pesquisa, são eles: ‘*pesquisa bibliográfica*’ e ‘*pesquisa descritiva*’. Elas têm por objetivo, no primeiro tipo, analisar sobre a evolução de história das escritas das línguas de sinais no Brasil com a interação entre as variáveis existentes nos sistemas utilizados *SignWriting* e ELiS.

No capítulo 5, “**Análise comparativa das estruturas de Escritas das Línguas de Sinais: SignWriting e ELiS**”, são apresentados os dados observados na pesquisa descritiva, pela qual analisei de que forma as características dos sistemas *SignWriting* e ELiS refletem a gramática da Libras, e como se apresenta o fato ou o fenômeno através da perspectiva nessa comparação desses sistemas.

1.7 AMBIENTE DE ESCRITAS DE SINAIS

O curso de Letras/Libras, na modalidade presencial, é uma proposição para atender tanto às demandas pela inclusão dos surdos na educação como para o oferecimento de Libras nos cursos de Pedagogia, Licenciaturas e Fonoaudiologia, conforme previsto no Decreto n. 5.626/ 2005 que regulamenta a Lei de Libras 10.436/2002, bem como para garantir a acessibilidade aos surdos por meio da Libras, conforme previsto na Lei de Acessibilidade 5.296/2004. São cursos de licenciatura e de bacharelado para formar

professores e tradutores e intérpretes de Libras, respectivamente. (QUADROS, 2015, p. 9-10).

Nesse sentido há de se demonstrar a importância da oferta de disciplinas especificadas de Escritas de Sinais do ensino superior para o ambiente linguístico em Libras. Os estudos linguísticos em Escrita de Sinais têm diferentes concepções a respeito do falante de Libras, e, cada qual à sua maneira, produz os objetos em seu pensamento para identificar os diversos mecanismos de poder utilizados por saberes, culturas, valores e identidades na educação de surdos.

Desde então, os dois sistemas de escritas (*SignWriting* e ELiS) têm sido usados e difundidos; o SEL não tem sido ensinado no uso de escrita de sinais no currículo na educação geral. No ano de 2016, com a lista dessas universidades, fiz contato via Gmail (ver Quadro 1 a seguir), perguntando a cada uma delas se a escrita *SignWriting* ou ELiS era oferecida nas disciplinas obrigatórias de níveis I, II, e/ou III no currículo do ensino superior no curso de Letras/Libras.

Quadro 1 - E-mail encaminhado para as universidades em 18/03/2016

Olá,

Sou a Gabriela Otaviani Barbosa, mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015/1), na área de concentração: Língua Brasileira de Sinais, orientada pela Professora Doutora Marianne Rossi Stumpf, desenvolvendo pesquisas especificamente em Escritas das Línguas de Sinais.

Gostaria de saber: sua universidade federal oferece as disciplinas de sistema *SignWriting* ou ELiS no currículo do curso de Letras/ Libras?

1- Coloque em uma sigla o nome da universidade onde você trabalha:

2 - Disciplinas, marque 'X':

- () obrigatória
() optativa

3 - Sistemas, marque 'X':

- () *SignWriting*
() ELiS

Muito obrigada pelo seu apoio!!!
Gabriela Otaviani Barbosa

Fonte: A autora (2016).

Esse e-mail foi enviado a 28 universidades do Brasil. Seguem no Quadro 2 os contatos e as respectivas respostas. 18 universidades públicas de diversos estados brasileiros usam o sistema *SignWriting* responderam ao e-mail. Entrei em contato presencial com os meus colegas da UFSC, todos eles responderam sobre a existência da oferta da disciplina de Escrita de Sinais no curso de Letras/ Libras. Apenas 10 professores responsáveis das instituições não responderam ao e-mail. Há ainda uma carta aberta de 01/12/2014 que recebi de minha orientadora para saber quantas universidades federais brasileiras têm o sistema *SignWriting* como Sistema utilizado na Educação de Surdos Brasileiros. Essa carta aberta foi enviada ao Ministro da Educação do Brasil (ver Anexo A).

Quadro 2 - Universidades federais que têm o sistema *SignWriting*

Nº	Sistema <i>SignWriting</i>
01	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
02	Universidade Federal do Paraná – UFPR
03	Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
04	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
05	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
06	Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES
07	Universidade Federal de Uberlândia – UFU
08	Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO
09	Universidade Federal de Alagoas – UFAL
10	Universidade Federal do Ceará – UFC
11	Universidade Federal de Sergipe – UFS
12	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
13	Universidade Federal do Maranhão – UFMA
14	Universidade Federal do Tocantins – UFT
15	Universidade Federal da Paraíba – UFPB
16	Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
17	Universidade Federal do Pará – UFPA
18	Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Fonte: A autora (2016)

No dia 26 de março de 2016 fiz contato via Gmail (ver Quadro 3 a seguir) com a criadora do sistema ELiS, perguntando se a ELiS era oferecida nas disciplinas obrigatórias I, II e/ou III no currículo do ensino superior, do ensino fundamental e sobre as produções infantis em ELiS.

Quadro 3 - E-mail encaminhado para a criadora do sistema ELiS em 26/03/2016.

Olá Estelita, como vai?

Gostaria de saber se você pode me informar mais sobre 'Quantas universidades federais do Brasil estão oferecendo uma disciplina de ELiS?', 'Quantas escolas usam sistemas de ELiS?', 'Quantas são as produções infantis em ELiS no ano de 2016?'.

Abraço

Fonte: A autora (2016).

Apenas 3 (três) universidades públicas da região Centro-Oeste (ver Quadro 4), e 1 (uma) escola pública goiana (ver Quadro 7) que usam o sistema ELiS responderam ao *e-mail* da criadora desse sistema, Mariângela Estelita Barros. Em 29 de março de 2016, ela respondeu sobre a existência do oferecimento da ELiS na disciplina obrigatória de Escrita de Sinais no currículo.

Quadro 4 - Universidades federais que têm o sistema ELiS

Nº	Sistema ELiS
01	Universidade Federal de Goiás – UFG
02	Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
03	Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Fonte: A autora (2016)

No dia 29 de março de 2016 entrei em contato por e-mail (ver Quadro 5) com 20 escolas, perguntando se o sistema *SignWriting* era oferecido nas disciplinas do currículo do ensino fundamental ou ensino médio.

Quadro 5 - E-mail encaminhado para as escolas em 29/03/2016.

Olá,

Sou a Gabriela Otaviani Barbosa, mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015/1), na área de concentração: Língua Brasileira de Sinais, orientada pela Professora Doutora Marianne Rossi Stumpf, desenvolvendo pesquisas especificamente em Escritas das Línguas de Sinais.

Gostaria de saber: sua escola oferece as disciplinas de sistema *SignWriting*, ou ELiS no currículo do ensino fundamental e do ensino médio?

1- Coloque o nome da escola onde você trabalha:

2 - Disciplinas, marque 'X':

() obrigatória

() optativa

3 - Sistemas, marque 'X':

() *SignWriting*

() ELiS

Att,.

Fonte: A autora (2016).

Das 20 escolas, 1 (uma) escola gaúcha respondeu ao e-mail dizendo que usa o sistema *SignWriting*, 1 (uma) escola respondeu negando a existência de Escrita de Sinais no currículo, e 18 escolas não me deram nenhum retorno das respostas. Além disso, há 11 escolas públicas de diversas cidades do Estado de Rio Grande de Sul no uso de sistema *SignWriting* que responderam à dissertação de Erika Vanessa de Lima Silva de 2013 (ver no Quadro 6), todas estas responderam sobre a existência do oferecimento da disciplina de Escrita de Sinais no currículo.

Quadro 6 - Escolas públicas que têm o sistema *SignWriting*

Nº	Sistema <i>SignWriting</i>
01	Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (Porto Alegre – RS)
02	Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores – CMET (Porto Alegre – RS)
03	EMEF de Surdos Bilíngue Salomão Watnick (Porto Alegre – RS)
04	Escola de Surdos Especial Concórdia – ULBRA (Porto Alegre – RS)
05	Escola Estadual para Surdos Padre Reús (Esteio – RS)
06	Escola Municipal de Ensino Fundamental para Surdos Vitória (Canoas – RS)
07	Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser (Santa Maria – RS)
08	Escola Luterana de Ensino Médio São Mateus (Sapiranga – RS)
09	Escola de Ensino Fundamental Helen Keller (Caxias do Sul – RS)
10	Escola Especial Professor Alfredo Dub (Pelotas – RS)
11	Escola de Ensino Médio Concordia para Surdo (Santa Rosa – RS)
12	Escola Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário (Santa Cruz – RS)

Fonte: Silva (2013, p. 28 – 29) e a autora (2016).

Quadro 7 - Escola pública que tem o sistema ELiS

Nº	Sistema ELiS
01	Escola Estadual Colemar Natal e Silva (Goiânia – GO)

Fonte: A autora (2016)

Por fim, é importante salientar para que serve o conteúdo das disciplinas obrigatórias e não obrigatórias de Escrita de Sinais numa instituição. As instituições precisam estimular o constante aprendizado dos estudantes. A aprendizagem de qualquer sistema de Escrita de Sinais demanda atividades práticas. A relação com o professor pode despertar o interesse dos estudantes, motivando-os a estudar, a criar, a conhecer mais o mundo por meio de educação. A oferta dessas disciplinas poderá ser vista como necessária para o funcionamento de todo o sistema educacional, na forma de atuação, assim como na seleção do currículo nas escolas e universidades.

1.8 LIVROS DE LITERATURA INFANTIL SURDA

Um dos livros infantis de literatura escritos com *SignWriting* são as histórias e ensinamentos fundamentais da cultura surda como artefato do contexto cultural do ambiente linguístico em Libras para serem aplicados em casa e/ ou na escola, despertando nas crianças surdas a importância dos valores linguísticos da escrita de sinais. Esses livros de literatura (ver Quadro 8 a seguir) trazem grandes aprendizagens envolvendo ricas informações.

Comecei a pesquisar através do Google, via *internet*, quantos livros foram publicados em *SignWriting* e encontrei 11 títulos disponíveis (ver Quadro 8). Também entrei em contato com o grupo de estudos e pesquisas em *SignWriting* da UFSC via WhatsApp, alguns pesquisadores responderam que havia provavelmente apenas 11 livros publicados com esse sistema. Já quanto aos livros em sistema ELiS ainda não há publicações.

Quadro 8 - Produções para o público infantil em *SignWriting*

Nº	Livros escritos no sistema <i>SignWriting</i>
01	BOLDO, J. &; OLIVEIRA, C. E. A cigarra surda e as formigas . Erechim, RS: CORAG, 2004.
02	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volumes: I e II . São Paulo: EDUSP, 2001.
03	KUCHENECKER, L. G. O feijãozinho Surdo . Tradução para escrita da língua de sinais: SILVA, E. V. L. e; LARA, A. P. G. Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2009.
04	RIBEIRO, S. DAVI . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
05	RIBEIRO, S. NOE . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
06	RIBEIRO, S. O menino, o pastor e o lobo . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
07	RIZZI, A. Manoelito : O palhaço tristonho. Porto Alegre: E. do Autor, 2009.
08	RIZZI, A. Maonoelito : Sol e as ovelhas. Porto Alegre: E. do Autor, 2011.
09	SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. Cinderela Surda . Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2003.
10	SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. Rapunzel

	Surda. Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2003.
11	STROBEL, K. Uma menina chamada Kauana. Tradução: STUMPF, M. R.; COSTA, A. C. R. da. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.

Fonte: A autora (2016).

O primeiro deles, *SignWriting*, foi criado pela norte-americana Valerie Sutton na Dinamarca em 1974. Nos anos anteriores, Sutton havia criado um sistema para escrever passos de dança chamado *DanceWriting* (BARRETO; BARRETO, 2012, p. 38), mas com o passar dos anos ele se tornou um sistema de escrita de sinais. O *SignWriting* é composto por aproximadamente 900 símbolos, representando as configurações de mão, orientações de mão, contato, movimentos, locações, e expressões faciais.

O principal pensamento de Sutton foi o de criar um sistema *SignWriting* que possibilitasse ler, escrever, ou transcrever as Línguas de Sinais de forma visual direta sem passar por outra língua (oral ou sinalizada) nem mesmo por uma transcrição em glosas. Como o alfabeto latino, que é usado para escrever o Português, o Inglês, o Francês e tantas outras Línguas Orais, o alfabeto de Traços Não Arbitrários do *SignWriting* é internacional e pode ser usado para escrever qualquer Língua de Sinais do mundo (BARRETO, 2013; BARRETO; BARRETO, 2012; SUTTON, 2003).

A década de 1960 foi o marco na área da linguística da língua de sinais. O linguista americano Willian Stokoe foi o primeiro a estudar e descrever a Língua de Sinais Americana como um sistema linguístico complexo, e com parâmetros definidos tanto quanto as línguas orais. A partir desta obra muitos outros estudos foram apresentados atestando o reconhecimento linguístico das línguas de sinais (MARTINS, 2012, p. 154).

Historicamente, entretanto, para marcar essa notação de Stokoe, este estudo optou pela primeira descrição estrutural de ASL para o entendimento da natureza do conhecimento linguístico de suas combinações num termo chamado ‘quirema’ (do grego ‘mão’) para organizar os principais aspectos das unidades formacionais dos sinais.

Stokoe investigou a formação do sinal e definiu três parâmetros que eram realizados simultaneamente na formação de um sinal particular: configuração das mãos, localização e movimento (PEREIRA et al., 2011, p. 59-60). Alguns anos depois, sugeriram a adição de informações referentes a mais dois parâmetros: à orientação da mão e

aos aspectos não manuais dos sinais – expressões faciais e corporais (BATTISON, 1974; 1978). Esses cinco parâmetros foram realmente adicionados aos estudos da área de Libras, que destacou as propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas das línguas sinalizadas.

No Brasil, a Libras é reconhecida como um ambiente linguístico necessário para comunicar aos sujeitos surdos e ouvintes falantes de Libras e é disposta para internalizar conhecimentos de uma língua materna e cultura próprias e que precisam de uma educação que leve em consideração a língua, a identidade e a cultura surda.

1.9 CONTEXTUALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA ELIS

Conforme Barros (2008, p. 25):

Outro sistema de escrita de sinais foi criado no ano de 1997 no Brasil, por Mariângela Estelita Barros. Nessa época, o sistema foi nomeado de ‘AlfaSig’- “Alfa” de “alfabético” e “Sig” do latim “signalis”, mas ao perceber a estreita relação entre “alfa”, ou “alfabético”, com uma representação de sons, descartei o nome. Passou a ser chamado de ‘QuiroSig’ por ser um sistema que representa os “quiremas” dos sinais, de acordo com a nomenclatura criada por Stokoe. No entanto, durante o Estudo-Piloto, a professora da turma em que atuei como pesquisadora percebeu que faltava no nome algo que fizesse referência a “escrita” e não apenas a “sinais”, então, durante um período o sistema teve o nome de ScriSig. Mas foi novamente batizado e hoje é apresentado simples e definitivamente como ELiS, uma sigla para Escrita das Línguas de Sinais.

O principal pensamento de Barros foi o de criar uma forma capaz de proporcionar ao surdo o acesso a uma comunicação escrita na sua própria língua. Para a autora, assim como nós somos falantes de Português e escrevemos em português, o surdo que tem a Libras como língua materna, também pode escrever em Libras. A proposta de escrita de sinais ELiS foi reformulada em 2008 e hoje conta com 95

visografemas capazes de representar os sinais de qualquer língua de sinais de qualquer parte do mundo.

A ELiS é uma escrita linear e alfabética. No quesito linearidade, se escreve da esquerda para direita e é alfabética porque cada letra representa um elemento de um parâmetro, nesse sentido a autora afirma que:

Dizer que a ELiS tem uma estrutura de base alfabética significa dizer que seus símbolos gráficos representam, “bem ou mal”, visemas das LS. Os símbolos representativos de visemas, neste sistema, podem ser denominados mais tecnicamente como visografemas, ou seja, unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos visemas (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras. (BARROS, 2008, p. 25).

Pois, a Libras é estabelecida através de cinco parâmetros, que são: Configuração de Mão (CM), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA), Movimento (Mov) e Expressões Não Manuais (ENM), sendo que em ELiS utiliza-se apenas: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M), uma vez que as Expressões Não Manuais são consideradas como parte do parâmetro de Movimento.

As estruturas de ELiS foram usadas aqui por escrito em uma ordem pré-estabelecida. O sistema ELiS proposto pode ser usado para a escrita de qualquer língua de sinais, apresentando cada uma letra, uma quantidade determinada de visografemas.

Qualquer sistema de escrita apresenta regras de combinação de seus elementos, as letras. Há sistemas, por exemplo, em que determinada letra nunca pode começar ou terminar uma palavra, ou que diacríticos devem ser utilizados para marcar a tonicidade da sílaba ou a altura da vogal. Como essas, várias outras regras existem para tornar um sistema de escrita viável para representar determinada língua e a elas dá-se o nome de *regras grafotáticas*. A ELiS também possui regras grafotáticas que determinam as possibilidades de combinação dos visografemas. Algumas são mais básicas, de uso geral aplicável a todo o sistema, outras regem o uso de um grupo de visografemas ou de diacríticos e outras, ainda, são específicas para determinados visografemas (BARROS, 2015, p. 81).

1.10 DOCUMENTAÇÃO OFICIAL PNE 2014: AS ORIENTAÇÕES SOBRE O USO DAS ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

A documentação oficial do PNE traz em uma de suas orientações sobre como estimular o sistema registrado da escrita de sinais ao diagnóstico do campo de valor linguístico na Educação de Surdos, enquanto o prognóstico consiste na previsão do que poderá acontecer se qualquer escola de surdos que pediu o prognóstico seguir as suas orientações, e proporcionar a opção de um sistema utilizado para trabalhar com o ambiente linguístico de Escrita de Sinais em relação à Libras.

O PNE foi oficialmente sancionado pela Lei n. 13.005 de 25 de junho de 2014, portanto, é uma Política Nacional de Educação Bilíngue condizente para a formação da Identidade Linguística da Comunidade Surda, garantida pela Convenção Internacional sobre Direitos das Pessoas com Deficiência, que reconhece a importância da Língua de Sinais e da Cultura Surda para as Pessoas Surdas (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 71).

Os sistemas das escritas das línguas de sinais no Brasil, como *SignWriting*, ELiS e SEL, são as histórias dos valorizados em defesa destes sistemas registrados nestes últimos anos, uma história que foi e ainda é uma polêmica, em que surdos e ouvintes representantes das comunidades surdas brasileiras, pesquisadores de escrita de sinais do país foram determinados para defender a qualidade de educação para as crianças surdas. Nós vivemos essa história de verdade, pois não podemos negar a nossa história, precisamos ligá-la ao diagnóstico do campo de valor linguístico em escrita de sinais. De acordo com Foucault (1979, p. 14):

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade.

Somos consciência em busca de um debate político legítimo para os professores de escrita de sinais, que significa uma política educacional permeada pelas necessidades e anseios das crianças surdas; uma política que condiz com nossas experiências de vida em busca do respeito aos direitos humanos, e a possibilidade de adquirir a aquisição de escrita e de leitura em qualquer sistema de escrita das línguas de sinais com sua identidade linguística. Athiéres (2004, p. 37) descreveu o pensamento de Foucault sobre a posição da consciência específica, “que não expunha um discurso sobre os acontecimentos, mas atravessava fisicamente cada um deles, e era dessa experiência única que um verdadeiro diagnóstico podia emergir”.

Portanto, todas as comunidades linguísticas têm direito a decidir qual deve ser o grau de presença da sua escrita de sinais, como objeto de estudo em todos os níveis de ensino, e nos modos e meios de comunicação da escrita de sinais mais adequados às pessoas surdas e em ambientes linguísticos que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico para espalhar as divulgações desses sistemas das escritas de sinais no Brasil.

Como um dos resultados dessa opção, houve, novamente, o reconhecimento da escrita de sinais como *SignWriting*, ELiS, e SEL, e conseqüentemente, o direito de os brasileiros oriundos das comunidades linguísticas à preservação de sua escrita de sinais, do que decorre, novamente, o direito de terem escolas específicas e formação de graduados com currículo que atenda e respeite as diferenças linguísticas desses sistemas criados e culturais dessas pessoas. Decorrencia direta dos estudos linguísticos da escrita de sinais nas comunidades surdas é uma compreensão nova da relação da pessoa surda com sua identidade cultural. A escrita das línguas de sinais envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição de Libras como L1 por crianças surdas no desenvolvimento de aprendizagem da leitura e da escrita e é similar ao das crianças ouvintes com a aquisição do português como L1.

1.11 CONTEXTUALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO SOBRE O SISTEMA *SIGNWRITING* NO BRASIL

O sistema *SignWriting*, desde 1996, vem sendo usado em algumas instituições brasileiras por iniciativa da pesquisadora Marianne Stumpf. Esse sistema permite o registro gráfico da sua língua por meio de ícones que mantêm relação de proximidade com o conteúdo pensado em sinais. Ou seja, a comunicação do surdo, por meio de sinais, é

representada pela escrita de sua “fala”, que é visual-espacial. Pelo fato de o sistema *SignWriting* permitir representar a língua natural do surdo, acredita-se que este terá a possibilidade de melhorar, com o uso dessa ferramenta, seu desenvolvimento cognitivo.

É um sistema distinto de signos que tem por objetivo representar a língua dos próprios surdos, que é formada por aspectos linguísticos: fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Para Stumpf (2005, p. 99), “O conhecimento do conceito metalinguístico supõe que para refletir sobre a linguagem é necessário poder colocar-se fora dela, poder observá-la, e isso está intimamente relacionado com a possibilidade de ler e escrever”.

Sobre a escrita visual direta da língua de sinais, ou sistema *SignWriting*, Capovilla e Raphael (2001) defendem que, se fosse uma escrita adotada na educação de surdos, ela poderia conduzir a comunidade surda à conquista de um bilinguismo pleno, pois enquanto isso, em razão das dificuldades em se promover o ensino desse conteúdo, o português escrito continua a ser apresentado, para a maioria dos surdos, como a única possibilidade de registro sistematizado do pensamento.

De acordo com a autora Bózoli (2015), a escrita de sinais é uma das experiências visuais mais ligadas à identificação de Libras na forma de escrever com facilidade pelas Configurações de Mãos, Orientações da Palma, Locações, Movimentos e Expressões Não Manuais, as quais devem ser escritas quando forem necessárias para o entendimento de um sinal realizado.

A escrita de sinais é um espelho da língua manual no papel. O conteúdo sinalizado é registrado no papel e o que está escrito é decodificado e expresso pelas mãos e corpo, como um processo de leitura, sem complicações (BÓZOLI, 2015, p. 23).

Nesse contexto, a escrita de sinais é estruturada com base no processamento interno, desta forma é natural. Por enquanto, suas pilhas definem de forma direta como os quiremas de escrita de sinais são realizados, os sinais são registrados onde as pilhas são organizadas para formar um ou mais morfemas seguindo a mesma lógica estrutural da produção sinalizada de forma a contribuir para o melhor entendimento dos morfemas na Escrita de Sinais. Ao ler um sinal se é capaz de

reproduzir com exatidão como o sinal é realizado, mesmo sem entender o que significa, pois, para entendê-lo, é necessário saber Libras.

2 A HISTÓRIA DA ESCRITA: CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO NO TEMPO

Segundo esse ponto de vista, toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é expressão, mas também ao registo material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba. Antes de entrar no estudo das diferentes escritas históricas e atuais, é preciso conhecer esses materiais, esses instrumentos e esses gestos, cuja influência sobre o desenho das letras não se pode negligenciar, e definir as nações relativas aos caracteres dessas escritas (HIGOUNET, 2003, p. 15-16).

Segundo Barreto e Barreto (2015, p. 54):

A história pode ser dividida em antes e depois da escrita. Segundo Higounet (2003), até hoje, sua origem é mistério. Diferentes civilizações utilizaram diversas formas e artifícios para escrever suas mensagens. Seu desenvolvimento se deu ao longo de muitos séculos até chegar à imprensa. E desde então tem se desenvolvido cada vez mais.

Nós comunicamos (falante e sinalizante) no momento, mas com a escrita podemos nos comunicar em tempos e lugares diferentes através das tecnologias acessíveis que nós podemos realizar pelo vídeo e áudio, é um dos instrumentos práticos necessários que podemos utilizar, tais como telefones, celulares, computadores e redes sociais com a internet que envolvem em um contexto político, social e econômico.

A necessidade de registrar o que se quer comunicar é percebida desde a Pré-História por meio dos desenhos feitos nas paredes das cavernas – apesar de não serem considerados um tipo de escrita ainda, pois não tinham organização, nem mesmo padronização das representações gráficas – que, acredita-se, eram usados para trocar mensagens, passar ideias e transmitir desejos e necessidades (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2010).

A comunicação do pensamento humano, em geral, pode ser alcançada de inúmeras maneiras – a fala é apenas uma delas. E a escrita, entre outros usos, tem o de transmitir a fala humana. No entanto, a sociedade moderna aparentemente reforçou essa forma particular de comunicação. Talvez isso tenha ocorrido, em parte, porque, como uma representação de realidades externas, a comunicação por meio da arte gráfica parece mais objetiva, mais substancial do que a comunicação linguística (MARTIN, 1994).

Segundo Markenfeldt (2006), esses desenhos nas paredes fizeram com que o homem fosse imortalizado, registrando sua própria história, por meio de signos que continuaram além de sua existência. Tais registros demarcaram cada local que foi habitado e explorado, bem como a perpetuação da cultura de geração para geração. Muitos ritos e feitos eternizados em paredes de pedra e sepulturas são usados para analisar o passado numa tentativa de compreender nosso presente.

Segundo Fischer (2009, p. 45):

Há também a escrita alfabética dos invasores gregos para fins administrativos do dia a dia, assim como para escrever a língua egípcia. Mais tarde, o copta usou a maior parte das letras gregas para transmitir palavras egípcias, agora incluindo vogais. A escrita egípcia influenciou a escrita meroítica de Meroë no Sudão, datada de c. 250 a.C., e também forneceu as formas para os primeiros alfabetos consonantais identificados (c. 2200 a.C.) que geraram os vários protoalfabetos semíticos do Sinai e do Levante. Este deu origem ao alfabeto latino que usamos hoje.

Portanto, o latim cursivo era comumente escrito com rapidez. As antigas letras foram sendo modificadas ao longo do tempo, e por fim, séculos mais tarde, surgiram as minúsculas (FISCHER, 2009, p. 130).

Durante o século I a.C., o alfabeto latino tinha praticamente chegado a um fonetismo ortográfico completo – isto é, quase toda letra constituía um som distinto no inventário de sons latinos (ALLEN, 1965). O alfabeto latino substituiu todas as outras escrituras da Península Itálica, com exceção do grego – a escrita da cultura e da educação – e por fim se tornou a escrita oficial da parte ocidental do império romano (FISCHER, 2009, p. 132-133). O alfabeto latino, primeiro por causa do cristianismo, depois por causa da colonização e, em seguida, da globalização, continuou se espalhando “para mais

línguas do que qualquer outra escrita antes ou depois” (COULMAS, 1983).

Esse alfabeto compreende um sistema extremamente complicado de sinais que era entendido apenas por especialistas. Por volta de 2200 a.C., os escribas egípcios tinham aparentemente percebido que podiam simplificar sua escrita consideravelmente se eliminassem o “não essencial”. Assim, reduziram o sistema de escrita para o tamanho do componente consonantal da língua egípcia – em outras palavras, começaram a escrever usando só o alfabeto consonantal, e nada mais (FISCHER, 2009, p. 78).

Hoje a escrita é praticada por cerca de 85% da população mundial – cerca de cinco bilhões de pessoas. Todas as sociedades modernas se apoiam nas bases da escrita. Em consequência de uma série de desenvolvimentos fortuitos, o alfabeto latino tornou-se o sistema de escrita mais importante do mundo (FISCHER, 2009, p. 9). É discutível se é vantajoso ver na escrita “integral” um “sistema de símbolos gráficos que pode ser usado para transmitir todo e qualquer pensamento” (DeFRANCIS, 1980).

Conforme Higounet:

Desse modo, a escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano (HIGOUNET, 2003, p. 10).

O estudo dos diferentes tipos de escrita elaborados pela humanidade tem, portanto, íntima relação com o estudo da língua falada, assim como com o das civilizações nas quais elas se aperfeiçoaram. Um estudo da escrita deve desenvolver-se em dois planos paralelos: de um lado, um estudo histórico da escrita, desde sua “invenção” até seus estados atuais; de outro lado, um estudo linguístico, que tenta extrair as regras de funcionamento da escrita, assim como suas relações com a língua falada (DUBOIS et al., 2006, p. 222).

Segundo Fischer:

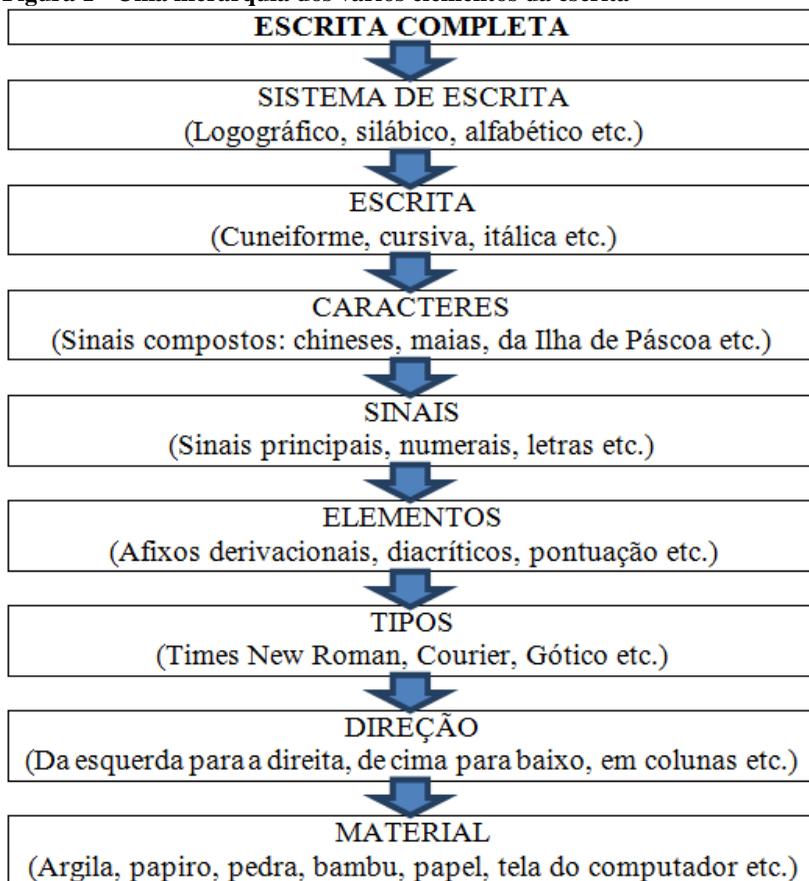
Muitos *insights*, creio eu, se tornarão evidentes ao longo dessa visão geral. Ninguém “inventou” a escrita. Talvez ninguém independentemente jamais tenha “reinventado” a escrita também, seja na China ou na América Central. Todos os sistemas de escrita parecem descender de protótipos ou sistemas precedentes, cuja ideia de representar graficamente a fala humana, o esquema para conseguir isso, e/ou os sinais gráficos usados nesse processo foram emprestados e adaptados ou convertidos para se adequarem à língua e necessidades sociais de outro povo (FISHER, 2009, p. 10).

Pode-se dizer que se trata da escrita completa que representou as características formais. Nesse sentido FISHER (2009, p. 14) afirma que:

- A escrita completa deve ter como objetivo a comunicação;
- A escrita completa deve consistir de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica;
- A escrita completa deve usar marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala (o arranjo sistemático de sons vocais significativos) ou uma programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada.

Classificar as escritas e os sistemas de escrita também pode ajudar a obter uma visão geral, cada classificação fornecendo alternativas. Classificar não é tarefa fácil, uma vez que a maioria das escritas e sistemas de escrita pegou empréstimos em vários níveis de elementos (FISHER, 2009, p. 60) (ver Figura 1).

Figura 1 - Uma hierarquia dos vários elementos da escrita



Fonte: Fischer (2009, p. 61).

Segundo a proposta de Fischer, a hierarquia dos vários elementos da escrita (escrita completa, sistema de escrita, escrita, caracteres, sinais, elementos, tipos, direção e material) caracteriza-se por empregar processos de transcrição e combinação no mesmo idioma, em uma determinada situação de comunicação que se tornou acessível para a sociedade. Um grande exemplo é a escrita completa que usa de elementos que podem ser realizados por meio das palavras na escrita, com regras de funcionamento dos elementos linguísticos.

Neste contexto, a escrita completa constituída a partir do sistema de escrita é um tipo de escrita para o diálogo e depende

fundamentalmente da sua possibilidade de escrever bem, de formas claras e objetivas como os caracteres, sinais, elementos, tipos e direção para registrar visualmente uma língua falada/ sinalizante com a intenção de comunicação pelo material registrado.

A escrita completa nunca surge “automaticamente” no desenvolvimento de sociedades complexas. As sociedades complexas podem ser especificamente as que escolhem usar a escrita. No entanto o sistema emergente e sua orientação quase sempre reproduzem um fenômeno semelhante em outro lugar: o sistema de escrita que seja mais próximo no tempo e no espaço. O bom senso talvez defenda a ideia de que a escrita simplesmente se difundiu na história a partir de uma fonte original (FISCHER, 2009, p. 190).

Neste contexto, a escrita é uma das diferentes formas de escritura no dia a dia, ela evoluiu em três fases: a) os **pictogramas**, escrita de tipo arcaico, figurativa, que representa o conteúdo da língua (e não a língua com as palavras e os sons); b) os **ideogramas**, signos que representam de modo mais ou menos simbólico o significado das palavras; c) os **fonogramas**, signos abstratos que representam elementos de palavras ou de sons, como nas escritas alfabéticas (DUBOIS et al., 2006, p. 223).

Por outro lado, a pictografia (“escrita pictórica”) e a logografia (“escrita da palavra”, na qual o objeto que se representa pode ser dito em voz alta) podem justificadamente ser chamadas de “pré-escritas”. Por 30 anos, o linguista americano Leonard Bloomfield fez uma distinção entre “escrita pictórica” e “escrita verdadeira”, sendo que esta também preencheria alguns requisitos essenciais (os sinais teriam de representar elementos linguísticos e ser limitados em número) (BLOOMFIELD, 1933). Uma distinção também foi feita entre a primitiva “semasiografia” (em que marcas gráficas transmitem significado sem o recurso da língua) e a “escrita integral” e só a última deve ser vista como escrita no sentido “verdadeiro” (GELB, 1963). Isso é, não são nem *logogramas* (sinais de palavras completas que representam o som do nome do objeto) nem *fonogramas* (sinais que contêm um valor puramente fonético ou sonoro) (FISCHER, 2009). Portanto, são logogramas, ou signos de palavras, colocados no final dos fonogramas – sinais sonoros – particularmente em casos quando o som da palavra tem ambiguidade [como *peça* (verbo) e *peça* (substantivo)] para identificar o sentido exato

da palavra (FISCHER, 2009, p. 36). E mais que isso talvez, a escrita logográfica é com frequência semanticamente superior à escrita fonográfica na transmissão de mensagens, uma vez que a reificação gráfica pode ser processada mais rapidamente pelo cérebro do que a abstração fonética (alfabetismo) (FISCHER, 2009, p. 200).

A pictografia pode transmitir uma mensagem muito complicada, sem recorrer ao discurso articulado. No entanto, diferente dos registros de nós e entalhes, a pictografia transmite valores fonéticos representando objetos específicos e assim promovendo a identificação com a fala (FISCHER, 2009, p. 20). A resposta estava no foneticismo sistêmico – isto é, em coordenar sistematicamente sons e símbolos (incluindo pictogramas) para criar “sinais” de um sistema de escrita. Símbolos gráficos se tornaram sinais de um sistema de escrita só quando o valor fonético de um símbolo começou a superar seu valor semântico em um sistema de valores limitados e semelhantes (FISCHER, 2009, p. 30).

No início da Antiguidade, as peles eram populares como material de escrita por toda a Ásia ocidental, Iraque e Pérsia (FISCHER, 2009, p. 115). Na Ásia menor, surgiu o pergaminho, material liso e resistente, feito de pele de cordeiro, de bode ou veado. Da China veio a ideia de se fabricar papel a partir de trapos e os Árabes introduziram esse material na Europa (KOGUT, 2015, p. 34). Da mesma forma que o material para escrever foi sendo alterado, o traçado das letras nos antigos alfabetos semíticos também mudou, como salienta Higounet (2003, p. 19):

O uso do papiro (e do pincel) modificou profundamente o traçado das letras nos antigos alfabetos semíticos. Na China a descoberta do papel (e do pincel) teve como consequência a transformação dos caracteres, cujo desenho se afastou dos objetos que eles representavam. Discute-se na história da escrita romana se a passagem do rolo (*rotulus*) de papiro ao caderno ou ao livro (*codex*) de pergaminho provocou ou não a grande metamorfose do século III.

Segundo Kogut (2015), a escrita foi um marco extremamente importante para a humanidade, não apenas para o desenvolvimento linguístico, como também para o registro de informações e do pensamento. De acordo com Higounet (2003, p. 23) “uma vez ‘inventada’, a escrita se torna um desenho que pode ter vida própria,

fora da língua da qual é veículo”. A forma escrita teve sua origem econômica na necessidade humana de registrar suas impressões em relação aos acontecimentos históricos, culturais, entre outros.

A escrita sempre foi e sempre será ligada à língua dos seres humanos do seu próprio país, e deve ser registrada a forma dos seus símbolos especiais de escrita nas suas ideias complexas, seus dados escritos, e informações gerais. Isso se explica pelo fato de que o cérebro humano usa diferentes caminhos para processar informação verbal e não – verbal – um leitor usando ambos os canais imediatamente entenderá mais e mais depressa e será capaz de se lembrar melhor (FISCHER, 2009, p. 272).

No começo do século XXI, Fischer (2009, p. 247) confirmou que a escrita foi uma das melhores fontes de letra com facilidade de ler satisfatoriamente pelos leitores.

Estudos mostraram que a leitura de textos mais longos é mais rápida e fácil com *Times* e a maior parte dos leitores prefere sua elegância. Mesmo assim, uma grande porcentagem dos leitores de hoje leem apenas tipos *Sans Serif* – em sinais de estrada, letreiros de lojas, rótulos e comerciais de TV.

No entanto, os benefícios e prazeres da leitura e da escrita provavelmente superarão os dos sistemas de reconhecimento de voz do computador por muitos séculos, porque a escrita é inata na maior parte das culturas letradas. As sociedades modernas, em toda parte, são dependentes da palavra escrita para quase todos os aspectos da interação humana (FISCHER, 2009, p. 276).

Cagliari (2002, p. 103) destaca que “a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. O objetivo central da escrita é justamente que alguém leia o que foi escrito. O autor acrescenta ainda que a escrita é diferente de outras formas de representação do mundo não apenas por induzir a leitura, mas pelo fato de que essa leitura é motivada, sendo assim, “quem escreve, diferentemente, por exemplo, de quem desenha, pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica” (CAGLIARI, 2002, p. 103). Por conclusão, a história da escrita descreveu-se como a construção e a evolução de diversos sistemas de escrita que foram inventados. Nesse

contexto, o processo da criação de escrita foi compreendido para as escritas de sinais nessa invenção dos sistemas, usando a escrita oficial que é o estudo da língua de sinais, cujo objetivo é ter a capacitação de sua escrita e leitura para a compreensão, para interpretação e para composição de textos, as normas de todas as escritas de sinais são codificadas e sistematizadas para indicar o que estava sendo contado pela comunidade surda. A escrita de sinais é um dos acontecimentos mais importantes na vida do ser humano surdo, por isso nós devemos estimular as crianças e os jovens surdos e/ ou ouvintes a desenvolverem sua capacidade de usar a escrita e a leitura obviamente na formação educacional.

2.1 REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Pensamos sobre a perspectiva dos conceitos basicamente no uso de especificidade dos termos usados que apresentam os termos definidos para usarmos os significados dos vocabulários linguísticos. Esses termos permitem conhecer e interpretar toda a parte da informação e expressão mediante um significado no seu entendimento. São eles: *escrita*, *transcrição*, *glosa*, *anotação* e *notação*.

São cinco conceitos de grandeza. É fundamental que cada indivíduo saiba o que significam. Os vocabulários determinados são utilizados por meio de Escrita de Sinais. Porque algumas pessoas têm conflito com isso, assim cada termo foi explicado.

Existem inúmeros significados para um termo. Consideramos necessário buscar os conceitos que melhor se apliquem ao contexto da pesquisa. Por isso, além de designar as escritas de línguas de sinais, também para demonstrarmos que a escrita de sinais sobre a qual falamos é da Língua de Sinais.

Apresentamos que o termo do português é a ocorrência de um lexema no discurso, e que é na terminologia da estatística lexical que existem os significados para um termo.

Atualmente, o vocábulo “escrita” é o ato de escrever para representar o seu pensamento e suas palavras por meio de sistema de símbolos gráficos com alfabeto no uso de sinais em que se apresentam as ideias por meio de escrita.

Escrita é um sistema distinto de signos que tem por objetivo representar a própria língua com sua cultura, constituída de palavras, pensamentos e ideias por meio de sinais gráficos, aquilo que se escreve

dentro dos sistemas de escrita das línguas de sinais, contudo, os pensamentos têm a capacidade de comunicar e transmitir significado sem palavras, por meio de imagens internas. Trata-se de um código de comunicação visual para transmitir a linguagem dos gestos e das mãos em Libras.

Segundo esse ponto de vista, toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é expressão, mas também ao registro material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba. Antes de entrar no estudo das diferentes escritas históricas e atuais, é preciso conhecer esses materiais, esses instrumentos e esses gestos, cuja influência sobre o desenho das letras não se pode negligenciar, e definir as nações relativas aos caracteres dessas escritas (HIGOUNET, 2003, p. 15-16).

Por enquanto, o vocábulo “transcrição” é a ação de reproduzir um texto com escrito fonético de uma língua, procurando anotar sinal real.

As transcrições são indicadas por qualquer texto reproduzido para efeito de transcrever, procurando registrar os termos de unidades discretas da própria língua falada e as unidades gráficas fazem corresponder aos fonemas da língua com os sistemas da própria escrita das línguas de sinais.

Por sua vez, a *transcrição* (seja qual for o alfabeto escolhido) deve ser nitidamente distinta da *escrita*. A transcrição tende a conservar sob forma gráfica aquilo que foi dito, sem nada acrescentar, sem nada suprimir. Ao contrário, a escrita existe enquanto sistema relativamente autônomo (DUBOIS et al., 2006, p. 594-595).

Uma maneira de transcrever a Língua de Sinais é por meio do *software* ELAN que transcreve as glosas de um vídeo em Libras. De acordo com o pensamento de Hulst (2010), um sistema de transcrição visa anotar amostras de idioma em uma variedade de meios, de forma precisa, inequívoca e rápida, de modo que elas possam ser usadas como base para uma análise mais detalhada da língua e/ ou como exemplos ilustrativos. O autor define um sistema de codificação como algo especificamente destinado à análise computadorizada de amostras de linguagem. Por exemplo, um sistema de codificação pode ser utilizado para determinar a frequência de paradas ou configurações de mãos com dedos dobrados no léxico de uma língua.

Todavia, ao analisar as definições de escrita e transcrição quanto a Libras, nota-se diferença da transcrição das línguas de sinais em relação às línguas orais. Nas línguas orais, como o português, por exemplo, a transcrição de dados é facilitada pela “disponibilidade do

que vem sendo adaptado para a representação da fala em diversas línguas” (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010).

O vocábulo “glosa” apresenta as anotações e comentários para entender mais claro com as notas explicativas de palavras ou texto traduzido a relação das escritas das línguas de sinais e Libras. Por exemplo, cada grafia, um desenho do elemento visual representado, sua descrição em escrito português, um exemplo de uso entre qualquer sistema da escrita das línguas de sinais e Libras.

Segundo Barros:

Portanto, [...] a glosa do exemplo em português, em letras maiúsculas, como se tem usado em transcrições de dados de língua de sinais. Entenda que a glosa apresentada é uma das possibilidades, pois há que se considerar principalmente três fatores linguísticos sobre seu uso: não correspondência biunívoca entre um sinal da Libras e uma palavra do português, variação linguística da Libras e diferentes classes gramaticais no português que podem ser utilizadas na glosa (BARROS, 2015, p. 22-23).

Como desenvolver o trabalho de glosa na área de estudos linguísticos em Libras? Como diz a pesquisadora Brito (2010, p. 207-209) em ‘Por uma gramática de Línguas de Sinais’ preferiu-se usar forma de glosa no sistema de transcrição de enunciados e textos de Libras, as 10 estratégias fundamentais podem ser utilizadas na transcrição a seguir:

1) Letra maiúscula em português para conceitos da Libras:

Ex.: **HOMEM TRABALHAR MUITO**

O verbo vem sempre na forma infinitiva, posto que não há flexão para modo e tempo verbal em Libras. Também, alguns determinantes que normalmente aparecem em português, como os artigos, não se fazem presentes nesta língua de sinais, não sendo, pois, representados na transcrição.

2) Quando duas ou mais palavras que em português são necessárias para traduzir o conceito que é representado por um único sinal em Libras, elas devem vir ligadas por um hífen.

Ex.: NÃO-QUERER, BEBER-PINGA, COMER-MAÇÃ

3) Usamos letras separadas por hífen, quando se trata de soletração digital:

Ex.: #J-O-Ã-O #R-I-O

Este tipo de soletração é usado quando se trata de nome próprio de pessoa e de lugar ou então quando não há sinal para o conceito expresso na palavra da língua portuguesa. É o caso dos empréstimos, marcado por #.

4) Quando o verbo é direcional, isto é, apresenta flexão marcando sujeito e objeto, usamos números de 1 a 3 para marcar as pessoas no singular ou 1p, 2p e 3p para as pessoas do plural.

Ex.: ₁DAR₂ LIVRO (Eu dei o livro para você)

_{3p} TELEFONAR₁ ONTEM (Elas/ eles me telefonaram ontem)

₃ PERGUNTAR _{1p} VERDADE (Ele/ Ela nos disse a verdade)

5) Os pronomes em Libras são representados da seguinte forma:

Ex.: pro₃ NÃO-GOSTAR pro₁ (Ela/ ele não gosta de mim)

6) Como se pode observar em 4 e em 5, não há marcação de gênero nem nos verbos com flexão ou direcionais e nem nos pronomes. Assim, se a pessoa é do sexo feminino, esta informação deverá ser inferida através do contexto. No caso de ambiguidade, o enunciador pode se servir do sinal “feminino” (sinal que aparece nas expressões ‘menina’ em oposição a ‘menino’) após ou antes do pronome.

7) Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar são representados por Loc i, Loc j, Loc k, quando significam respectivamente: este/aqui, esse/ aí, aquele/ aquela, ali/ lá. Loc é o símbolo para locativo.

8) As expressões faciais e corporais podem expressar interrogação (--?-), exclamação (--!--), topicalização (--t--), negação (--ñ--), intensidade (--int--), força locucionária (--EFp--), no caso de um pedido, (--EFo--), no caso de uma ordem etc. e serão representadas, respectivamente, pelos símbolos abaixo, entre os pontilhados acima da porção do enunciado onde elas aparecem:

Ex.: --t--

CARRO, EU COMPRAR NOVO (Eu comprei um carro novo)

--?--

NOME, pro2 (Qual é o seu nome?)

--!--

BONITO Loc i (Que bonito isto aí)

--ñ--

ACREDITAR VOCÊ (Não acredito em você)

9) Os classificadores são representados pelas iniciais CL: acompanhadas de símbolos de configurações de mãos que são utilizadas para representar a classe semântica que representam.

Ex.: CARRO CL: V BATER CL: G₁ POSTE (O carro bateu no poste)

10) Quando um único enunciado é realizado com ambas as mãos ao mesmo tempo, colocam-se os sinais simultâneos um acima do outro, isto é, em linhas diferentes, vindo na primeira linha o(s) sinal(is) realizado(s) com a mão dominante (mão direita para os destros).

Com os sinais para as glosas aproveitadas nos sistemas de transcrição, bem como a respectiva escrita deste sinal utilizando a escrita de sinais é um dos registros gráficos por meio de anotações.

O vocábulo “anotação” apresenta um conjunto de notas em texto a fim de esclarecer com seus comentários para registrar os seus grafemas usados na escrita das línguas de sinais. Assim, trata-se de formas de comunicação verbal escrita utilizadas no ambiente público.

Por fim, o vocábulo “notação” é um sistema de quaisquer gráficos ou caracteres da escrita para representar um conjunto convencional de notas como sinais com próprios símbolos utilizados para transcrever os seus vocais. Portanto, relaciona-se precisamente com os símbolos que são cada um dado significado arbitrário usado para facilitar a sua escrita e leitura na comunicação estruturada dentro do campo de estudo de escrita das línguas de sinais.

Para compreender a diferença entre um sistema de notação e um sistema de escrita é preciso entender que a escrita é usada para as mais diversas funções da vida humana, e o sistema de notação é mais limitado a uma função específica, por exemplo, ao ato de transcrever uma língua para fins de análise. Por meio de um sistema de notação conseguimos identificar a organização fonológica e morfológica de Libras, que nunca antes havia sido percebida descritivamente, embora os usuários de Libras conheçam essa organização da escrita de sinais.

2.2 RELAÇÃO COM AS CONSIDERAÇÕES NOS SISTEMAS *SIGNWRITING* E ELIS

Apreciamos até aqui a compreensão de se relacionarem os conceitos constituídos acima nos sistemas das Escritas de Sinais: *SignWriting* e ELiS. Ademais, os dois sistemas *SignWriting* e ELiS, de escrita, são um tipo de sistema de notação criado para representar a estrutura da Língua de Sinais e também registrar a Libras em eventos linguísticos.

Assim, o sistema *SignWriting* tanto é uma escrita mais simplificada e não é ideográfica, quanto notação, representando de forma convencional por meio de pilhas gráficas no conjunto de sinais visualmente icônicos para fazer designação. A ELiS tanto é escrita mais complexa e correspondente à escrita alfabética, por sua estrutura, quanto notação representando de forma convencional por meio de visografemas gráficos uma maneira de representar separadamente no conjunto de sinais detalhadamente arbitrários. Contudo, o *SignWriting* e a ELiS foram escritos somente à mão de forma cursiva, pois assim é mais fácil. A possibilidade de sua versão impressa/ digital nos sistemas *SignWriting* e ELiS podem ser usados.

Para a escrita, no entanto, faz-se necessário conhecer a língua e sua estrutura linguística, bem como as regras ortográficas adotadas por aquela comunidade linguística. A escrita espontânea pressupõe o domínio linguístico (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 81).

De transcrição na língua de sinais, o sistema *SignWriting* é capaz de transcrever as quaisquer línguas de sinais de forma visual escrita sem passar por outra língua oral como forma de registro da Libras por meio de vídeos para as pesquisas acadêmicas na análise das estruturas linguísticas para representar as características linguísticas examinadas pelo pesquisador.

De acordo com Capovilla e Raphael (2001), o sistema *SignWriting* foi adotado por ser o mais apropriado para este tipo de trabalho, em que foi feita não apenas transcrição do vídeo, mas a escrita de um texto para ser lido e sinalizado. O sistema *SignWriting* permite a transcrição das unidades mínimas que compõem as línguas de sinais, possibilitando uma descrição detalhada das unidades mínimas e o registro das diferentes combinações que resultam em significados distintos. Dessa forma, “este sistema pretende ser uma forma prática para a escrita dos gestos que torna possível a comunicação escrita rápida e inequívoca entre os falantes de língua gestual”. (KOGUT, 2015, p. 71).

Por outro lado, o assunto é mais complexo quando se fala em um sistema de transcrição adequado para a escrita de sinais. Pizzuto, Rossini e Russo (2006) defendem que devido à falta de uma língua escrita padrão, fica difícil para os pesquisadores surdos avaliarem a adequação das várias ferramentas de “notação” e “transcrição”, que têm sido propostas para a sua língua de sinais. De acordo com McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 266), não há um sistema de escrita de línguas de sinais amplamente aceito que venha a servir de base para o desenvolvimento de um sistema de transcrição apropriado para essa modalidade de língua.

O sistema ELiS não realiza transcrição na língua de sinais. Apesar de que com os novos recursos se tenha a possibilidade de representar os sinais arbítrios, isso ainda não faz parte da ELiS no sistema de transcrição.

Para as glosas utilizadas no sistema de transcrição em escrita de sinais, é um uso inadequado de *SignWriting* para as glosas, conforme Pizzuto, Rossini e Russo (2006) afirmaram (apud BARRETO, 2015, p. 57-58):

O termo “glosa” é uma nomeação errônea para a operação de etiquetagem que ocorre nas pesquisas das LS. De fato, glosas são apropriadamente usadas para auxiliar a anotação de dados de línguas orais/ escritas, *não para substituir, mas para acompanhar*, numa referência a uma língua conhecida para o autor e para o leitor de um dado estudo, *uma representação independente dos dados da língua investigada*.

Modalidades definidas como glosas são extremamente complexas na tentativa difícil de interpretar os sinais e sentenças em Libras através da transcrição e da tradução na escrita de sinais, essa questão faz parte da linguística e da tradução em uso de transcrição e de tradução na escrita de sinais. Anotar os sinais registrados para as glosas definidas no sistema *SignWriting* de transcrição, bem como a respectiva escrita de um qualquer sinal realizado em Libras usando a escrita de sinais para auxiliar a memória de compreensão como para a apresentação do sinal com estrutura gramática por meio de Libras facilita a aprendizagem dos alunos ouvintes no desenvolvimento de sua aquisição de linguagem como L2. Logo, as glosas de *SignWriting* são limitadas para a

transcrição dos vídeos em Libras. E o sistema ELiS também pode ser usado como glosa, pois é a representação escrita de um item lexical.

De acordo com McCleary, Viotti e Leite (2010), para glosar um discurso em Libras é necessário garantir um vínculo unívoco entre a palavra usada para a glosa (que tem a função de nomear o sinal) e a sua forma. Os autores ressaltam ainda que, para a apresentação e análise de trechos de discurso espontâneo ou semiespontâneo, o sistema de glosas simples é bastante limitado. Fazem-se muitas vezes necessários outros recursos, já que uma mesma configuração de cabeça, tronco e face pode também ter diferentes funções no discurso. Para eles, a *transcrição* é o registro daquilo que é diretamente observado na gravação.

Como todos os dados de sistema das escritas de sinais são transcritos, o *SignWriting* utiliza o programa de notação do *software SignPuddle*, e a ELiS utiliza a fonte True Type da *ELiS* em seu editor de textos, com o acompanhamento do manual de fontes no Word encontram-se as teclas de atalho para usar a fonte. Aos computadores do usuário é necessário inserir cada uma das pilhas em *SignWriting* e os visogrfemas em ELiS até formar um sinal completo.

Quanto à anotação em escrita de sinais, os sistemas *SignWriting* e ELiS são as anotações e os registros em escrita visualmente verbal por meio de notas, pois os aprendizes surdos e/ou ouvintes anotam para decorar os sinais nas aulas de Libras, portanto as escritas de sinais apoiam a memorização fortalecendo no acréscimo da aprendizagem de Libras. Os alunos devem compreender, aos poucos, como o sistema funciona, o que nota/representa e como a escrita cria estas notações/representações. Ou seja, sua aprendizagem se converte em um novo objeto de conhecimento, trata-se de uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 2001; MORAIS, 2005).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985), a maioria dos alunos inicia suas ideias sobre o sistema de escrita começando pela fase pré-silábica que se caracteriza por conhecimentos elementares sobre a escrita: consideram que escrever é o mesmo que desenhar e apresentam dificuldades em diferenciar letras de números e palavras, acreditam que só se podem escrever nomes de objetos (pois, para eles, a escrita serve para nomear coisas).

Ultimando, para a notação em escrita de sinais, os sistemas *SignWriting* e ELiS são uma das notações do sistema de representação no conjunto de sinais com que se faz a notação. Para a compreensão do sistema de notação alfabética em escritas de sinais, é necessário o conhecimento de diversos princípios na aprendizagem dessas escritas através da interação entre os pares, e os materiais impressos contribuem

para o levantamento das hipóteses no desenvolvimento de aprendizagem de ler e de escrever em escritas de sinais para a comunidade surda.

2.3 DISCUSSÃO SOBRE A PERSPECTIVA TERMINOLÓGICA DE ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Busquei as palavras significadas basicamente no uso de diversos termos propostos pelos autores que estudaram os termos linguísticos dos sistemas das Escritas de Sinais e que apresentam os significados dos lexemas para a decodificação desses termos à sua perspectiva. São eles: *quirema*, *querema*, *pilha*, *visografema*, *gestografia*, *glifo* e *grafema*. Discutirei cada termo apresentado para delimitá-los e empregá-los adequadamente às pesquisas com base em vários autores.

Dessa maneira, os termos propostos deixaram de ser tratados como área de escrita das línguas de sinais e passaram a ser perspectivas de seu objeto nos estudos linguísticos de Escrita de Sinais como *“uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua”* (BEHARES, 1993, p. 43). Portanto, identificou-se que ao utilizá-la, são realizadas as mesmas funções e obtidas palavras com *“os mesmos rendimentos processuais que se podem alcançar na utilização das línguas orais, mais antigamente conhecidas e reconhecidas”* (BEHARES, 1993, p. 43).

Nota-se, no entanto, que a maioria dos estudos realizados sobre a Escrita das Línguas de Sinais, no decorrer da história, compartilha uma palavra comum, buscando sua descrição com perspectiva de logística pelos autores que explicaram os mesmos lexemas atribuindo novas significações. Não se está negando o incomensurável valor das suas pesquisas e dos estudos, pois, graças a eles, que vêm se somar às discussões realizadas por vários termos criados. Esses termos passaram a ser reconhecidas em seus respectivos países, a circular em ambientes acadêmicos e a serem consideradas como fundamentais para a educação de surdos.

Para a realização de tal estudo, o linguista deve adotar uma perspectiva sincrônica, pois como o signo, arbitrário em essência, não tem nenhum núcleo que deva persistir na história da língua, ele constitui-se como uma entidade relacional, isto é, o signo define-se pela sua relação com os outros signos no interior do sistema linguístico (cf.: CULLER, 1979).

2.4 QUIREMA E QUEREMA

Stokoe (1960) publicou o primeiro estudo de linguística sobre a língua de sinais, onde descreveu a estrutura da ASL a partir das análises de seus elementos definidos, onde passaram a serem descritos níveis linguísticos (fonológico, morfológico e sintático), tendo como base os sistemas descritos para as línguas orais.

Todos os sinais foram analisados a partir da combinação dos três quiremas (*cheremes*) e foram formados de menores unidades da língua que contêm significado na descrição linguística da ASL.

O termo *QuirEma* (do grego *xépi* ou *khéri*: mão; *nua* ou *ema*; unidade mínima) foi cunhado por Stokoe (1960), para representar o correspondente, em língua de sinais, do *FonEma* em língua falada. Desse modo, o *QuirEma* estaria para unidade da sinalização, assim como o fonema está para unidade da fala ou voz (CAPOVILLA; GARCIA, 2011, p. 85).

Propôs, então, um sistema – *quirolgia* – cuja função seria análoga à desempenhada pelo sistema fonológico nas línguas orais. Os *quiremas* foram selecionados e analisados a partir do contínuo de movimentos gestuais (da mesma forma como os fonemas foram selecionados da infinidade de sons vocais possíveis), identificados e descritos em três tipos: posição (ponto de articulação), configuração e movimento da mão (LODI, 2004, p. 284).

Para Stokoe, as unidades de sinalização acima, os quiremas relacionam-se com a unidade mínima de mão como parâmetro quirêmico, não a unidade mínima de sinalização como parâmetro simatosêmico, eles são configuração de mão, locação e movimento à unidade mínima das propriedades dessa mão em termos de três parâmetros. Então, Capovilla (2011, p. 85) seguiu essa concepção para identificar nova nomenclatura, os *QuirEmas* relativos a: 1) forma da(s) mão(s) sejam denominados *QuiriFrmEmas* ou *ManuModusÍculos*; 2) o local da(s) mão(s) sejam denominados *QuiriToposEmas* ou *ManuLocusÍculos*; e 3) o movimento da(s) mão(s) sejam denominados *QuiriCinesEmas* ou *ManuMotusÍculos*.

Nesse trabalho Capovilla (2011, p. 87-88) afirma que os sinais podem designar essas unidades relacionadas com a expressão facial:

Portanto, a unidade mínima que diferencia entre esses dois sinais não está na mão, mas sim no rosto. Ela não é um *QuiRema*, mas sim um *MascarEma* (do Grego: *máskā*: máscara; *ema*: unidade mínima) ou um *FisiognomEma* (do Grego: *fisiognomia*: expressão facial; *ema*: unidade mínima); ou um *PersonalÍculo* (do Latim: *persona*, máscara; - *ículo*: unidade mínima); ou *FacieVultÍculo* (do Latim: *facies vultus*: fisionomia; -*ículo*: unidade mínima).

Conforme Lodi:

Torna-se importante acrescentar, entretanto, que estes estudos embora tenham seguido o modelo de descrição proposto por Stokoe (1960), não se configuraram apenas como uma reprodução passiva e estática deste trabalho, mas sim, buscaram aspectos diferenciais e específicos desta nova língua que a eles se apresentava, complementando e aprofundando o conhecimento gramatical sobre ela. Esses aspectos referem-se, por exemplo, à proposição de outro parâmetro fonológico – orientação da palma da mão – por Battison, nos anos 70 (cf.: SOUZA, 1998), complementando os três descritos por Stokoe (1960); à descrição de parâmetros secundários na organização fonológica dos sinais, como a disposição da mão (articulação realizada pela mão dominante ou pelas duas mãos), orientação da(s) mão(s) e a região de contato (cf.: KLIMA; BELLUGI, 1979) e, no nível sintático da língua, as relações pronominais e verbais desenvolvidas no espaço de enunciação (cf.: KLIMA; BELLUGI, 1979; POIZNER; KLIMA; BELLUGI, 1987; EMOREY; BELLUGI; KLIMA, 1993; AMARAL; COUTINHO; MARTINS, 1994; BRITO, 1995; QUADROS, 1997; QUADROS; KARNOPP, 2004) (LODI, 2004, p. 285).

Nesse contexto, destacam-se as pesquisas de Robbin Battison (1974) com a publicação de *Phonological Deletion in American Sign Language*. O autor foi um dos primeiros a utilizar o termo ‘fonologia’

em suas pesquisas – após a publicação de Stokoe que propusera o termo ‘*cherology*’ (querologia) –, nesse artigo Battison declarou que o termo fonologia se referiria ao nível da estrutura sistemática formal para lidar com a forma dos sinais, bem como as restrições e alternância entre essas combinações. Afirmou ainda que a fonologia das línguas de sinais não teria relação com a estrutura do som ou da fonologia de qualquer língua oral (OLIVEIRA, 2015, p. 67-68).

Além disso, Oliveira (2015) utilizou o novo termo ‘querema’ em suas pesquisas, e declarou que o querema se referiria às linhas da mão. Afirmou que:

[...] Os termos **querologia** e **querema** por constatar que resultados de pesquisa para quirologia na *web* remetem predominantemente à leitura divinatória das linhas da mão, enquanto a busca por querologia remete predominantemente à área dos estudos de línguas de sinais. Na presente tese será usado o termo querema e seus derivados, tais como, querologia, querológico, em correspondência com os termos das línguas orais, fonema, fonologia, fonológico[...] (OLIVEIRA, 2015, p. 68).

Sabe-se que as Escritas das Línguas de Sinais não fazem uso das diversas nomenclaturas anteriormente usadas pelos autores Stokoe (1960) e Capovilla (2011) em um campo teórico dos estudos linguísticos que já vem sendo desenvolvido. Além disso, o quirema se preocupa com a relação entre o sistema linguístico e os diferentes contextos comunicativos da Língua de Sinais, e em língua externa é usado nos eventos de fala como gramática convencional. Os autores Battison (1974) e Oliveira (2015) explicaram que os termos querologia e querema se relacionam com os parâmetros completos de qualquer língua de sinais, fazem parte das escritas de sinais que possibilitam descrever elementos que corroborem para a identificação de algumas estruturas gramaticais na formação de itens lexicais de Libras equivalendo às características dos sistemas das escritas de sinais, tomando como base a gramática sob o ponto de vista do estudo linguístico em Libras.

É nesse sentido que o termo querema se constitui a partir dos eixos linguísticos de vários parâmetros para realizar um sinal completo, dessa forma é a unidade elementar visual de um sinalizante, que sempre modifica o querema do sinal realizado e significado.

2.5 GLIFO

O glifo é a unidade mínima de um elemento específico de escrita, podendo representar uma tipografia por meio de pesquisas etimológicas com a derivação de dois radicais gregos, respectivamente: *typos* = forma + *gráphein* = escrever. Assim que, o glifo faz parte do processo de criação na composição de um texto como *design* gráfico em geral em que é lido, os técnicos e designers especializados se preocupam com o papel, a impressora, a tinta e os métodos de publicação com texto selecionado em um teclado.

Conforme Fischer (2009, p. 190-195):

Toda escrita completa da região – isto é, escrita que excluísse pictografia – em geral favorecia a escrita logográfica, pela qual os glifos representavam objetos, ideias ou sons (de nomes dos objetos). Havia também silabários distintos de glifos escritos puramente como fonéticos, como classificadores fonéticos, em livre associação com outros glifos. [...] O padrão de repetição de certos glifos demonstra que aqui, também, a escrita é compreendida em um sistema misto logográfico e fonográfico. Os glifos simples e abstratos do monólito parecem ser fonéticos, e os glifos mais complexos, logográficos.

Nesse contexto da escrita de sinais, o glifo é uma das formas escritas dos fonemas da Língua de Sinais para referir o símbolo do sistema *SignWriting*. Galea (2014, p. 12) afirma:

Um glifo como utilizado neste trabalho refere-se aos símbolos SW de SW quando usado como um sistema geral de escrever LS sem quaisquer escolhas conscientes para as preferências de símbolo feito. Assim, todos os símbolos SW encontrados na LMAP³ são referidos como glifos. Este termo é usado em contraste com o termo ‘grafêmico’. (Tradução minha).⁴

³ *Literature Malta Archive Puddle*.

⁴ Cf. original: *A glyph as used in this work refers to the SW symbols of SW when used as a general system for writing SL without any conscious choices for*

Galea (2014) comenta que a terminologia de termo específico ‘símbolo’ é de uso dos estudos linguísticos em escrita de sinais por meio de pesquisa desse termo em contexto, com a finalidade de documentar e promover o uso correto.

O termo símbolo é usado neste trabalho em sentido amplo, que significa "algo que representa ou significa outra coisa, geralmente por convenção ou associação, especialmente um objeto material usado para representar algo abstrato" (GALEA, 2014, p. 33, trad. minha).⁵

Ao defender o termo representado *símbolo* para o sistema *SignWriting*, o símbolo é um dos elementos manuais de glifo necessários para a anotação das abstrações na relação com a escrita de sinais. O termo glifo é derivado em formar a palavra ‘hieróglifo’ e tem sido utilizado para as unidades serem bem compreendidas na descrição de sistemas de escrita (COULMAS, 1999, p. 168). Glifos de SW são fonéticos; isto é, cada glifo representa um ‘fonema’ e é “um termo usado na fonética para referir o segmento menor discreto perceptível de som numa corrente de expressão” (CRYSTAL, 2011, p. 316).

2.6 PILHA

Stumpf (2005) comenta que a pilha são os símbolos (são derivados de elementos manuais) no uso de escrita de sistema *SignWriting* com uma configuração de mão, locação, movimento, e expressões não manuais constituindo um sinal escrito completo.

De acordo com o pensamento de Boutora (2003, p. 80 apud STUMPF, 2005, p. 52), essa autora explica que a pilha significa uma marca gráfica de um signo pelo sistema *SignWriting*, ao afirmar que:

Retângulos virtuais compreendem um conjunto de símbolos alinhados verticalmente. Um conjunto

symbol preferences made. Thus, all the SW symbols found in the LMAP are referred to as glyphs. This term is used in contrast with the term ‘grapheme’.

⁵ Cf. original: *The term ‘symbol’ is used in this work in the broad sense, meaning “something that represents or stands for something else, usually by convention or association, especially a material object used to represent something abstract.*

de símbolos representa um signo, quer dizer uma unidade lexical eventualmente associada a um complemento de informações gramaticais, os signos são separados por um espaço. No interior de um “signo etiqueta” ou “pilha”, os símbolos são colocados verticalmente segundo a lógica do corpo humano. Assim o círculo que configura a cabeça suporta os símbolos que representam os elementos manuais. Os elementos não manuais (essencialmente os movimentos da face e o olhar) são inscritos dentro do círculo cabeça.

O sistema, como acontece com aqueles adotados pelas línguas orais sofreu ao longo de sua existência evoluções na forma e/ ou adaptação dos elementos estruturais de escrita (STUMPF, 2005, p. 52).

Defendo que o termo *pilha* adota e se relaciona com o sistema *SignWriting* representando os símbolos e gestos, e icônicos de uma unidade lexical com seus elementos manuais revelam a complexidade desses movimentos na escrita das línguas de sinais de um modo gráfico esquemático com a apresentação em colunas no sentido de escrita visualmente textual. Quando se observa a Escrita de Sinais e a motivação que parece integrar as pilhas, quer sejam consideradas arbitrárias e/ ou icônicas em relação similar o pensamento de Saussure explica as imagens acústicas como significantes que, por sua vez, designam o termo como significado na formação do signo linguístico na escrita alfabética. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia simbólica como sinal escrito, comparando a língua oral com a língua escrita. Para escrever em *SignWriting* é preciso usar o símbolo como pilha.

Utilizou-se a palavra *pilha* para designar o signo linguístico ou, mais exatamente, o que chamamos de simbólico. A pilha tem como característica não ser jamais complementamente arbitrária (é *imotivada*), existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado em escrita de sinais. Sobre o signo linguístico, Saussure (1916, p. 108) afirma que:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.*

A pilha está composta por signos linguísticos concretos de natureza essencial às suas faculdades intelectuais, formados de uma unidade de acuidade visual e uma unidade significativa conceitual. Na pilha só existem imagens de acuidades visuais feitas de unidades de gestos articulados: os quiremas. A imagem acústica, por sua vez, pode ser convertida em imagem visual: escrita. É a característica de forma concreta do signo que permite sua fácil transformação para a escrita (MILANI, 2011, p. 102). Esse significante (gesto articulado) estimula na mente do falante de Libras o reconhecimento do significado (a ideia pelo signo) na escrita de sinais.

Assim, a estrutura das pilhas anotadas pelo sistema são informações referentes às configurações da mão, orientações da palma, locações, movimentos, e expressões não manuais. “Alguns sinais, que chamaríamos sinais compostos, podem representar duas configurações numa ‘pilha’ resultando uma representação mais econômica” (STUMPF, 2005, p. 64).

2.7 VISOGRAFEMAS

Barros (2008) comenta ainda que os visografemas são as letras da ELiS, ou os visológicos (são denominados de símbolos), que apresentam os elementos visuais das línguas de sinais em sua escrita. Esses são visológicos do alfabeto ELiS, em vez de representarem “os sons como elementos de uma linguagem”, representam os visemas elementares de uma língua. Utilizo aqui o termo “visema” em equivalência ao termo “fonema”, sendo o fonema uma unidade de uma LO e visema uma unidade visual de uma LS.

Em extensão a esse novo termo, utilizo “visêmico” no lugar de “fonológico” para as LO; “visético” no lugar de “fonético” e “viso” ao invés de “fone”. Os símbolos representativos dos visemas, nesse sistema, podem ser denominados, mais tecnicamente, como visografemas, ou seja, visemas (vis-), escritas (graf-), unidades mínimas (-ema). Uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente chamados de letras (BARROS, 2008, p. 25).

Ao discutir os termos relacionados entre ‘visema’ e ‘fonema’, Barros (2008) e Capovilla (2011) comentam que os termos básicos estão sendo representados pelas unidades linguísticas mais relevantes para as escritas de sinais tão válidas, vejam as citações dos autores abaixo. Segundo Barros (2008, p. 14):

Stokoe (1965) inventou o termo quirema (chereme), que já é do conhecimento de pesquisadores de LS, mas que causa polêmica por dois motivos: a raiz da palavra diz respeito apenas a ‘mão’, mas várias outras partes do corpo são envolvidas no uso das LS; o conceito de quirema é equivalente ao de fonema e não precisaria, portanto, existir. Mudo a raiz de quir- para vis- pois todo o resultado da realização das LS é visual e argumento que, mesmo sendo nomenclaturas equivalentes, visema e fonema, não são iguais e suas diferenças precisam ser acentuadas a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e seu processamento.

Já Capovilla (2011, p. 82), por sua vez, assim afirma:

O termo Quirema, que diz respeito à unidade da língua de sinais; e o termo Visema, que diz respeito à unidade de leitura orofacial da língua falada. Stokoe (1960) propôs o termo Quirema como a unidade mínima das línguas de sinais, análoga ao Fonema, que é a unidade mínima das línguas faladas. Fischer (1968) propôs o termo Visema como a unidade mínima da recepção visual da língua falada, análoga ao Fonema que é a unidade mínima da recepção auditiva das línguas faladas.

Entretanto, os termos explicados no decorrer de seu objeto de estudo para as escritas das línguas de sinais precisaram demonstrar a fragilidade de três dos mais clássicos (*Quirema* para língua de sinais, *Visema* para leitura orofacial visual da língua falada e *Fonema* para recepção auditiva das línguas faladas), assim torna-se necessária a realização de uma discussão sobre o ambiente linguístico em Libras por esses conceitos e, por fim, garantir a maior compreensão desses termos empregados na bibliografia científica desde o ano de 1960.

Stokoe (apud CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001) propôs o termo “quirema” para tratar desses elementos nas línguas de sinais, em analogia a fonema, porém, em sua etimologia, quirema representa apenas a mão, e a Libras não tem apenas elementos manuais, portanto, esse termo não foi aceito pela comunidade acadêmica.

Em sua tese, Barros (2008) propôs o termo “visema” em equivalência a “fonema”, no entanto, também encontra resistência em sua aceitação. De acordo com Capovilla (2011), a Libras não esmiúça os elementos visuais, portanto, visema também seria inadequado como sendo análogo ao fonema nas línguas orais.

Oficialmente nem quirema, nem visema, nem a revisão etimológica proposta por Capovilla (2011) são reconhecidos, pois há uma resistência no meio acadêmico à terminologia que visa à particularização das línguas de sinais e uma tendência à conformidade da terminologia utilizada para os estudos linguísticos de línguas orais, estes são muito mais antigos. Para este trabalho, no entanto, utiliza-se o termo “visema” para tais elementos e “visografemas” para as “letras” da ELiS (BARROS, 2008).

De acordo com o pensamento de Capovilla (2011), o ‘**visema**’ é a unidade mínima da recepção visual da língua falada, pois o sistema ELiS não faz parte da escrita de LO, e sim escrita dos elementos arbitrários de LS. Utilizo aqui o termo “**letra**” em equivalência ao termo “**visológico**” no sistema alfabético linear da ELiS. Algumas letras da ELiS em sinais compostos podem apresentar as demais configurações de dedo resultando numa letra plural com uma representação mais complexa. Sendo assim, seguem definições de Barros, a qual criou os termos que continuarei utilizando nesta pesquisa: *Visografema* é o conjunto de letras em ELiS que representa o recorte do arbitrário dos elementos manuais da escrita de língua de sinais (seria o equivalente ao alfabeto das línguas orais).

2.8 GESTOGRAFIA

Segundo Bózoli (2015, p. 53), foi inventado o termo ‘*gestografia*’ por meio de pesquisas etimológicas com a derivação de dois radicais, latino e grego, respectivamente: *gestus* = movimento expressivo do corpo (mãos e cabeça) + *gráphein* = escrever.

Bózoli (2015) já havia buscado prover da tradução de *SignWriting* para substituir o termo português de gestografia para representar o registro escrito de uma língua visual no sistema gestográfico como sinônimo de representação gráfica pelas línguas sinalizadas. Portanto, a autora afirmou que a gestografia faz parte dos gestos que se relacionam aos movimentos do corpo e às expressões faciais para grafar as formas da escrita de sinais. Nesse sentido, Stumpf garante que:

O *SignWriting* pode representar gestos que apenas são gestos, quer dizer, não fazem parte de nenhuma língua de sinais. Pode ser usado, por exemplo, para representar gestos em uma peça teatral ou os movimentos da parte superior do corpo em uma dança, que foi a finalidade para a qual ele foi originalmente criado (STUMPF, 2005, p. 166).

É importante compreender a importância de se ter conhecimento sobre esse novo termo *gestografia* por meio de discussão sobre o sistema *SignWriting*, pois a *gestografia* representa os gestos que são incorporados na Escrita de Sinais quando se produzem os diversos sentidos através das emoções humanas como sinais icônicos e arbitrários. McNeill (1992) comenta que gesticulação é a produção gestual concomitante ao discurso. São movimentos neuromusculares produzidos pelas mãos, braços, face e corpo, e não obedecem a nenhum sistema de restrições.

Todavia, discordo do termo adotado de *gestografia* acima, pois devemos entender que os gestos não são língua, uma vez que o sistema da escrita de sinais é uma das línguas oficiais da modalidade espaço-visual. A escrita de sinais é um sistema linguístico, ilimitada e complexa. No dicionário de linguística e fonética apresenta-se que os gestos são considerados traços paralinguísticos ou extralinguísticos da escrita oral, nesse sentido Crystal (1988, p. 105-106 apud GESSER, 2009, p. 23) afirma que:

Em seu sentido mais amplo, o termo se refere a qualquer coisa do mundo (que não seja a LÍNGUA) em relação à qual a língua está sendo usada – a “situação extralinguística”. A expressão “traços extralinguísticos” pode significar quaisquer propriedades de tais situações, ou, em termos mais específicos, propriedades da comunicação que não são claramente analisáveis em termos LINGUÍSTICOS (gestos, tom de voz etc.). Alguns linguistas nomeiam a segunda classe como PARALINGUÍSTICOS.

Ao afirmar que as escritas de sinais produzem os sinais dos glifos queremos dizer que as línguas de sinais expressam com as mãos

visualmente sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos na forma convencional. Tal como as escritas da língua oral, as escritas das línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos diários nessa língua da modalidade espaço-visual, além de transmitir por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, inventar histórias e piadas.

Neste sentido, pois, gestos são símbolos diferentes do símbolo da escrita de sinais. Conforme McNeill (1992) afirma, gestos transformam imagens mentais em formas visíveis, sendo capazes de transmitir ideias e pensamentos que a linguagem falada não consegue expressar. Em outras palavras, o gesto transcende a fala, uma vez que, a partir dele, detalhes previamente escondidos aparecem em uma nova dimensão. Com isso, torna-se necessário examinar linguagem e gesto em conjunto para desvendar as operações da mente e do pensamento humano.

Pense nos estudos das escritas das línguas de sinais para refletir sobre a importância de uso do lexema por meio da escrita de sinais para os estudos de língua. O objetivo de Bózoli (2015) era demonstrar como seria possível traduzir de *SignWriting* em inglês para a *Gestografia* em língua portuguesa, todavia, a palavra ainda não está explicada para significar esse conceito para a escrita de sinais no Brasil. Por isso, a criadora de *SignWriting* Sutton optou pelo vocábulo *SignWriting* que foi uma das marcas mais historicamente conhecida dessa palavra e que se espalhou pelo mundo. Qualquer país pode emprestar essa palavra fundada “*SignWriting*” para difundir no uso. Ao comparar, da mesma forma, o celular Apple iPhone tem-se um empréstimo da palavra norte-americana pelo mundo sem mudar outra palavra da sua própria língua, pois os populares conhecem isso que é o Apple iPhone. No caso daqui do Brasil, não fazem a tradução de Apple para Maçã, por isso está combinado para o povo no uso da palavra Apple Iphone, e não Maçã.

Por fim, para que a adoção desse termo se torne nova informação é necessário que se discuta com os pesquisadores sobre os estudos desse termo na Escrita de Sinais, com vasto termo bibliográfico produzido pela autora Bozóli (2015), bem como o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas mais eficientes como uma nova informação que poderá sugerir reflexões importantes sobre esse termo.

2.9 GRAFEMA

O grafema é a unidade mínima de um sistema registrado de escrita, podendo representar um fonema nas escritas alfabéticas para

utilizar de uma base gráfica, a fim de apresentar o conjunto de itens linguísticos.

Grafema é um elemento abstrato de um sistema de escrita que se realiza por formas chamadas alografes cujo traçado depende dos outros elementos do sistema: o grafema corresponde, portanto, na escrita alfabética, à letra, sendo os alografes as formas maiúscula, minúscula cursiva etc. Os grafemas são unidades de segunda articulação na escrita, como os fonemas na língua falada; os morfemas gráficos são as unidades de primeira articulação (DUBOIS et al., 2006, p. 313).

Dessa maneira, acerca da escrita de sinais Barreto e Barreto (2015) concordam com o uso de palavra ‘grafema’ por meio da escrita visual direta que apresenta um respectivo fonema realizado no sistema *SignWriting*.

Grande parte destes grafemas são visualmente icônicos, possibilitando uma rápida associação com os respectivos fonemas. As principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, outros grafemas representam as dinâmicas e o tempo. Seus tamanhos são proporcionais entre si (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 76).

Concordo com a afirmação dos autores acima com relação ao termo *grafema* para o sistema *SignWriting* de que é o uso de um fonema descrito dos aspectos visuais da Língua de Sinais que se relaciona com a escrita. Cada sinal escrito é denominado *cluster* (SLEVINSKI JUNIOR, 2012) é organizado seguindo a mesma lógica do corpo humano, ou seja, o posicionamento dos grafemas também não é arbitrário e contribui para o melhor e mais rápido entendimento dos morfemas e consequentemente, dos sinais das LS.

Finalmente, esclareço que os diversos termos foram empregados por afirmações dos autores citados neste trabalho proposto e são muito recentes, não apresentam ainda padronização, o que advém do uso de léxico adotado por meio de escrita das línguas de sinais. No entanto, as

futuras pesquisas de surdos e ouvintes, falantes de línguas de sinais precisam passar por um enriquecimento a partir do seu uso até alcançar essa padronização desses termos diligentes.

2.10 LÉXICO

Levando em conta as pesquisas e discussões atuais, fica muito complicado compreender o conceito de léxico, pois ele é inerente à Libras. De acordo com o dicionário de linguística (DUBOIS et al., 2006, p. 364) a estatística léxica opõe *léxico* e *vocabulário* ao discurso. As unidades do léxico são os lexemas, enquanto as unidades do discurso são os vocábulos e as palavras (a palavra que designa toda ocorrência de um vocábulo qualquer). O vocábulo de um texto, de um enunciado qualquer da *performance* é, desde então, apenas uma amostra do léxico do locutor ou, conforme a perspectiva adotada, do léxico da comunidade linguística considerada. A consideração do enunciado não poderia determinar o léxico-fonte e não pode fornecer mais que indicações sobre o léxico. Da execução não se pode deduzir a competência léxica.

A gramática de escritas de sinais considera o léxico como um dos elementos do componente de base da gramática de Libras.

O componente de base (que engendra a estrutura profunda) compreende o componente categorial e o léxico. O componente categorial representa as regras de reescrita que resultam em um indicador sintagmático, enquanto que o léxico especifica as propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas de cada unidade léxica. As unidades léxicas assim definidas serão aplicadas ao indicador sintagmático conforme as regras de inserção léxica (DUBOIS et al., 2006, p. 365).

Os autores destacam que a estrutura da Libras é complexa, representando algumas propriedades presentes nas escritas de sinais, que não são encontradas nas línguas orais.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras, que são consideradas como empréstimos linguísticos. Têm-se, no português, várias palavras de outras línguas, que foram incorporadas nesse léxico, tais como: abajur, xampu, turnê, jeans, lingerie.

Seguindo proposta de Brentari e Padden (2001 apud QUADROS, 2004, p. 88) propõe-se a seguinte composição no léxico na Libras que represente o léxico nativo (classificadores).

Observe-se que o léxico não nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira. Sinalizadores da língua de sinais brasileira soletram palavras do português em uma variedade de contextos, para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente (por exemplo, D-I-A-F-R-A-G-M-A) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88), como o exemplo do Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 - Soletração das escritas de sinais

Libras	
<i>SignWriting</i>	
ELiS	

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Apresento os exemplos acima de soletração das escritas de sinais *SignWriting* e ELiS, não são representações diretas do português, mas são representações manuais da ortografia do português, envolvendo as sequências de CM que têm correspondência com a sequência de letras escritas do português.

Segundo Quadros (2004, p. 89-90):

Padden (1988) propõe uma estrutura semelhante – núcleo-periferia – para o léxico da ASL: no núcleo estão os sinais nativos (léxico nativo) que obedecem a todas as restrições de boa formação dos sinais, e em direção à periferia estão os sinais estrangeiros (léxico não nativo), sendo que alguns obedecem a algumas restrições de boa formação de sinais. E no extremo da periferia está o vocabulário estrangeiro que se conforma minimamente às restrições da língua. Por exemplo, sinais nativos da ASL apresentam restrições nas mudanças do tipo de CM em um mesmo sinal, mas muitos sinais soletrados manualmente violam essa condição. Essencialmente, em um sinal a CM pode mudar, sendo a CM inicial aberta e a CM final fechada ou vice-versa. Além disso, muitos sinais mantêm o mesmo dedo selecionado ativo durante a articulação do sinal (BRENTARI, 1990; CORINA, 1993).

Na língua de sinais brasileira, o sinal nativo LUA (L-A) não viola a restrição na mudança de CM, já que envolve o mesmo grupo de dedos selecionados e mudanças na sequência de CM de “aberto” para “fechado”, conformando-se às restrições nas sequências de CM encontradas em sinais nativos no núcleo do léxico. Outros sinais que se originam da soletração manual podem violar as restrições na mudança de CMs, mas aderem a outras restrições, tais como o número permitido de mudanças na orientação de mão. Por exemplo, o empréstimo do sinal SOL viola a restrição na mudança de CM, pois a sequência de configurações de mão “S” para “L” envolve dois distintos grupos de dedos selecionados, mas essa sequência contém apenas uma simples mudança na orientação, como acontece com os sinais nativos (BRENTARI, 1990). (QUADROS, 2004, p. 90-91).

Figura 2 - Sinalização para LUA



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 90).

“Observa-se também que mudanças ocorrem através dos tempos no tipo de sequência de configuração ou orientação de mão, em que os sinais ajustam-se às restrições de boa formação do sistema linguístico das línguas de sinais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 91).

Figura 3 - Sinalização de SOL



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 90).

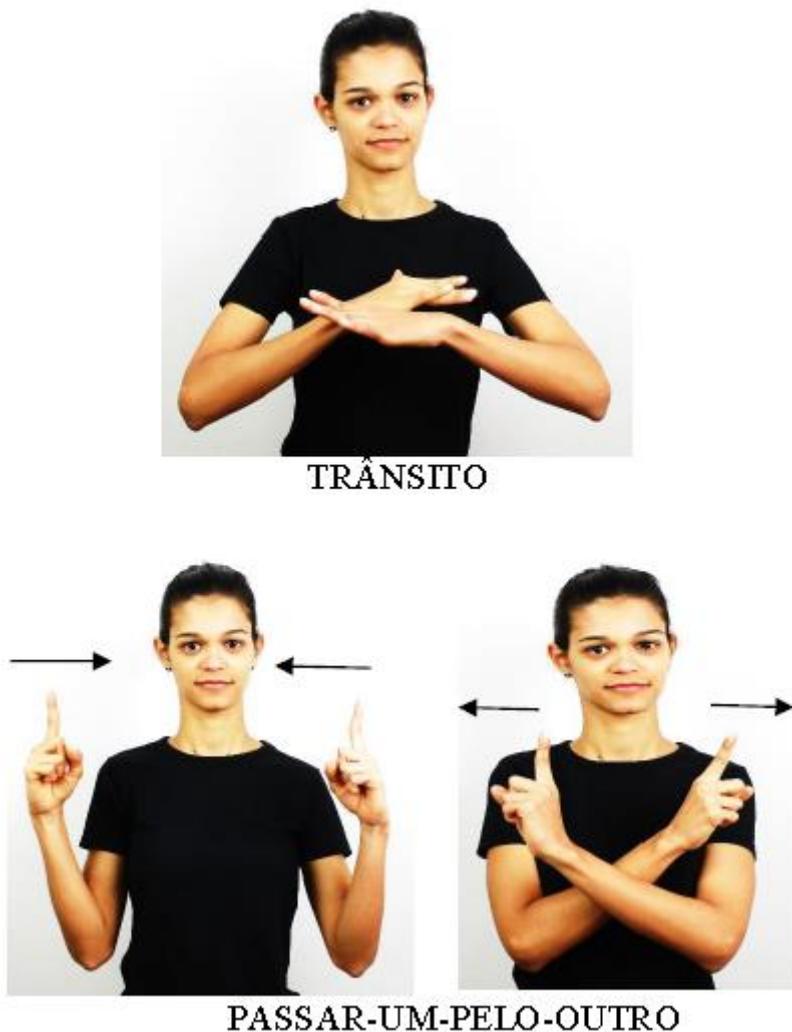
A análise dos sinais soletrados manualmente ilustra o híbrido entre as escritas orais e as escritas de sinais com respeito ao modo de organização dos empréstimos linguísticos no léxico da língua em questão. Padden (1988) propõe que o que é único nas línguas de sinais é que o vocabulário estrangeiro entra na língua via um sistema que representa a ortografia de uma língua estrangeira.

Então, os sinais que utilizam classificadores, considerados como léxico nativo, formam outro componente no léxico das línguas de sinais, pois essas formas também podem violar restrições formacionais do núcleo lexical (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 92).

Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos. Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, essas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Quadros e Karnopp (2004) garantem que nas línguas orais, quando palavras (ou frases) complexas diacronicamente tornam-se monomorfêmicas (ou palavras simples), há uma mudança no significado, uma perda da composicionalidade morfológica, e uma conformidade às restrições formacionais e rítmicas em palavras simples. Por exemplo, no português a palavra ‘planalto’ é originalmente uma composição de ‘plano’ e ‘alto’, mas ela não é mais pronunciada como duas palavras, mas como uma só. Semelhantemente, mudanças morfológicas e semânticas ocorrem na lexicalização da língua de sinais brasileira de TRÂNSITO e PASSAR POR.

Figura 4 - Sinalização de TRÂNSITO e PASSAR-UM-PELO-OUTRO.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 93-94).

Concluindo, os classificadores podem ser singulares à Libras e modelam as mudanças lexicais dos sinais e a formação de palavras em português e aplicam-se com essas construções das suas línguas naturais.

2.11 ICONICIDADE

Um campo teórico dos estudos linguísticos que já vem sendo desenvolvido, fica muito difícil desassociar os conceitos de iconicidade e arbitrariedade do signo, uma vez que atravessam as correntes linguísticas até os dias de hoje, pois eles são ligados às línguas naturais. Martelotta (2012, p. 71) garante que a questão central era baseada na “existência ou não da relação de similaridade – ou, para usar um termo mais moderno, *iconicidade* -, entre a forma (o código linguístico) e o sentido por ela expresso”. E a noção de arbitrariedade é baseada no princípio da convenção: “Não há nada no som da palavra que se relacione, de forma necessária, à coisa que ela designa” (MARTELOTTA, 2012, p. 71). Por enquanto, a iconicidade “do signo linguístico fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos” (MARTELOTTA, 2012, p. 72).

Saussure (1916, p. 111) afirmou que “o signo linguístico é arbitrário”. O autor compara que não há “relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual”. Nesse mesmo sentido de considerações Martelotta (2012, p. 71) escreve:

Não há uma relação natural, por exemplo, entre a construção que utilizamos para nossa moradia e a palavra “casa”, até por que, em outras línguas, temos palavras com estruturas sonoras bastante diferentes para designar esse mesmo significado: *house*, em inglês, e *maison*, em francês, apenas para citar algumas.

A ideia de iconicidade foi pesquisada pelo filósofo norte-americano Peirce (2010, p. 47): “[...] para que algo possa ser um Signo, esse algo deve ‘representar’, como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu *Objeto*, apesar de ser talvez arbitrária a condição segundo a qual um Signo deve ser algo distinto de seu *Objeto*”.

Seguindo a teoria de Peirce, Martelotta (2012, p. 73) afirma que o símbolo refere-se a um determinado objeto que é representado com base em algum tipo de convenção. São signos mais complexos, pois não apresentam qualquer semelhança com o elemento retratado. A cruz

como símbolo do cristianismo, o símbolo matemático do Pi e a balança como símbolo da justiça são exemplos desse assunto.

Esclareço que para Costa (2012, p. 46) “o princípio da iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”. “O mesmo autor exemplifica a questão icônica com as onomatopeias, cuja estrutura sonora imita o som das coisas que designam, como, por exemplo, *tic-tac* (relógio) ou *corococó* (som do galo)”. (KOGUT, 2015, p. 48).

Taub (2001) traz a compreensão de que iconicidade “não é meramente uma questão de ‘imitação’ ou ‘mímica’ de sons ou movimentos, sendo, pelo contrário, uma parte convencionalizada de recursos dos idiomas. Ela é, de fato, comum em ambas as línguas, de sinais e faladas, tanto na gramática como no léxico”. Entendemos, aqui, que a iconicidade corresponde à forma das escritas de sinais de um item linguístico e ao seu significado de Língua de Sinais.

Essa forma citada por Diniz (2010) de as línguas orais tratarem a iconicidade faz com que a crença de que a língua de sinais é capaz de expressar somente o que é concreto ou, então, que sejam usados apenas gestos para a comunicação, o que tem dado espaço para esse ser um dos principais mitos da língua de sinais. Entretanto, contrariando esse ponto de vista, Frishberg (1975; 1979 apud DINIZ, 2010) defende que as línguas de sinais formam um sistema linguístico que abrange não só conceitos abstratos, como também signos arbitrários, independente de sua iconicidade.

Para entendermos melhor a iconicidade é importante compreender a diferença dos três conceitos de sua teoria, são eles: o símbolo, o índice e o ícone. Assim, Peirce (2010, p. 63-64) define o símbolo como um signo cujo “caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos”.

Quanto ao índice, o autor acrescenta que “ocorre uma relação de contiguidade com a realidade exterior: a fumaça, por exemplo, é o índice do fogo, e a presença de nuvens negras, o índice de chuva iminente” (MARTELOTTA; 2012, p. 73). Isto é, existe uma relação natural entre o índice e o que ele significa. Estabelece-se uma associação de uma coisa à outra, uma ligação física através da experiência. Por exemplo, marcas de pegadas indicam que alguém passou por ali, alguém segurando/ fechando o nariz indica mau cheiro (KOGUT, 2015, p. 49).

Costa (2012), ao analisar Peirce (2010), salienta que “o ícone designa uma relação de similaridade entre representante e representado (a imagem da lixeira no computador representa o local onde os arquivos que não têm mais importância são depositados)”. Os ícones guardam uma relação de semelhança com o que representam. São o tipo de signo mais fácil de se reconhecer (KOGUT, 2015, p. 49).

Peirce (2010, p. 64) reforça que “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através dessa modalidade visual-espacial, pode se perceber quando um sinal representado na língua de sinais é icônico ou não.” Da mesma forma que Martelotta (2012), Diniz (2010) exemplifica a iconicidade com as onomatopeias, como o “tique-taque”, isto é, o som do relógio em funcionamento. Também são exemplos de estruturas sonoras que imitam o som das coisas que são nomeadas: *auauau* (som do latido do cachorro), *NHAC!* (som de abocanhar um alimento), *TOC TOC* (som de batida da porta), entre outras (CORRÊA, 2014, p. 44-45). Na língua de sinais, podemos verificar a relação nos sinais icônicos que representam similaridade na forma das escritas de sinais. O exemplo a seguir mostra o sinal de “casa” de Libras e LSC em escritas de sinais:

Quadro 10 - Modelos de casa

LIBRAS/ CASA BRASILEIRA	LSC/ CASA CHINESA
	
	
	

Fonte: A autora (2016).

Tanto na Libras como na língua utilizada pela comunidade surda na China, o sinal da palavra casa tem motivação icônica. Contudo a imagem do referente é diferente de acordo com a cultura daquela região, sendo assim o sinal convencionado também é diferente, mas ele não deixa de ser icônico (KOGUT, 2015, p. 49). Podemos perceber os exemplos de “casa” conforme o Quadro 10 nos ambos sistemas das escritas de sinais entre *SignWriting* e ELiS, dois significantes diferentes que representam, em dois sistemas, um signo com o mesmo significado.

Concordo com Costa (2012, p. 35) quando explica que “[...] Klima e Bellugi provaram que as línguas não são uma língua universal por causa da arbitrariedade e que cada língua de sinais diferente possui uma convenção”. O autor também aponta que os estudos dos autores Klima e Bellugi “[...] favorecem o entendimento de que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos, mas devem ser entendidos como se fossem um contínuo: alguns sinais são mais icônicos e menos arbitrários, outros mais arbitrários e menos icônicos” e que, “nas línguas de sinais, temos sinais mais icônicos ou mais arbitrários, os mais icônicos podendo perfeitamente representar conceitos abstratos quando são usados metaforicamente”. (COSTA, 2012, p. 35).

Considerando os conceitos abordados pelos vários autores referidos anteriormente sobre a compreensão trazida de iconicidade e arbitrariedade, posso aprofundar os estudos linguísticos com mais clareza da pesquisa na área de escritas das línguas de sinais.

2.12 DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS

Para as Descrições Imagéticas (doravante DIs) nas escritas de sinais, usando os sistemas registrados *SignWriting* e ELiS, tomei como base teórica a proposta feita de Campello (2008), a qual se embasou na teoria das transferências de Cuxac (1985 apud KOGUT, 2015, p. 52).

De acordo com a autora, entende-se que as descrições visuais não são concebidas como “fixas” e delimitadas dentro da concepção estruturalista. A imagem possui muitas nuances próprias as quais são impossíveis de delimitar e fixar. Os aspectos visuais estão “sempre em qualquer lugar, em todos os instantes, no abrir dos olhos de manhã até o fechar dos olhos ao dormir, cada imagem vai delineando, construindo” e firmando a representatividade de um mundo sem “sons” (CAMPELLO, 2008, p. 163).

A língua de sinais adquirida pela comunidade surda possui inúmeros recursos visuais vastos e profundos, o que difere do modelo

acústico-auditivo das línguas orais. Além disso, novos tipos de estruturas são criados graças à natureza bidimensional, tridimensional e até quadridimensional de seu canal viso-gestual-espacial. Essas estruturas são chamadas de classificadores em outras pesquisas com base linguística e “estão sempre atreladas a novos conceitos e descrições imagéticas diferentemente da língua oral” (CAMPELLO, 2008, p. 159).

Bernardino (2012, p. 253) garante que “existem muitas discussões sobre o uso do termo ‘classificadores’ para denotar as construções de línguas de sinais que têm sido comparadas com sistemas classificadores em línguas orais”. Não é simples encontrar uma única definição para classificadores. Na literatura sobre língua de sinais este pode ser encontrado como: “classificadores”, “morfemas produtivos”, sinais “polissintéticos” ou “multicomponenciais”.

Ao citar tal assunto Quadros e Karnopp (2004, p. 93) sustentam que “os classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos”. Em textos sinalizados do gênero literário, como narrações, histórias infantis e poesias, por exemplo, os classificadores podem ser utilizados como recurso linguístico estético e poético (KOGUT, 2015, p. 53).

De acordo com Campello (2008), a descrição imagética é um auxiliar da língua de sinais, para determinar as especificidades e “dar vida” a uma ideia de um conceito ou de signos visuais. Sua função é representar forma e tamanho dos referentes, assim como características dos movimentos dos seres em um evento, e descrever os nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos através da língua de sinais.

A proposta de mudança de Campello (2008) é justificada devido às denominações atuais não estarem atreladas aos parâmetros da visualidade, mas da língua oral ou falada com seu *status* linguístico próprio (KOGUT, 2015, p. 54).

Partimos do pressuposto que o uso da denominação classificador ou classificadores ou classificação manual (como um dos recursos gramaticais) poderá provocar o desaparecimento da visualidade e da imagem da Língua de Sinais, tornando a imagem em um ‘texto fixo’. Essa denominação estanque parece não dar conta de todos os recursos visuais da Língua de Sinais, pois parece estar atrelada a um estruturalismo restritivo e que coloca a iconicidade, a complexidade do

signo imagético tudo dentro da estrutura linguística quando deveria considerar o seu uso, seu contexto de uso, e a possibilidade de representar um conhecimento de mundo Surdo visual e parcialmente próximo aos referentes que descrevem (CAMPELLO, 2008, p. 156).

O termo classificador não consegue expressar com excelência os recursos visuais da língua de sinais transformando, assim, a visualidade da imagem em uma estrutura fixa, deixando de lado seu contexto de uso e a representação do mundo visual (KOGUT, 2015, p. 55).

Neste contexto, o que foi pesquisado por Cuxac e Sallandre (2007, p. 17) em sua teoria sobre os três tipos de transferências das Estruturas Altamente Icônicas (EAI) são assim identificados:

1. **Transferência de Tamanho e Forma (TTF):** Estruturas usadas para representar a forma e/ ou tamanho total ou parcial de lugares, objetos ou personagens;
2. **Transferência de Situação (TS):** O sinalizante usa o espaço a sua frente para reproduzir iconicamente as cenas representando o movimento espacial de um atuante em relação a um local estável, funcionando como ponto de referência;
3. **Transferência de Pessoa (TP):** Essas estruturas envolvem o corpo todo do sinalizante para reproduzir uma ou mais ações realizadas ou sustentadas por um atuante no curso do enunciado. O narrador “incorpora” a pessoa ou coisa sobre a qual está falando.

A possibilidade de mostrar algo enquanto se fala é uma característica das escritas de sinais. Campello (2008, p. 210), ao citar Cuxac (1985) afirma que:

Este processo e seu traço estrutural, na perspectiva icônica, se denominam de ‘transferência’ [...] que ‘trata de operações cognitivas que permitem transferir, anamorfando-as ligeiramente, experiências reais ou imaginárias no universo discursivo tridimensional chamado espaço de sinalização (o espaço de realização das mensagens)’.

Esses processos são realizados na língua por estruturas que foram chamadas de “transferência” e que utilizam recursos cinésicos para demonstrar os contornos das formas, os deslocamentos espaciais das pessoas em direção a um ponto fixo, descrever e mostrar os eventos no ato discursivo (KOGUT, 2015, p. 51).

No estudo de Campello (2008) sobre as Descrições Imagéticas, cinco tipos básicos de transferências são identificados:

1 – Transferência de Tamanho e de Forma – TTF

A transferência de tamanho é usada para apresentar o signo visual independentemente de seu tamanho com suas características de forma, ao citar as palavras de Campello (2008, p. 213):

[...] pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, mais pequeno etc.

As formas, por sua vez, estão relacionadas às “características físicas dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes, formatos, feitio, figura, corpo, substância, estado, e ou aparência física de um ser ou de uma coisa daquilo que é visto” (CAMPELLO, 2008, p. 214).

2 – Transferência Espacial – TE

Na transferência espacial o sinalizante demonstra todos os elementos de um determinado espaço como profundidade (para baixo ou para cima), tamanho (no sentido de intensidade), isolamento, diferentes ângulos, com ou sem movimentos circulares, retos, de quadrado etc. (CAMPELLO, 2008, p. 168).

3 – Transferência de Localização – TL

Campello (2008, p. 214) comenta que a transferência de localização tem a ver com a direção do objeto a ser sinalizado, podendo ser para frente, para trás, para o lado direito, ou esquerdo, de alternância, de puxar ou soltar. O que atrai os signos visuais para baixo e para cima é

a força gravitacional, que na visualização é “todo o signo que cai ou o signo que está no fundo ou o signo que está subindo ou o signo que está lá em cima ou o signo que está em outros lados” (KOGUT, 2015, p. 57).

4 - Transferência de Movimento – TM

Para a transferência de movimento, Campello (2008, p. 215) explica que o que é a transferência de movimento tem uma percepção visual com muita facilidade para produzir as mãos com movimentos que resultam nos significados diferentes. A variação do movimento resulta num significado diferente, para distinguir itens lexicais, por exemplo, entre nomes e verbos, direcionalidade e tempo do verbo. Tais traços são expressos através da direcionalidade, maneira e frequência do movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 55).

Brito (2010, p. 38) descreveu sobre os movimentos da Libras:

Nos movimentos internos da mão, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se, fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças na configuração da(s) mão(s). O movimento que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições.

Para a compreensão dos movimentos gerais da Libras, Quadros e Karnopp (2004, p. 54) afirmam que as línguas de sinais fazem parte da área em torno do corpo do sinalizante, como as mãos que utilizam para representar o objeto enquanto o movimento é realizado no espaço da sinalização. Nessa mesma forma de considerações a autora Brito (2010, p. 38) explica que o movimento é um dos parâmetros complexos que pode ser usado em várias formas e direções com conjuntos de movimentos.

5 – Transferência de Incorporação – TI

Quando o sinalizante coloca um determinado objeto no corpo do mesmo sinalizante, ele passa a mostrar ações durante a realização do sinal, por movimento para representar o significado. As demais transferências da DI utilizam a sinalização por fora do corpo, à sua frente, como em espaço neutro, sem o seu corpo passar a ser transformado em um objeto ou animal (KOGUT, 2015, p. 60).

Campello (2008) afirma que, nesse tipo de transferência, o narrador usa o próprio corpo para reproduzir ações ou imagens, objetos ou cenas. Diferentemente da transferência de tamanho e forma – TTF, em que apenas são demonstrados tamanho, formato, feitio, aparência física, dentre outros, na TI o narrador ‘incorpora’ o objeto a ser sinalizado (KOGUT, 2015, p. 59).

O narrador passa a demonstrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, podendo ser um animal, objeto, ou um ser não animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente. Além disso, as expressões faciais ou corporais mostram a relação que se estabelece entre o narrador e a ação que está realizando (CAMPELLO, 2008, p. 179).

2.13 TÓPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Sobre as estruturas com tópico da Libras, a ordem das palavras é um conceito básico relacionado com a estrutura da frase de uma língua. O fato de que as línguas podem variar suas ordenações das palavras apresenta um papel significante nas análises linguísticas. Por exemplo, Greenberg (1966) observou que de seis combinações possíveis de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V), algumas delas são mais comuns do que outras. No entanto, “Fischer constatou que todas as diferentes ordenações são seguidas de marcas não manuais de topicalização ou concordância pronunciada, isto é, utilização rica do espaço. As ordens listadas por Fischer foram SVO, OSV, VOS e SOV. A ordenação OSV resulta de topicalização” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 136).

Considerando os estudos linguísticos apresentados, a ordem básica de tópico na Libras é OSV. No entanto, a interação com estruturas gramaticais deriva outras organizações possíveis nestas escritas de sinais: *SignWriting* e ELiS. Ordem OSV – topicalização (FISCHER, 1975; LIDDELL, 1980; AARONS, 1994); elevação do objeto devido à presença de verbos manuais (CHEN, 1998) e de verbos com aspecto (MATSUOKA, 1997; BRAZE, 1997).

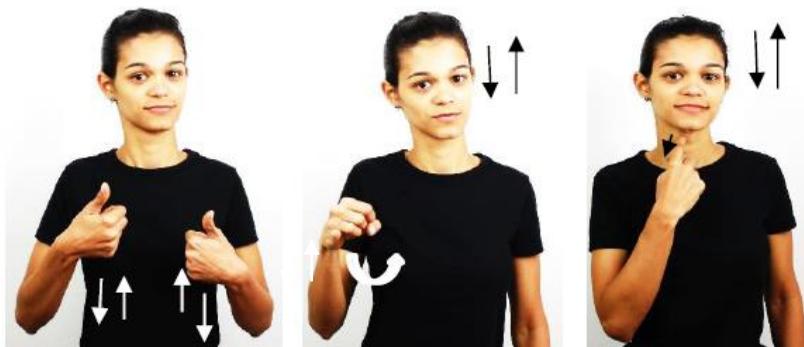
Liddell analisou construções OSV como contendo um predicado complexo. Tais sentenças não apresentam nenhum tipo de marcação não manual comumente associada com tópico. O autor analisa tais construções como sendo associadas com uma referência locativa. Assim, tais predicados estariam sendo considerados complexos, porque com apenas um sinal se estaria expressando uma relação entre o locativo e o

nome: BOLA JOÃO BATEU-NA-BOLA; CERCA GATO-DORME-CERCA (LIDDELL, 1980, p. 91-100).

O estudo dos marcadores não manuais de concordância foi realizado por Quadros (1999) na Libras. Ela observou que a concordância associada à marcação não manual é importante para determinar mudanças na ordem básica das frases na língua de sinais brasileira. Parece que essa marca não manual torna a frase mais carregada, forçando mudanças na ordem da frase e gerando, portanto, estruturas diferentes.

As construções com concordância na Libras têm sido analisadas como exemplos de flexibilidade da ordem básica das frases na Língua de Sinais Brasileira que está relacionada à estrutura gramatical do tópico. Esse mecanismo está associado à marcação não manual com a elevação das sobrancelhas. A marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguida por outras marcas não manuais, de acordo com o tipo de construção. Ou seja, pode ser seguido por uma marca não manual de foco (se a sentença for focalizada), de negação (se for negativa), interrogativa (se for interrogativa) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 146).

Os exemplos a seguir foram retirados de Quadros e Karnopp (2004, p. 147-148) e ilustram tais casos:



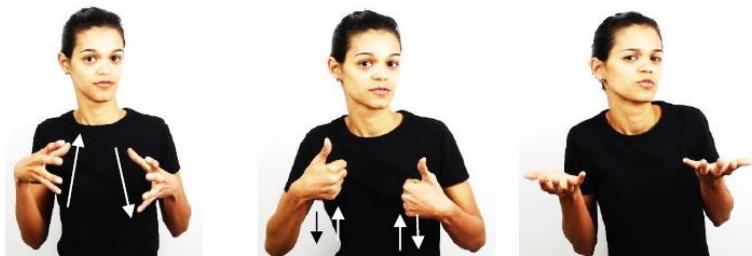
<FUTEBOL>t <JOÃO GOSTAR>mc
De futebol, João gosta.



<FUTEBOL>t <JOÃO GOSTAR NÃO>n
De futebol, o João não gosta.



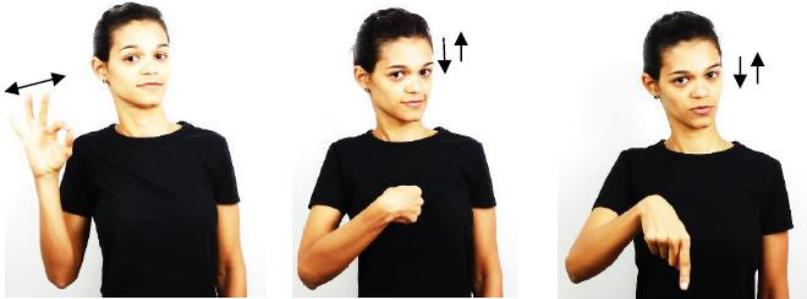
<FUTEBOL>t <JOÃO GOSTAR>sn
De futebol, o João gosta?



<BOLA-FUTEBOL>t, <ONDE JOÃO PEGAR>qu
Esta bola de futebol, onde o João pegou?

Observamos acima que a ordem das construções foi alterada pela presença do tópico. As autoras Quadros e Karnopp (2004) explicam que a marca de tópico delimita as fronteiras da topicalização na língua de sinais brasileira: somente tópicos são associados com a marca não manual, ou seja, essa marca não pode se espelhar sobre a sentença.

É possível topicalizar o objeto e/ ou o sujeito de uma oração que estão normalmente associados com posições argumentais. Mas é possível gerar um tópico sem este estar ligado a qualquer posição argumental (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 149). A seguir temos exemplo retirado de Quadros e Karnopp (2004, p. 149-150):



<[FRANÇA]_i>t <EU VOU t_i>mc
(apenas o objeto topicalizado)



<[EU]_j>t <[FRANÇA]_i>t tj <VOU ti>mc
(sujeito e objeto topicalizados)



<ANIMAIS>, EU GOSTO GATO
(tópico gerado na base)

Veja os sinais com normas no estudo linguístico do tópico em Libras acima, existe a omissão do sinal de “EU” para usar o sinal incluído pela situação realizada no dia a dia e depende do contexto da produção visual.

Neste último caso, há uma relação semântica entre o tópico e o argumento dentro da oração (IP). Há uma análise sintática para esse caso que sugere haver uma “cópia” completa do elemento topicalizado, uma construção muito comum na língua de sinais brasileira (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 150).

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 151).



<FUTEBOL>t JOÃO GOSTAR FUTEBOL



<MARIA>t JOÃO GOSTA ELA

Assim, todas as possibilidades de organização exibidas com a estrutura gramatical da topicalização esclarecem as possibilidades de derivações da estrutura da frase na língua de sinais equivalendo às escritas de sinais.

2.14 SISTEMAS DE ESCRITAS DAS LÍNGUAS DE SINAIS NO BRASIL

Esse tema apresenta, de maneira concisa, histórias que reconhecem os sistemas das Escritas das Línguas de Sinais no Brasil, os quais têm várias estruturas, ou seja, baseados na representação das sinalizações e das espacializações que foram criadas por autoras com intenção de se tornar as formas de escrita cotidiana de usuários de Línguas de Sinais. Para contextualizá-los, abordo os primeiros momentos de criação desses sistemas usados do Brasil, e em seguida, atualizo suas histórias com os eventos mais recentes do seu desenvolvimento. Por enquanto, explico as estruturas sobre as quais os sistemas são organizados e apresento seus elementos feitos. Finalmente, conheceremos exemplos de suas realizações. Atualmente, no Brasil, existem três sistemas oficialmente de escrita das línguas de sinais em uso, são eles: *SignWriting*, criado por Valerie Sutton em 1974; ELiS, por Mariângela Estelita Barros em 1997; e Escrita SEL⁶, por Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira em 2009.

⁶ Conheça mais os artigos sobre a escrita SEL através da *internet*: OLIVEIRA, A. S. C. L. de. A escrita SEL: um sistema de escrita trácica para libras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VII, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Abralin, 2011; OLIVEIRA, A. S. C. L. de. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita de escrita linear. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012. p. 150-184; MORAIS, C. D. de. **Escritas de Sinais/ supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em SignWriting**. 597f. Tese (Doutorado em Linguística) –

Na verdade, minha pesquisa foi escolhida pelos dois sistemas de Escritas de Sinais *SignWriting* e ELiS, portanto, tem o objetivo de garantir a todos os seus alunos o acesso aos sistemas registrados para a disciplina de Escrita de Sinais na forma de grade curricular de universidades e escolas de Surdos ou de projetos de formação de professores de Escrita de Sinais, participação em práticas sociais que usam a escrita de sinais como sistema simbólico construindo instrumentos de avaliação e de registro de aprendizagem da leitura e escrita em Libras.

Ao apresentar os sistemas registrados, o *SignWriting* é uma tradução para usar o termo brasileiro “Escrita de Sinais” como nome em português para o sistema *SignWriting*. Este sistema permite escrever quaisquer línguas de sinais através de uma escrita no seu próprio idioma, porque o sistema *SignWriting* expressa naturalmente os parâmetros gramaticais de realização dos sinais: as formas de mãos, orientações das palmas, pontos de articulação, movimentos e expressões faciais e corporais, a escrita que possibilita grafar os sinais para registrar que continua a ser a forma valiosa para todos os usuários (surdos e ouvintes) das Línguas de Sinais que o utilizam ao redor do planeta. E a ELiS é uma sigla para “Escrita das Línguas de Sinais”, de base alfabética e linear. Tem por objetivo possibilitar a expressão das Línguas de Sinais (LS) através de uma escrita, que representa o sistema das LS, e que atende aos usuários de Libras, surdos e/ ou ouvintes fluentes, nos diversos espaços sociais.

O sistema internacional foi desenvolvido pela dançarina Valerie Sutton, no ano de 1974. O *SignWriting* é um sistema de escrita das Línguas de Sinais mais usado em nosso campo internacional, não norteamericana, até mesmo porque não foi criada nos Estados Unidos. O desenvolvimento dessa escrita não foi influenciado por esse país mais que por outros, visto que, após a sua criação, o sistema tem sido implementado por diversos países. Sutton se considera cosmopolita, isto é, cidadã do mundo (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 71). E o sistema brasileiro foi desenvolvido pela linguista brasileira Mariângela Estelita Barros, no ano de 1997, enquanto estudava especificamente ELiS durante sua pesquisa de mestrado na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, no estado de Goiás, porém, a ELiS só atingiu sua maternidade em 2008, durante sua pesquisa de doutorado na Universidade Federal de

Santa Catarina, em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, e depois disso, começou sua fase de divulgação desse sistema utilizado.

Nos anos seguintes à sua criação, o sistema *SignWriting* foi envolvido pelo mundo no uso dessa escrita em muitos países por pesquisadores e falantes das Línguas de Sinais que utilizam esse sistema com aspectos fundamentais para escrever seu próprio idioma do país da Língua de Sinais. Já a ELiS ainda não foi espalhada pelo mundo no uso dessa escrita.

Ao trazer esse sistema para o Brasil em 1996, os demais pesquisadores que desenvolviam os estudos linguísticos em Línguas de Sinais sobre o sistema *SignWriting* passaram a estudar a Educação de Surdos brasileiros em conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos visuais.

Desde então, o *SignWriting* e a ELiS têm sido usados e difundidos nos cursos presenciais de graduação em Letras/ LIBRAS do Brasil onde se lecionaram as disciplinas de Escrita de Sinais em todos os níveis estudados a partir do ano de 2009. Na UFSC também foi oferecida para o curso a distância que tem essas disciplinas de *SignWriting* para nove polos no ano de 2006. Dois anos depois, em 2008, mais quinze polos foram abertos desse curso Letras/LIBRAS a distância e demais alunos passaram a estudar as disciplinas de Escrita de Sinais para serem futuros professores e intérpretes/ tradutores de *SignWriting* que faz parte da cultura surda.

O pensamento relevante de Stumpf (2005, p. 38) diz que:

o desenvolvimento intelectual e cultural dessas comunidades surdas tem evoluído e o caminho natural dessa evolução passa pela aquisição de uma escrita própria que pode proporcionar o acesso a um novo patamar em suas expressões culturais e comunicativas. Com a aprendizagem da escrita de sinais, os surdos vão ter a oportunidade de desenvolver uma nova cultura, que é a cultura surda escrita, um pouco diferente da cultura surda sinalizada.

As escritas das línguas de sinais, o *SignWriting* e a ELiS, seguem o sistema de combinação arbitrária dos parâmetros linguísticos das LS, descritos conforme Quadros e Karnopp (2004): *Configuração de Mão*: formas adquiridas pelas mãos na execução dos sinais; *Ponto de Articulação*: lugar de incidência predominante na realização do sinal;

Movimento: o movimento que compõe o sinal (alguns sinais não possuem movimento); *Orientação da Palma*: direção ou inversão deste durante a execução do sinal; *Expressões não manuais*: as expressões corporais e/ ou faciais.

Na estrutura do sistema de Escritas de Sinais, o *SignWriting*, que foi usado por escrito aqui, existem mais de 900 símbolos, e grupos gráficos formadores dos sinais (denominados parâmetros), representando as *Configurações das Mãos*, *Orientações das Palmas*, *Pontos de Articulação*, *Movimentos*, e *Expressões Faciais e Corporais*. Na escrita de uma palavra, eles são dispostos, sequencialmente, em uma organização muito visual e mais econômica. O sistema proposto pode ser usado para a escrita de qualquer língua de sinais e apresenta, para cada gráfico, uma quantidade determinada de símbolos. E a ELiS que foi usada por escrito aqui é a de 2012, nela existem apenas 95 letras, visografemas e grupos visológicos formadores dos sinais (denominados parâmetros). Na escrita de uma palavra, eles são dispostos, sequencialmente, em uma ordem pré-estabelecida. O sistema proposto pode ser usado para a escrita de qualquer língua de sinais e apresenta, para cada visológico, uma quantidade determinada de letras.

A sequência proposta foi inicialmente descrita por Stokoe (1960) em seus parâmetros seguindo a ordem: *Ponto de Articulação*; *Configuração de Mãos* e *Movimento*. Em ELiS, mesmo tudo tendo como base os parâmetros de Stokoe, seus visológicos seguem a seguinte sequência: *Configuração de Dedos*, *Orientação de Palma*, *Ponto de Articulação* e *Movimento/ Expressões Não Manuais*.

Nota-se que foi acrescido na ELiS o parâmetro “Orientação da Palma” e a “Configuração de Mãos” foi entendida como “Configuração de Dedos”. As Configurações de Dedos representam, na verdade, traços da Configuração de Mão, pois indicam a posição e a seleção de cada dedo num dado formato de mão (BARROS, 2008).

Tal pesquisadora percebeu que a escrita de Configurações de Mãos resulta em formas rígidas, limitadas e em grande número, ao passo que as Configurações de Dedos comportam inúmeras combinações para escrever os formatos das mãos, o que resulta em flexibilidade das formas e em uma enorme economia de símbolos/letras.

Portanto, para a leitura e escrita das línguas de sinais em ELiS, é necessário um conhecimento prévio dos visografemas, pois essa escrita tem pouca iconicidade com a execução dos sinais.

Como já mencionamos anteriormente, a ELiS privilegia a escrita de quatro grupos visológicos, são eles: Configurações de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento

(M). Cada um desses grupos é composto por vários visemas, cujas representações gráficas são denominadas “visografemas”, e seu conjunto, “visograma”, o que corresponde respectivamente ao conceito de “letras” e “alfabeto” em uma língua oral (BARROS, 2015).

Trata-se de uma escrita alfabética de ELiS, pois seus símbolos gráficos representam os elementos arbitrários que compõem os sinais, tais quais os visografemas de um alfabeto fonográfico representam o som em seu sentido mais elementar.

A ELiS, quanto à sua estrutura, além de alfabética é também linear. Essa linearidade se dá pela maneira sequencial em que os visografemas são dispostos na formação da palavra-sinal, apesar da Libras ser uma língua cuja execução comporta a realização de mais de um visema ao mesmo tempo e, inclusive, de mais de um sinal simultaneamente.

Para compreender um pouco dos sistemas vamos trabalhar inicialmente da seguinte forma a partir da perspectiva receptiva de quem está sinalizando na frente, e quem está vendo os sinais como observador, conforme a figura abaixo.

Figura 5 - Perspectiva receptiva no sistema *SignWriting*



Fonte: Stumpf (2005, p. 62).

Vejamos as mãos referentes à palma. A parte branca do desenho indica a frente da palma da mão no primeiro quadro, a parte preta do desenho indica o dorso da palma da mão no segundo quadro e a parte branca e preta da mão esquerda e da mão direita do desenho indica o lado da palma da mão.

Cada grupo de Configurações de Mão do sistema *SignWriting* (**mãos circular, aberta, fechada e curvada**) desses símbolos possui várias configurações simples e complexas à posição dos dedos para realizar o sinal (Quadro 11). Quanto ao sistema ELiS, as Configurações de Dedos têm grupo que está subdivido em visografemas de **polegar** e visografemas de **demais dedos**. Alguns diacríticos podem ser usados junto a esses visografemas, a fim de proporcionar maior precisão na representação escrita de um sinal (Quadro 12) (BARROS, 2015, p. 21).

Quadro 11 - Configurações de Mão no sistema *SignWriting*

Grupo 01: Indicador							
							
Grupo 02: Indicador e Médio							
							
Grupo 03: Polegar, Indicador e Médio							
							
							
Grupo 04: Quatros Dedos							

(Continua)

(Continuação)

											
Grupo 05: Cinco Dedos											
											
											
Grupo 06: Mínimo											
											
											
Grupo 07: Anelar											
											
											
Grupo 08: Médio											
											

(Continua)

(Continuação)

Grupo 09: Indicador e Polegar											
Grupo 10: Polegar											

Fonte: A autora (2016)

Quadro 12 - Configurações de Dedos no sistema ELiS

Visografemas	
Visológico	Significado
Configurações de Dedos	
<i>Polegar</i>	
.	Fechado
/	Na palma
<	Curvo
\	“3D”
-	Horizontal
	Vertical
<i>Demais dedos</i>	
.	Fechado
⌋	Muito curvo
⌋	Curvo

(Continua)

(Continuação)

\	Inclinado
	Estendido

Fonte: Barros (2015, p. 108).

As orientações da Palma à parede de frente, quando a mão está na **vertical**, escreve dessa forma de escrita no *SignWriting* (ver Quadro 13 a seguir).

Quadro 13 - Orientações da Palma à parede de frente no sistema *SignWriting*

Símbolo		
		

Fonte: A autora (2016).

As outras orientações da Palma ao chão, quando a mão está na **horizontal**, escreve desta forma de escrita no *SignWriting* (Quadro 14).

Quadro 14 - Orientações da Palma ao chão no sistema *SignWriting*

Símbolo		
		

Fonte: A autora (2016).

O grupo de OP da ELiS possui apenas seis elementos, pois escolhemos, também por questão da economia, não representar as orientações diagonais, as quais serão substituídas na escrita por aquelas que mais se aproximam delas de acordo com a representação mental do sinal. Esse é o único grupo que não apresenta subgrupos nem comporta diacríticos (Quadro 15) (BARROS, 2015, p. 22).

Quadro 15 - Orientações da Palma no sistema ELiS

Visografemas	
Visológico	Significado
Orientação da Palma	
☑	Palma para frente
☐	Palma para trás
☐	Palma para a medial
☐	Palma para a lateral
☐	Palma para cima
☐	Palma para baixo

Fonte: Barros (2015, p. 108).

Existem as seis formas de contato do sistema *SignWriting* de representar os símbolos que realizam o sinal à mão com mão, mão com cabeça, e mão com corpo (Quadro 16).

Quadro 16 - Tipos de Contatos no sistema *SignWriting*

Tipos de Contato					
*	+	*	#	⊙	⊙

Fonte: A autora (2016).

Os **Pontos de Articulação** como **Locação** do sistema *SignWriting*, dos vários sinais os símbolos principais são: tronco, cabeça, braços, e espaço neutro para realizar o sinal localizado, podemos citar alguns exemplos dos sinais (Quadro 17). E o sistema ELiS encontra-se subdividido em quatro partes: cabeça, tronco, membros e mãos. Os pontos de articulação também precisam ser analisados considerando os benefícios e as perdas em relação à precisão e à simplicidade, uma vez que o corpo humano é um *continuum* físico e não tem suas partes nitidamente delimitadas. É possível utilizar alguns diacríticos junto aos visografemas desse grupo (Quadro 17) (BARROS, 2015, p. 22).

Quadro 17 - Pontos de Articulação no sistema SignWriting

Pontos de Articulação				
				
				

Fonte: A autora (2016).

Quadro 18 - Visografemas no sistema ELiS

Visografemas	
Visológico	Significado
Ponto de Articulação	
<i>Cabeça</i>	
	Espaço à frente do rosto
	Alto da cabeça
	Lateral da cabeça
	Orelha
	Testa
	Sobrancelha
	Olho
	Maça do rosto
	Nariz
	Buço
	Boca
	Dentes

(Continua)

(Continuação)

◦	Bochecha
└	Queixo
└└	Abaixo do queixo
Tronco	
└└	Pescoço
□	Espaço neutro
≡	Tórax
▨	Abdome
└└	Lateral do corpo
Membros	
└	Braço inteiro
└	Ombro
└	Axila
└	Braço
└	Cotovelo
└	Antebraço
└	Punho
└└	Perna
Mão	
□	Palma da mão
▣	Dorso da mão
≡	Dedos
□)	Lateral de dedo
▣	Intervalo entre dedos
⊕	Articulação de dedo

(Continua)

(Continuação)

☐	Ponta de dedo
---	---------------

Fonte: Barros (2015, p. 108-109).

Os **Movimentos** no sistema *SignWriting* há em uma grande variedade na Libras, aproximadamente 174 símbolos. Um detalhe importante é o registro da mão que se movimenta durante o sinal – mão direita ou esquerda –, ou ainda se as duas mãos se movem juntas como se fossem uma ou com vários movimentos simultâneos, observando-se sempre o plano – vertical, diagonal ou horizontal (SILVA, 2009, p. 33). Assim, Brito (1990) menciona que o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço; os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento (QUADROS, 2004, p. 55). Ao seguir os vários símbolos usados do sistema *SignWriting* em movimento representado no **plano vertical à parede de frente** que está à frente do sinalizador, é representado à escrita por uma **seta dupla** (Quadro 21), outros símbolos identificados do movimento no **plano horizontal à paralela ao chão** que está à frente do sinalizador, é representado à escrita por uma **seta simples** (Quadro 22), e os símbolos no **plano diagonal** são usados para indicar o movimento diagonal para frente/para cima a partir do peito, ou para trás/para baixo a partir do peito. Quando a seta é reta, o movimento também é reto (Quadro 23) (BARRETO, 2012, p. 207). E no sistema ELiS, o grupo de M apresenta três subdivisões: **movimento de braços**, **movimento de dedos e punho** e **movimento sem as mãos**. Os movimentos dos braços são aqueles em que há deslocamento da mão no espaço, ou seja, aqueles que envolvem a participação do braço; os movimentos de dedos e punho são aqueles em que apenas os dedos ou o punho se movimentam; e os movimentos sem as mãos são aqueles realizados por outras partes do corpo que não as mãos, ou seja, as expressões não manuais. Observe que as expressões não manuais são contempladas pela ELiS, mas como elementos do grupo de M, por entendermos que também são Ms, apenas não realizados pelas mãos (Quadro 19) (BARROS, 2015, p. 22).

Quadro 19 - Letras do Movimento no sistema ELiS

Visografemas	
Visológico	Significado
Movimentos	
<i>Movimento de braços</i>	
⊥	Para frente
⊥	Para trás
⊕	Para frente e para trás
↑	Para cima
↓	Para baixo
↕	Para cima e para baixo
→	Para a direita
←	Para a esquerda
↔	Para a direita e esquerda
+	Para o meio
⊕	Para fora
↗	Para cima e à direita
↖	Para cima e à esquerda
↘	Para baixo e à direita
↙	Para baixo e à esquerda
⤿	Arco
⤴	Flexão/ extensão do braço
○	Circular vertical
○	Circular horizontal
⊙	Circular frontal

(Continua)

(Continuação)

<i>Movimento de dedos e punho</i>	
⌚	Abrir a mão
⌚	Fechar a mão
⌚	Abrir e fechar a mão
⌚	Flexionar os dedos na 1° articulação
⌚	Flexionar os dedos na 2° articulação
∨	Unir e separar os dedos
∩	Tamborilar de dedos
∩	Friccionar de dedos
⌚	Dobrar o punho
⌚	Mover o punho lateralmente
⌚	Girar o punho
⌚	Girar o antebraço
<i>Movimento sem as mãos</i>	
⌚	Negação com a cabeça
⌚	Afirmação com a cabeça
⌚	Língua na bochecha
⌚	Língua para fora
⌚	Corrente de ar
⌚	Vibração dos lábios
⌚	Movimento lateral do queixo
⌚	Murchar bochechas
⌚	Inflar bochechas
⌚	Boca aberta

(Continua)

(Continuação)

+	Piscar os olhos
O	Girar o tronco

Fonte: Barros (2015, p. 109).

Os símbolos do parâmetro de Movimento realizado representam a escrita por meio da mão direita, ou mão esquerda e/ ou duas mãos para realizar o sinal feito em movimento (Quadro 20). E na ELiS, é realizado com as duas mãos como sinal bimanual na escrita. Há três tipos de sinais bimanuais: simétrico, assimétrico e quase simétrico.

Simétrico: sinal realizado com as duas mãos, em que todos os grupos são iguais. A escrita desse sinal exige a utilização do sinal gráfico “//” antes da palavra.

Assimétrico: sinal realizado com duas mãos, em que os visografemas para cada mão são diferentes nos quatro grupos. Nesses sinais, a mesma sequência CD OP PA M é seguida, porém, são escritos dois visografemas para cada grupo, o primeiro para representar a mão esquerda e o segundo para representar a mão direita.

Quase simétrico: sinal realizado com as duas mãos, em que no mínimo um e no máximo três grupos são iguais (BARROS, 2015, p. 82-83).

Quadro 20 - Símbolos de Movimentos

Símbolo	Significado
▲	Flecha de movimento com a mão direita será preta
△	Flecha de movimento com a mão esquerda será branca
▲	Flecha de movimento simultâneo com duas mãos

Fonte: Silva (2009, p. 34).

Quadro 21 - Movimentos de Plano Vertical

Movimentos de plano vertical				
				
				
				
				
				
				
				
				
				

Fonte: Silva (2009, p. 34-35).

Quadro 22 - Movimentos de Plano Horizontal

Fonte: Silva (2009, p. 35-36).

Quadro 23 - Movimentos de Plano Diagonal

Fonte: Silva (2009, p. 36-37).

Existem os movimentos dos dedos que representam os símbolos com demais dedos movimentados com a palma (Quadro 24).

Quadro 24 - Movimentos dos Dedos

Fonte: Silva (2009, p. 38).

Há também os tempos do movimento à escrita no *SignWriting*, conforme mostra o quadro a seguir (Quadro 25). E a ELiS usa os tempos do movimento dentro do diacrítico, são eles: alternância e movimentos simultâneos.

Alternância: o diacrítico de alternância (¨) indica que uma mão realiza o mesmo movimento que a outra, porém, em sentidos opostos. Assim, como é preciso o envolvimento das duas mãos, esse diacrítico só é utilizado em sinais bimanuais e sua incidência é maior nos bimanuais simétricos.

Movimentos simultâneos: se uma única mão realiza dois Ms simultâneos, um deles será escrito como diacrítico do outro (BARROS, 2015, p. 88).

Quadro 25 - Tempos do Movimento

Símbolo	Significado
	Movimento simultâneo
	Movimento alternado
	Movimento consecutivo

Fonte: A autora (2016).

Os outros símbolos de dinâmicas são adicionados aos símbolos de movimento para representar as “dinâmicas do movimento”. Também podem ser adicionados às expressões faciais e às configurações de mão em casos especiais como os classificadores (STUMPF, 2005, p. 88). Já para a ELiS esses movimentos de dinâmicas não são usados em escrita.

Quadro 26 - Movimentos de Dinâmicas

Símbolo	Significado
	Movimento suave
	Movimento rápido
	Movimento tenso
	Movimento relaxado

Fonte: A autora (2016).

2.14.1 Símbolo de Pontuação

A escrita de sistema *SignWriting* se descreve com cada símbolo feito de pontuação (Quadro 27). Essa lição explica as letras de pontuação na ELiS. No final, há uma lista descrevendo cada letra do visografema de pontuação. Alguns visografemas estão sendo influência das letras do português escrito (Quadro 28).

Quadro 27 - Símbolo de Pontuação no sistema *SignWriting*

				
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------

Fonte: A autora (2016).

Quadro 28 - Letras de pontuação no sistema ELiS

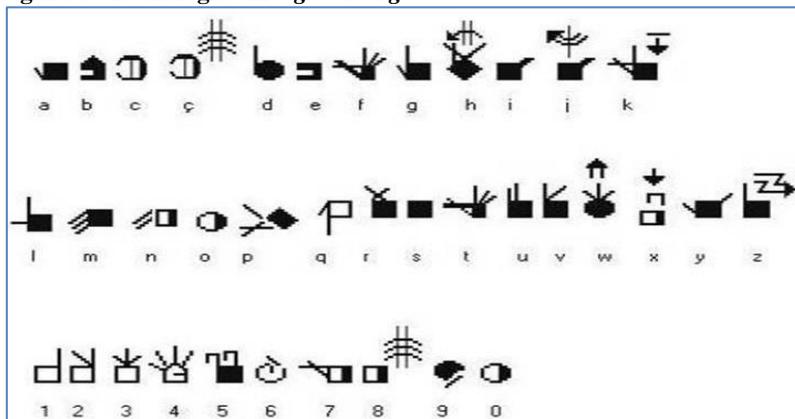
Letras	Português
//	Duas mãos
∴	Sinal composto
-	Pausa normal
⋈	Dois pontos
◦	Ponto final
?	Interrogativa
!	Afirmativa
"	Aspas
'	Única aspa
(Parêntese esquerdo
)	Parêntese direito

Fonte: Barros (2015, p. 103).

2.14.2 Datilologia

A datilologia (denominada de Alfabeto Manual) no sistema *SignWriting* é utilizado para escrever o nome de pessoas, de lugares, e de outros elementos lexicais que não possuem um sinal realizado (Figura 6). Um dos sistemas de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas por meio das mãos. O refere-se às formas de ELS em ELiS, que as mãos assumem na produção dos sinais que podem ser da datilologia para digitar manualmente o nome de pessoa, de lugar e de objeto, pois não possuem o sinal usado (Quadro 29).

Figura 6 - Datilologia em *SignWriting*



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=alfabeto+manual+em+signwriting&espv=2&biw=1366&bih=621&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKewjEkZSB8YRAhXGijAKHYzOD_AQ_AUIBibB#imgrc=VEgR7w_1KclInM%3A>. Acesso: 25 dez. 2016.

Quadro 29 - Datilologia em ELiS

i.	/↑	<↑	<↑ ^h	<↑ ^g	<↑	∩∩	∩∩
A	B	C	Ç	D	E	F	G
/∩. ^h	...∩	...∩ ^h	/∩. ^g	∩.	.##. ^g	.#. ^g	<↑
H	I	J	K	L	M	N	O
/∩.	∩. ^g	.∩.	∩∩	/∩	.#.	∩∩.	∩∩. ^g
P	Q	R	S	T	U	V	W
.∩. ^g	...∩ ^h	.∩. ^g					
X	Y	Z					

Fonte: A autora (2016)

Quadro 27: Números em ELiS

1	2	3	4	5	6	7	8
1	2	3	4	5	6	7	8
9	0						
9	0						

Fonte: A autora (2016).

2.14.3 Letras de diacríticos

O sistema *SignWriting* não existe para ser usado com diacrítico. Na ELiS é um sinal gráfico que sempre se coloca sobre a direita e acima do visografema principalmente no grupo visológico CD, PA, e/ ou Mov através de uma letra representada para alterar a sua realização fonética. O diacrítico OP não é utilizado, pois essa posição é considerada padrão. No sinal // - † □ □ □ □ □ □ □ □ (PROFISSÃO), por exemplo, o diacrítico □ indica que o eixo da palma está para a medial e a OP □ representa “palma para baixo” (BARROS, 2015, p. 86).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a importância de se comparar os sistemas de escrita *SignWriting* e ELiS, do ponto de vista da evolução histórica e concisa dos sistemas de escritas de sinais, das características desses dois sistemas de escrita empregados no Brasil, do funcionamento eficiente da gramática da Libras, mediante um estudo descritivo desses sistemas de escrita de sinais existentes.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Analisar as suas principais características das estruturas de Libras relacionando com *SignWriting* e ELiS na comparação desses sistemas;
- 2) Apresentar a quantidade de glifos registrados nos sistemas das escritas de sinais;
- 3) Identificar a eficácia das análises e discussões com as diferenças e semelhanças na escrita dos sinais em cada sistema *SignWriting* e ELiS.

3.3 MÉTODO DE PESQUISA

Ao apresentar o método de pesquisa propôs-se um estudo linguístico de dois sistemas de escritas das línguas de sinais, mais especificamente, *SignWriting* e ELiS, que vêm mudando a perspectiva a respeito dos estudos desenvolvidos nas pesquisas atuais sobre o tema. A quantidade de informações que pode ser processada e analisada, e a rapidez com que isso pode ocorrer, possibilitam observações e estudos descritivos, manualmente impossíveis, essenciais, e que conferem um caráter de imparcialidade e representatividade à pesquisa.

Fonseca (1999, p. 58) orienta que “o ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo”. Assim, como se exige em uma técnica investigativa, “o pesquisador escolhe primeiro o seu ‘terreno’ e só depois procura entender a sua representatividade”.

3.4 TIPOS DE MÉTODOS DA PESQUISA

A metodologia utilizada abarca procedimentos de demais tipos dos métodos de pesquisa, são eles: pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva. Elas têm por objetivo analisar sobre a evolução da história das escritas registradas das línguas de sinais no Brasil com a interação entre as variáveis existentes nos sistemas de escritas *SignWriting* e ELiS.

A pesquisa bibliografia é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de *websites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do que se procura como resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica foi necessária e tem a preocupação com base nos escritos dos próprios autores dos sistemas *SignWriting* e ELiS que foram produzidos de acordo com a estrutura de cada sistema de Escritas de Sinais para analisar a eficácia em sua aplicabilidade e estudar as convergências nas escritas de sinais em cada sistema para funcionar com suas características de gramática da Libras. Tendo em vista que a bibliografia é reduzida, este estudo focou no SW por meio de publicações como livros produzidos por Madson Barreto e Raquel Barreto (2012, 2015), disponíveis no site de SW em <http://www.signwriting.org/brazil>. Quanto à ELiS, será feito um estudo do livro produzido (2015) por Mariângela Estelita Barros e de sua tese de doutorado (2008), disponíveis no site de ELiS em <http://elislibras.wix.com/home#!>.

Além disso, foi feita pesquisa descritiva que exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Por meio da descrição, pode o pesquisador buscar, além da análise ou da base para tanto, a totalidade do objeto estudado, sem a preocupação com detalhes que a investigação não persiga, assumindo a forma de síntese. Assim o estudo descritivo fornecerá subsídios para as pesquisas analíticas, quer sejam elas de natureza explicativa ou compreensiva (RODRIGUES, 2007, p. 29).

Por fim, esta pesquisa investigou os meios de publicação sobre as estruturas de cada sistema das Escritas de Sinais para descrever os fenômenos em que se utilizaram os instrumentos metodológicos para:

- 1) Descrever a estrutura de cada um dos sistemas de Escrita de Sinais;
- 2) Analisar as diferenças e semelhanças nos sistemas para descrever os fatos de determinada realidade à procura de relações funcionais entre Escritas de Sinais e Libras.

3.5 INSTRUMENTOS

Para a realização desta pesquisa foi necessária a utilização de vários instrumentos. São eles: (1) Carta aberta; (2) contato com escolas e universidades; (3) grupo de pesquisa e estudo em *SignWriting* e (4) Teste *t*.

3.5.1 Carta aberta

Descrição e utilização

A carta aberta sobre a potencialidade do sistema de Escrita *SignWriting* como Sistema oficial utilizado na Educação de Surdos Brasileiros foi informada a instituições de ensino regular que adotaram *SignWriting*. Existem inúmeras faculdades que adotaram o sistema e o estão utilizando e difundindo (ver no anexo A).

3.5.2 Escolas e universidades

Descrição e utilização

Quanto às escolas brasileiras, tive contato com as pessoas conhecidas, e passei a lista dos e-mails das escolas de diversos estados que trabalham as disciplinas obrigatórias e não obrigatórias de escrita de sinais *SignWriting* e ELiS dentro do currículo do ensino fundamental e/ou médio. Então, nas universidades públicas, fui recebida pela orientadora que passou os e-mails dos professores do curso de Letras/Libras no Brasil, fiz contato via Gmail com cada uma delas perguntando se a escrita de *SignWriting* e ELiS era oferecida nas disciplinas de níveis I, II, ou/ e III no currículo do ensino superior. Esse

procedimento é para anotar as quantidades das escolas e universidades que usam o sistema da escrita de sinais (ver nos quadros 4, 5, 6 e 7).

3.5.3 Grupo de pesquisa e estudo em *SignWriting*

Descrição e utilização

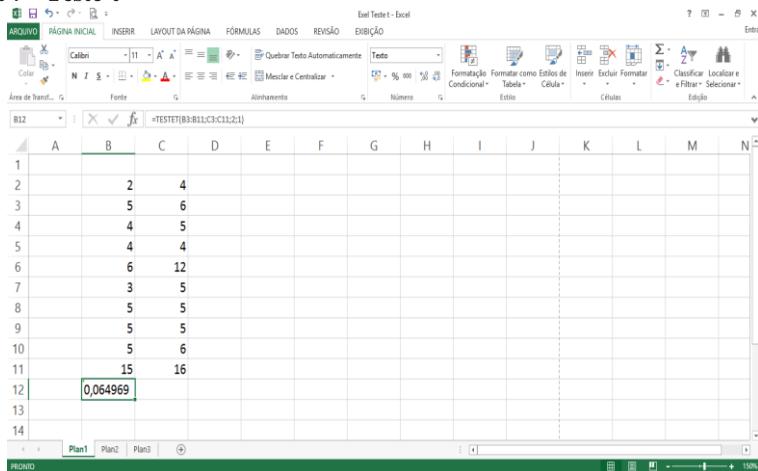
Alguns participantes do grupo de pesquisa e estudo em *SignWriting* responderam pelo Whatsapp sobre a quantidade dos livros de literatura infantil surda com esse sistema de escrita de sinais (ver na seção 1.8).

3.5.4 Teste-t

Descrição e utilização

É um teste de hipótese que consome os estudos estatísticos para utilizar as quantidades de glifos registrados dos sistemas das escritas de sinais entre *SignWriting* e ELiS, tanto em estudos experimentais em contar os glifos e a incerteza de forma a possibilitar a previsão dos dados disponíveis para identificar as médias de uma variável dessas quantidades através da ferramenta de computação Excel (ver na Figura 7).

Figura 7 - Teste-t



Fonte: A autora (2017).

Calculamos a média da quantidade dos glifos de um cada sinal foi extraída, com os seguintes sinais: GOSTAR (número 2), FELIZ (3), TRABALHAR (4), CASA (5), BARBA (6), PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR (7), CAIR-GOTA (8), COLOCAR CHAPÉU (9), JUBA (10) e CARRO, JOÃO GOSTA. (11) entre *SignWriting* em ‘B’ e ELiS em ‘C’ somando um total de 0,06 *t* em número 12, portanto, essa média de total da verificação de comparação dos glifos entre sistemas seguiu uma distribuição de teste *t* que usou como referência as tabelas comparativas dos glifos em *SignWriting* e ELiS que mostraram as diferenças e semelhanças numa planilha em Excel.

É nesse contexto que os sinais escolhidos se relacionaram com as estruturas lexicais e de frase encontradas na Libras e representam pela Escrita de Sinais revelando a gramática da Língua de Sinais.

Por fim, todos os dados e os sinais registrados que foram analisados nesta pesquisa foram feitos com livros publicados sobre os dois sistemas de escritas das línguas de sinais mencionados acima. Cada sinal gráfico apresenta um número de glifos registrados nesses sistemas.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRUTURAS ENTRE *SIGNWRITING* E ELIS

A análise de dados na pesquisa analítica e descritiva foi avaliada na forma de estrutura de comparação dos sinais realizados em Escritas de Sinais, aconteceu por meio de publicações, uma vez que considero esse método adequado para conseguir, de forma produtiva durante toda pesquisa, bem como garantir o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os livros.

Portanto, a quantificação, tanto no processo de análise dos dados quanto da utilização de sinais em escritas de sinais para o tratamento dos mesmos, tem como principal qualidade a precisão dos resultados obtidos com essa análise pelos livros. Sobretudo, utilizado em estudos analíticos e descritivos, que procuraram descobrir e classificar a relação de causalidade desses sistemas de escrita de sinais entre *SignWriting* e ELiS, bem como estabelecer a causalidade entre os fenômenos.

A utilização dos livros publicados para a análise de dados foi autorizada pelos respectivos autores, que assinalaram o termo de consentimento livre esclarecido (ver no anexo A, B e C), aprovaram a divulgação dos documentos produzidos de acordo com as suas informações dos objetivos, métodos de coleta e análise, possíveis riscos, benefícios e os autores foram informados para utilizar esses livros para a pesquisa sobre as estruturas dos sistemas de Escritas de Sinais entre *SignWriting* e ELiS equivalendo com as gramáticas de Libras para descrever os fenômenos durante a análise da comparação desses sistemas registrados.

Os sistemas das Escritas de Sinais entre *SignWriting* e ELiS possuem estruturas totalmente diferentes e por isso foram explicados anteriormente, cada um de acordo com sua própria dinâmica. Com relação à representação da estrutura dos dois sistemas equivalente com a gramática de Libras, tanto o *SignWriting* quanto a ELiS representam as unidades que compõem os sinais realizados, contudo o fazem de maneira diferente dessas Escritas de Sinais. Finalmente, conhecendo alguns exemplos de seus sinais nos critérios como GOSTAR (representando uma mão) FELIZ (representando as duas mãos), TRABALHAR (representando o espaço neutro com movimento alternado), CASA (representando o contato suave com as pontas de dedos), BARBA (representando o rosto), PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR (representando o olhar de direção), CAIR-GOTA (representando as expressões não manuais – olhos sugados, boca

apertada e língua para fora e a mudança das configurações de mãos ao mesmo tempo), COLOCAR CHAPÉU (representando a cabeça sem contato e com sobrelhas levantadas), JUBA (representando as expressões não manuais com dentes) e CARRO, JOÃO GOSTA. (representando as sobrelhas franzidas e a afirmativa), escolhemos os léxicos acima de sinais em uso de gramática na Libras para relacionar equivalentemente com os sistemas registrados de Escritas de Sinais.

Neste contexto, os sinais selecionados para a pesquisa foram extraídos de registros das seguintes obras: Barretos e Barretos (2015), a dissertação de Kogut (2015) e Lições sobre o *SignWriting*, de Valerie Sutton⁷. Da obra de Barretos e Barretos (2015) foram extraídos os seguintes sinais: GOSTAR (página 172), FELIZ (página 216), TRABALHAR (216) e CASA (página 207). Da dissertação de Kogut (2015) foram extraídos os seguintes sinais: BARBA (página 107), PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR (página 113), CAIR-GOTA (página 115), COLOCAR CHAPÉU (página 118) e JUBA (página 121). E, por fim, da obra de Sutton (s/d) foram extraídos os seguintes sinais: CARRO, JOÃO GOSTA. (página 203).

Cada sinal escolhido relaciona-se a uma estrutura lexical encontrada na Língua de Sinais e representada pela escrita; e a frase, corresponde à estrutura sintática, com o objetivo de exemplificar, também, como a estrutura sintática é representada pela escrita.

Assim, a presente pesquisa teve como objetivo analisar os sinais escritos sobre os dois sistemas de escritas das línguas de sinais mencionados, extraídos dos livros mencionados acima. Cada sinal gráfico apresenta um número de glifos registrados em *SignWriting* e ELiS. Verifiquei a equivalência entre eles, e analisei se correspondiam às informações gramaticais da Libras. Por fim, ao quantificar os símbolos em escrita de sinais, contei quantos glifos foram realizados em cada sinal e apontei as considerações a que cheguei a partir dos dados encontrados.

Durante a “comparação dos sistemas *SignWriting* e ELiS”, percebemos que os glifos apresentaram quantidades em uso da Escrita de Sinais.

⁷ SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para língua de sinais. Trad. e adapt.: STUMPF, Marianne R., COSTA, Antônio C. da Rocha. s/d. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

A Tabela 1, a seguir, mostra a quantidade de glifos de cada sinal realizado em cada sistema de escrita de sinais, bem como a quantidade de unidades (glifos) registrados em cada sinal, em cada sistema⁸.

Tabela 1 - Verificação de comparação dos sistemas *SignWriting* e ELiS por cada sinal

Português	<i>SignWriting</i>	ELiS
GOSTAR	2 glifos	4 glifos
FELIZ	5 glifos	6 glifos
TRABALHAR	4 glifos	5 glifos
CASA	4 glifos	4 glifos
BARBA	6 glifos	12 glifos
PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR	3 glifos	5 glifos
CAIR-GOTA	5 glifos	5 glifos
COLOCAR CHAPÉU	5 glifos	5 glifos
JUBA	5 glifos	6 glifos
CARRO, JOÃO GOSTA	15 glifos	16 glifos
Total	54 glifos	68 glifos

Fonte: A autora (2016).

Ao se comparar o sistema *SignWriting* com o sistema ELiS, pode-se observar que os resultados significantes de “glifos” dos dois sistemas é próxima a $> 0,06^9$, são muito semelhantes e pouco diferentes entre *SignWriting* e ELiS. A grande diferença está na drástica diminuição de “*SignWriting*” da segunda coluna, e no significativo aumento de “ELiS” na terceira coluna.

Como se pode observar, a incidência de glifos foi maior em alguns grupos no que diz respeito aos aspectos da gramática de Libras: CD, CM, OP, PA, M, ENM, diacríticos, contatos, direção de olhar e outros. Os principais resultados dos dados foram apresentados pelos livros, que estrategicamente escreveram, em escritas de sinais, os glifos dos sistemas de *SignWriting* e ELiS.

⁸ A quantidade de glifos empregada no registro de cada sinal no sistema ELiS foi comparada com a quantidade de glifos empregada em cada sinal idêntico, registrado no sistema *SignWriting*. A criadora de ELiS validou os sinais registrados neste trabalho, nos dados correspondentes ao registro de ELiS.

⁹ Utilizei o programa de Test-t, uma ferramenta estatística do Excel para realizar o teste de quantidades de glifos registrados nos dois sistemas de Escritas de Sinais. Nesse teste, o cálculo é realizado com base em $> 0,06 t$.

4.1 SINAL – GOSTAR

Este procedimento permitiu identificar a equivalência com Libras do glifo do sinal. Veja a Tabela 2. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal monomanual, CM, CD, OP, PA, Mov e ENM), na coluna 2, os glifos utilizados pelo sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados pelo sistema ELiS. Nessa tabela, o sinal GOSTAR está apresentado em pilhas utilizadas pelo sistema *SignWriting*. Na coluna 2, o sinal monomanual é o sinal realizado com uma mão, a CM é  da mão direita à parede de frente, a OP representando a palma da mão será branca, o PA representando o tronco, e o Mov representando esfregar em círculo . Na coluna 3, “\†” é a CD de mão direita, “”¹⁰ é a OP, “”¹¹ é o PA.

Tabela 2 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal GOSTAR

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal monomanual	Incluído da CM	Incluído da CD
CM		Não tem
CD	Não tem	\†
OP	Incluído da CM	
PA	Incluído da CM	
Mov		

(Continua)

¹⁰ Palma para trás

¹¹ Tronco

(Continuação)

Sinal realizado		
Total	2 glifos	4 glifos

Fonte: A autora (2016).

Descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 2) apresentam equivalência da mesma forma de Libras nos dois sistemas das Escritas de Sinais: *SignWriting* e ELiS do sinal GOSTAR relacionou com a utilização de sinal monomual que indica uma mão. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de contato no peito em movimento de círculo, fim da sinalização.

Diferenças e semelhanças podemos verificar que, entre *SignWriting* e ELiS não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA e Mov há semelhanças na mesma forma da Libras.

Percebemos que esses números registrados dos glifos de sinal CASA que são quase iguais. O sistema *SignWriting* está incluído pelas OP e PA dentro da CM, e o sistema ELiS está completada em cada um glifo para realizar o sinal pleno.

4.2 SINHAL – FELIZ

Veja a Tabela 3 a seguir. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA, Mov e ENM), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados pelo sistema ELiS. Nessa tabela, o sinal FELIZ está apresentado pelas pilhas utilizadas pelo sistema *SignWriting*. Na coluna 2, a CM representando a letra ‘F’ ao dorso de suas duas mãos, a OP representando mãos paralelas à parede de frente, o PA representando o espaço neutro, pois o glifo de pilhas que o representa será preto, o Mov representando a seta dupla paralela à parede que está à frente do sinalizador, o glifo de pilhas com o movimento da mão direita por setas com ponta preta e o movimento da mão esquerda por setas com ponta branca, a ENM representando grande sorriso com as sobrancelhas

arqueadas. Agora, ao apresentar os visografemas utilizados pelo sistema ELiS, percebemos que na coluna 3, “” é a ENM representando ‘boca’ () com o diacrítico de movimento ‘para fora’ () mas deve ser usado a ENM antes de palavra tradicional, o sinal bimanual é o tipo simétrico que significa sinal realizado com duas mãos, em que todos os visografemas são iguais, mas sempre usa o sinal gráfico “//” antes da palavra tradicional, a CD representando a letra ‘F’ () em duas mãos paralelas à parede de frente, “”¹² é a OP de ambas mãos, “”¹³ é o PA, “” é o Mov em que o movimento é de ‘para baixo’ () com o diacrítico de ‘para a direita e esquerda’ ()”.

Tabela 3 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal FELIZ

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	
OP	Incluído a CM	
PA	Incluído a CM	
Mov		
ENM		

(Continua)

¹² Palma para frente

¹³ Espaço neutro

(Continuação)

Sinal realizado		
Total	5 glifos	6 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 3) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras nos dois sistemas das Escritas de Sinais em *SignWriting* e ELiS do sinal FELIZ e o relacionou com a utilização de sinal bimanual que indica as duas mãos, em que todos os grupos de glifos são iguais. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de espaço neutro, fim da sinalização.

Diferenças e semelhanças podemos verificar entre *SignWriting* e ELiS, e não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA e Mov há semelhanças. Por enquanto, a ENM de *SignWriting* e ELiS foram usadas na Escrita de Sinais, mas a ELiS omitiu apenas as sobrelinhas arqueadas. A ELiS é representação que ocupa uma posição anterior ao início da palavra tradicional¹⁴. Na verdade, na maior parte do tempo, a ELiS está sendo utilizada sem marcar diversas expressões não manuais por entender que a maioria delas é expressão afetiva e não linguística na escrita.

Percebemos que esses números registrados dos glifos de sinal FELIZ são quase iguais. O sistema *SignWriting* está completo na escrita, o sistema faltou completar mais um glifo de ENM, poderia aumentar mais o número registrado do glifo.

4.3 SINAL – TRABALHAR

¹⁴ A palavra tradicional significa que ocupa uma ordem de letras dos visografemas: CD, OP, PA e Mov anterior ao início da representação de ENM.

Tendo em vista que os glifos envolvidos nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal TRABALHAR foram demonstrados na Tabela 4 a seguir, apresentados separadamente os glifos utilizados por cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA e Mov), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados por sistema ELiS.

Está apresentado em pilhas utilizadas pelo sistema *SignWriting*. Na coluna 2, a CM representando a letra ‘L’ pelo dorso de suas duas mãos, a OP representando mãos paralelas ao chão e o PA representando o espaço neutro, pois o glifo de pilhas que o representa será preto, o Mov representando paralelo ao chão com seta simples (para frente e para trás) com pontas brancas da mão esquerda e pontas pretas da mão direita.

Na coluna 3, ao apresentar os visografemas utilizados pelo sistema ELiS. Em “//” é o sinal bimanual, apresenta em que “_L” é a CD de ambas mãos, “☐”¹⁵ é a OP de ambas mãos, “☐”¹⁶ é o PA, “☐”¹⁷ é o Mov em que o movimento de “para frente e para trás” (☐) com o diacrítico de alternância (¨).

Tabela 4 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal TRABALHAR

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	_L

(Continua)

¹⁵ Palma para baixo

¹⁶ Espaço neutro

(Continuação)

OP	Incluído a CM	☐
PA	Incluído a CM	☐
Mov		±''
Sinal realizado		//.1.8.0.±''
Total	4 glifos	5 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 (Tabela 4) apresenta a mesma forma de Libras que foi equivalida com as Escritas de Sinais em *SignWriting* e ELiS do sinal TRABALHAR e o relacionou com a utilização de uma amostra do léxico do locutor. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de espaço neutro e movimento (para frente e para trás) ao tempo de movimento alterado, fim da sinalização.

Diferenças e semelhanças podemos verificar entre os sistemas de Escritas de Sinais *SignWriting* e ELiS, por exemplo não há diferença de CM e CD. Quanto à OP e ao PA podemos dizer que há semelhanças, mas quanto ao Mov há diferença, pois que o diacrítico de movimento (alternância) é utilizado apenas em ELiS, e não em *SignWriting*.

Percebemos que esses números registrados dos glifos de sinal TRABALHAR são quase iguais. Porque o sistema *SignWriting* está incluído de sinal bimanual dentro da CM, e o sistema ELiS completou mais um glifo de sinal bimanual para realizar o sinal pleno com duas mãos em que grupos são iguais.

4.4 SINAL – CASA

Os glifos envolvidos nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal CASA estão demonstrados na Tabela 5 a seguir, serão apresentados separadamente os glifos utilizados por cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA e Contato), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados por sistema ELiS.

O sinal CASA será apresentado em pilhas utilizadas pelo sistema *SignWriting*. Na coluna 2, a CM representando a letra ‘B’ de ambas as mãos, a OP é metade em preto e metade em branco, pois a parte preta mostra o dorso da mão, e a parte branca mostra o lado da palma que está virada, e a PA é o espaço neutro, o contato suave em duplicidade é representado por dois asteriscos, que representam dois toques.

Na coluna 3, apresentamos em visografemas utilizados pelo sistema ELiS. Observe que “//” é o sinal bimanual, e “/†” é a CD de duas mãos, “□”¹⁷ é a OP de ambas as mãos, “◻”¹⁸ é o PA de duas mãos que recebe o contato contínuo da ponta de dedo, por isso está sublinhado: “◻”.

Tabela 5 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal CASA

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	/†
OP	Incluído a CM	◻

(Continua)

¹⁷ Palma para a medial

¹⁸ Ponta de dedo

(Continuação)

PA	Incluído a CM	
Contato	**	Incluído o PA
Sinal realizado		//+□□
Total	4 glifos	4 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 5) apresenta a mesma forma de Libras que foi equivalida com as Escritas de Sinais em *SignWriting* e ELiS do sinal CASA e o relacionou com a utilização de iconicidade que apresenta a correlação natural e motivada icônica. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de contato com pontas de dedo, fim da sinalização.

Sobre as diferenças e semelhanças do sinal CASA, verifica-se que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP e PA há uma mesma forma de Libras, mas há diferença de M, então o contato simples em duplicidade (tocar) é utilizado apenas em *SignWriting*, e não em ELiS. E a ELiS é incluída de contato contínuo com a PA, porque ele foi representado por um traço que sublinha o visografema de PA onde se realizou o contato. Observamos que esses números registrados dos glifos de sinal CASA entre *SignWriting* e ELiS que são iguais na escrita.

4.5 SINAL – BARBA

Os glifos apresentados nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal BARBA estão demonstrados na Tabela 6 a

seguir, serão apresentados separadamente os glifos utilizados por cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA, Mov, Diacrítico de Ponto de Articulação, ENM e Contato suave), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados por sistema ELiS.

Na coluna 2, apresenta-se a ENM representando ‘bochechas inchadas’, a CM representando ‘☞ ☜’ de duas mãos, a OP representando mãos paralelas à frente do sinalizador como palma para a medial, pois o glifo de pilhas que a representa será metade branco (a palma da mão) e metade preto (o dorso da mão), a PA representando o ‘espaço neutro’, o Mov representando paralelo à parede de frente com seta dupla (seta branca será esquerda da mão e seta preta será direita da mão), o contato suave é representado por um asterisco que apresenta apenas um toque. Na coluna 3, ‘//’ é o sinal bimanual, e “◁◻” é a CD de mesmas mãos, “◻”¹⁹ é a OP de duas mãos, “◦◦”²⁰ é o PA, “⊥⁰” é o Mov em que o movimento de ‘para frente’ “⊥” com o diacrítico de movimento (°)²¹ e também outro diacrítico de ENM (°)²² ao mesmo tempo de todos os movimentos, “.:” é sinal composto²³, na mesma explicação do sinal bimanual anteriormente, na mesma explicação da CD, “◻”²⁴ é o OP de duas mãos, “◻”²⁵ é a PA que recebe o contato da mão, pois está sublinhado de contato contínuo (◻), “◻”²⁶ é o diacrítico de PA.

¹⁹ Palma para a medial

²⁰ Bochechas

²¹ Circular vertical

²² Bochechas inchadas

²³ É aquele formado pela justaposição de dois ou mais sinais ou se tiver mais de uma sílaba (BARROS, 2015, p. 84)

²⁴ Palma para trás

²⁵ Lateral de dedo

²⁶ Queixo

Tabela 6 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal BARBA

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	<∩
OP	Incluído a CM	
PA	Incluído a CM	
Mov		⊥°
Diacrítico de Ponto de Articulação	Não tem	≡
ENM		°
Contato suave	*	Não tem

(Continua)

os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA e Direção de Olhar), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados por sistema ELiS.

Na coluna 2, apresenta-se a ENM que representa ‘direção de olhar para esquerdo’, a CM representando ‘’ de duas mãos, a OP representando mãos paralelas à frente do sinalizador como palma para a medial, pois o glifo de pilhas que a representa será metade branco (a palma da mão) e metade preto (o dorso da mão), a PA representando o ‘espaço neutro’. Na coluna 3, apresentando “” é a ENM em que o Ponto de Articulação “”²⁷ surge com o diacrítico de movimento “”²⁸, “” é o sinal bimanual, “” é a CD de duas mãos, “”²⁹ é o OP, “”³⁰ é o PA.

Tabela 7 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal PROCURAR PARA FOTOGRAFAR

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	<∩.
OP	Incluído a CM	
PA	Incluído a CM	

(Continua)

²⁷ Olhos.

²⁸ Movem-se para cima e à esquerda.

²⁹ Palma para a medial.

³⁰ Espaço neutro.

(Continuação)

Direção do Olhar		.. [^]
Sinal realizado		.. [^] // < 7. 0 0
Total	3 glifos	5 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 7) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras nos dois sistemas das Escritas de Sinais em *SignWriting* e ELiS do sinal PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR e o relacionou com a utilização de Descrições Imagéticas que tem um tipo de transferência das Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e a é Transferência Espacial (TE), o sinalizante demonstrou o elemento de um determinando espaço com o movimento reto nos olhos. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de olhar de direção, fim da sinalização.

Sobre as diferenças e semelhanças podemos dizer que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA e ENM há semelhanças. E a ENM de *SignWriting* e ELiS foi usada na Escrita de Sinais como transcrição registrada.

Percebemos que esses números de glifos de sinal PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR são pouco diferentes, porque o sistema *SignWriting* está incluído do glifo de sinal bimanual no CM, e a ELiS completou mais um glifo de sinal bimanual para realizar o sinal com duas mãos, em que todos os grupos são iguais.

4.7 SINAL – CAIR-GOTA

Os glifos exibidos nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal CAIR-GOTA estão explanados na Tabela 8 a seguir, e serão apresentados separadamente os glifos utilizados por

cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Esse procedimento permitiu identificar a equivalência com Libras do glifo do sinal. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (CM, CD, OP, PA, Mov e ENM), na coluna 2, os glifos utilizados pelo sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados pelo sistema ELiS.

Na coluna 2, apresenta-se a ENM representando ‘lábios sugados com olhos apertados e língua para fora’ ao mesmo tempo, a CM representando “” de uma mão direita, a OP representando mão paralela ao chão como palma para baixo, pois o glifo de pilhas que a representa será preto (o dorso da mão), a PA representando o ‘espaço neutro’, o Mov representando a ‘seta dupla com ponta preta da mão direita’ “” e a articulação média do dedo se estende, apresenta esse glifo de movimento com um ponto branco “”. Na coluna 3, apresenta-se “” que é a ENM em que o movimento sem as mãos “”³¹ surge com o diacrítico de movimento “”³², “” é a CD de mão direita, “”³³ é a OP, “”³⁴ é o PA, “” é o Mov em que surge o movimento ‘para baixo’ “” com o diacrítico de movimento ‘abrir a mão’ “”.

Tabela 8 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal CAIR-GOTA

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
CM		Não tem
CD	Não tem	
OP	Incluído a CM	
PA	Incluído a CM	

(Continua)

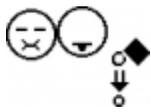
³¹ Língua para fora.

³² Para frente.

³³ Palma para baixo.

³⁴ Espaço neutro.

(Continuação)

Mov		
ENM		
Sinal realizado		
Total	5 glifos	5 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 8) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras no sistema da Escrita de Sinais apenas em *SignWriting* e não em ELiS do sinal CAIR-GOTA e o relacionou com a utilização de Transferência de Localização (TL), o sinalizante tem a ver com a direção do objeto podendo ser para saltar a gota. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de expressões não manuais e mudanças das configurações de mãos ao mesmo tempo, fim da sinalização.

Sobre as diferenças e semelhanças podemos verificar que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA e Mov há semelhanças. E a ENM de *SignWriting* e ELiS foi usada na Escrita de Sinais, mas a ELiS omitiu a ENM (olhos apertados e lábios sugados).

Percebemos que esses números registrados dos glifos de sinal CAIR-GOTA são iguais entre dois sistemas. O sistema *SignWriting* foi completado na escrita, mas o sistema ELiS não foi completado através dos glifos de ENM para realizar a escrita completa, poderia aumentar mais os números registrados dessa comparação.

4.8 Sinal – COLOCAR CHAPÉU

Os glifos exibidos nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal COLOCAR CHAPÉU estão explanados na Tabela 9 a seguir, e serão apresentados separadamente os glifos utilizados por cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Esse procedimento permitiu identificar a equivalência com Libras do glifo do sinal. Na coluna 1, estão os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA, Mov e ENM), na coluna 2, os glifos utilizados pelo sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados pelo sistema ELiS.

Na coluna 2, apresenta-se a ENM representando ‘sobrancelhas erguidas’, a CM representando “” de ambas as mãos entre esquerda e direita, a OP representando mãos paralelas à parede da frente, pois para o glifo de pilhas que a representa o dorso da mão será metade preto e a palma da mão será metade branco, a PA representando a ‘lateral da cabeça’, o Mov representando a ‘seta dupla com ponta branca da mão esquerda’ “” e ‘seta dupla com ponta preta da mão direita’ “”. Na coluna 3, “//” é o sinal bimanual, “\ \” é a CD de duas mãos, “”³⁵ é a OP, “”³⁶ é o PA, “”³⁷ é o Mov.

Tabela 9 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal COLOCAR CHAPÉU

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//
CM		Não tem
CD	Não tem	\ \

(Continua)

³⁵ Palma para a medial.

³⁶ Lateral da cabeça.

³⁷ Para baixo.

(Continuação)

OP	Incluído a CM	☐
PA	Incluído a CM	┌┐
Mov	↓ ↓	↓
ENM		Não tem
Sinal realizado		//\☐┌┐↓
Total	5 glifos	5 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 9) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras no sistema da Escrita de Sinais apenas em *SignWriting* e não em ELiS do sinal COLOCAR CHAPÉU e o relacionou com a utilização de Transferência de Movimento (TM), o sinalizante tem uma percepção visual para produzir as mãos com movimentos sobre a cabeça que podem ser linhas retas para baixo e que resultou num significado diferente, indica a direcionalidade e o tempo do verbo. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de cabeça sem contato e com sobranceiras erguidas, fim da sinalização.

Verifica-se que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA e Mov há uma mesma forma de Libras. A ENM de *SignWriting* foi usada, mas a ELiS omitiu a ENM (sobranceiras erguidas).

Percebemos que esses números registrados dos glifos de sinal COLOCAR CHAPÉU são iguais. O sistema *SignWriting* foi completado na escrita, mas o sistema ELiS não foi completado através do glifo de ENM (sobrancelhas erguidas) para realizar a escrita completa, poderia aumentar mais o número registrado dessa comparação.

4.8 SINAL – JUBA

Os glifos exibidos nas Escritas de Sinais de cada sistema *SignWriting* e ELiS do sinal JUBA estão explanados na Tabela 10 a seguir, e serão apresentados separadamente os glifos utilizados por cada sistema das Escritas das Línguas de Sinais. Esse procedimento permitiu identificar a equivalência com Libras do glifo do sinal. Na coluna 1, estão dispostos os glifos (Sinal bimanual, CM, CD, OP, PA, Mov e ENM), na coluna 2, os glifos utilizados por sistema *SignWriting*, e na coluna 3, os glifos utilizados por sistema ELiS.

Na coluna 2, apresentando a ENM representando ‘dentes’, a CM representando  de ambas as mãos, a OP representando mãos paralelas à parede da frente, pois o glifo de pilhas que representa a palma da mão será branca, a PA representando o ‘espaço neutro’, o Mov representando a ‘seta dupla com ponta branca da mão esquerda’ () e ‘seta dupla com ponta preta da mão direita’ (). Na coluna 3, apresentando “” é a ENM, com boca () seguida pelo diacrítico de PA ()³⁸, “” é o sinal bimanual, “” é a CD de duas mãos, “”³⁹ é a OP, “”⁴⁰ é o PA, “” é o Mov em que movimento para frente () com o diacrítico de movimento circular vertical (^o).

Tabela 10 - Glifos utilizados por cada sistema das Escritas de Sinais – sinal JUBA

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Sinal bimanual	Incluído a CM	//

(Continua)

³⁸ Dentes.

³⁹ Palma para trás.

⁴⁰ Bochechas.

(Continuação)

CM		Não tem
CD	Não tem	<7
OP	Incluído a CM	☐
PA	Incluído a CM	◌◌
Mov		⊥°
ENM		⊥ [⊥]
Sinal realizado		⊥ [⊥] //<7☐◌◌⊥°
Total	5 glifos	6 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das colunas 2 e 3 acima (Tabela 10) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras nos dois sistemas de Escritas de Sinais *SignWriting* e ELiS do sinal JUBA e o relacionou com a utilização de Transferência de Incorporação (TI), o sinalizante apresentou um determinado objeto no corpo do mesmo sinalizante que que mostra suas ações efetuadas realizando a incorporação de animal através do sinalizante por passar a ser imitação, indica as ações efetuadas. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da

realização da sinalização, delimitado com os glifos de expressão não manual com dente, fim da sinalização.

Diferenças e semelhanças podemos verificar que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA, Mov e ENM há semelhanças da forma de Libras.

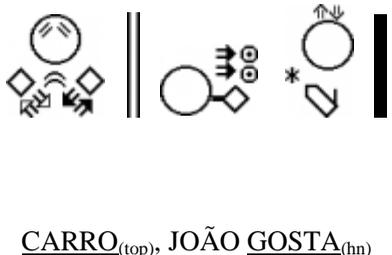
Percebemos que esses números dos glifos de sinal JUBA são quase iguais, pois o sistema *SignWriting* está incluído de sinal bimanual dentro da CM, e o sistema ELiS foi completado com mais uma utilização do glifo de sinal gráfico bimanual “//” antes de escrever a palavra para realizar com as duas mãos em grupos de visografemas que são iguais.

4.9 SINAL – CARRO, JOÃO GOSTA.

Na Tabela 11, os sinais na frase de tópico ‘CARRO, JOÃO GOSTA.’ estão apresentados em glifos utilizados pelos dois sistemas de Escrita de Sinais: *SignWriting* e ELiS. Na primeira linha, é uma das pilhas representadas de *SignWriting*, o sinal CARRO existe com a ENM representando ‘sobrancelhas com um leve movimento da cabeça para cima’ () , a CM representando () de ambas as mãos, a OP representando as palmas das mãos que serão brancas no plano da parede, o PA representando o ‘espaço neutro’, o Mov representando a ‘seta dupla com ponta branca da mão esquerda’ () e ‘seta dupla com ponta preta da mão direita’ () com o movimento alternado () , (||) é uma vírgula, o sinal JOÃO existe com a cabeça com a CM da mão direita à parede de frente, a OP é palma da mão que será branca na locação () , o PA representando a ‘bochecha direita’, o Mov representando as ‘setas duplas com pontas pretas da mão direita’ () com ‘dois movimentos de escovar’ () , o sinal GOSTAR existe com a ENM representando afirmação ‘a cabeça se move para cima e para baixo com pequenas setas duplas’ () , a CM é () da mão direita à parede de frente, a OP representando a palma da mão que será branca, o PA representando o tronco, o Mov representando o contato simples () , () é o ponto final. Na segunda linha, é um dos visografemas representados de ELiS, o sinal CARRO existe com a ENM “-↑” em que ‘sobrancelha’ (-) surge com o diacrítico de movimento ‘para cima e direita’ (↑), “//” é o sinal bimanual, “•” é a CD de ambas as mãos com o diacrítico de

eixo da palma (☐)⁴¹, “☐”⁴² é a OP, “☐”⁴³ é o PA, “↕” é o Mov em que o movimento ‘para cima e para baixo’ (↕) surge com o diacrítico de alternância (¨), a vírgula do mesmo símbolo de português (,), o sinal JOÃO, “...!” é a CD de mão direita, “☐” é a OP, “☐” é o PA em que bochecha (☐) surge com contato contínuo (☐) e também diacrítico de lateralidade (ˆ) para indicar “lado direito” de uma boca, “→” é o Mov em que movimento para a direita (→) com o diacrítico de repetição (˙), sinal GOSTAR, “↖” é a CD de mão direita, “☐” é a OP, “☐”⁴⁴ é o PA, “☐”⁴⁵ é a ENM, e “.” é o ponto final.

Tabela 11 - Glifos utilizados de Escritas das Línguas de Sinais no Tópico

<p>Sistema <i>SignWriting</i></p>	 <p><u>CARRO</u>_(top), <u>JOÃO GOSTA</u>_(hn)</p> <p>De carro, o João gosta</p>
<p>Total</p>	<p>15 glifos</p>

(Continua)

⁴¹ Com OP “para a medial”.

⁴² Palma para trás.

⁴³ Espaço neutro.

⁴⁴ Tronco.

⁴⁵ Com ENM “afirmação”.

(Continuação)

Sistema ELiS	<p style="text-align: center;"><u>CARRO</u>_(top), JOÃO <u>GOSTA</u>_(hn)</p> <p style="text-align: center;">De carro, o João gosta</p>
Total	16 glifos

Fonte: A autora (2016).

A descrição das linhas 1 e 2 acima (Tabela 11) apresenta a equivalência da mesma forma de Libras nos dois sistemas de Escritas de Sinais *SignWriting* e ELiS do sinal CARRO, JOÃO GOSTAR e o relacionou com a utilização de tópico, o sinalizante produziu em Libras uma frase da estrutura gramatical com marcação não manual para determinar mudança de uma estrutura na sentença topicalizada gerando com a elevação das sobrancelhas levantadas. Não há deslocamento da configuração de mão (CM) do *SignWriting* e configuração de dedo (CD) da ELiS do local de início da realização da sinalização, delimitado com os glifos de sobrancelhas erguidas e afirmativa, fim da sinalização.

Sobre diferenças e semelhanças podemos verificar que, entre *SignWriting* e ELiS, não há diferença de CM e CD. Quanto ao OP, PA, Mov e ENM há semelhanças da mesma forma de Libras.

Por fim, percebemos que esses números registrados dos glifos de frase CARRO, JOÃO GOSTA são quase iguais. O sistema *SignWriting* de sinal CARRO está incluído de sinal bimanual dentro da CM, o sistema ELiS completou mais um glifo de sinal bimanual. Por enquanto, todos os exemplos acima entre *SignWriting* e ELiS apresentaram os significantes diferentes (expressão na escrita) que representam os glifos, mas um signo com o mesmo significado (conteúdo).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação busquei comparar as principais características das estruturas da gramática de Libras representadas pelos sistemas *SignWriting* e ELiS, e foi analisada a quantidade de glifos dos sistemas das escritas de sinais. Os léxicos foram extraídos em livro, que serviu de base para a origem dos dados realizados da pesquisa nesse momento.

Com os objetivos alcançados das contribuições deste trabalho, como primeiro objetivo, foram analisadas as principais características das estruturas de Libras relacionando com os sistemas de Escrita de Sinais; como segundo objetivo, foram apresentadas as quantidades de glifos extraídos entre *SignWriting* e ELiS na comparação; e como último objetivo, foi identificada a eficácia das análises e discussões com as diferenças e semelhanças na Escrita de Sinais em cada um dos sistemas *SignWriting* e ELiS.

A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em duas etapas divididas em livros divulgados. A primeira etapa constituiu em: foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o assunto, incluindo livros expostos, entre outros. E na segunda etapa, a pesquisa descritiva foi feita para a obtenção de dados através dos meios de publicação.

Na etapa da análise, os livros publicados foram registrados nos sistemas *SignWriting* e ELiS pelas diferenças e semelhanças para descrever os fatos de determinada realidade, e os relacionei com elementos entre escritas de sinais e Libras. Como mencionado anteriormente, a tarefa de decidir como os léxicos feitos merecem ser comparados é árdua, e no caso das línguas de sinais a questão da análise é ainda mais complexa, o que justifica o fato de que cada um possa analisar os léxicos e registrar os sistemas das escritas de sinais nas publicações. A partir dessas análises, os parâmetros de Libras dessas escritas registradas foram comparados.

Torna-se muito importante pensar sobre o trabalho de comparação dos sistemas das escritas de sinais, muito ainda é possível descobrir em futuras pesquisas. Os sistemas registrados *SignWriting* e ELiS possibilitam as descrições detalhadas dos léxicos e todas as composições visuais e convenções das escritas de sinais. A metodologia utilizada nesta pesquisa para a comparação de dois sistemas das escritas de sinais pode contribuir como forma de se refletir sobre o funcionamento equivalente com suas características da gramática de Libras. É possível que, futuramente, com economia de léxicos, seja possível contribuir para as estratégias encontradas da leitura e da escrita padronizada dessa língua.

Os sistemas *SignWriting* e ELiS ainda são considerados recentes, o que pode gerar algumas dúvidas devido à falta de convencionalidade da língua. Quando a ortografia de uma língua já está consolidada, a leitura e a escrita são facilitadas e as ambiguidades são reduzidas, porém, quando a investigação em torno de uma língua é relativamente recente, não tendo as convenções totalmente definidas e estabelecidas, podem existir discussões sobre qual a melhor forma de reproduzir e representar determinado sinal (KOGUT, 2015, p. 127-128). É uma das necessidades de mais análises para que a ortografia de Libras com economia e padronizada seja refletida facilitando as interações dos usuários dos sistemas das escritas de sinais *SignWriting* e ELiS.

A análise e a discussão dos resultados contêm os dados da pesquisa, os quais foram divididos em três estudos: o primeiro com a busca dos léxicos através dos livros publicados, o segundo com a descrição sobre as principais características dos sistemas das escritas de sinais e outro com a apresentação sobre as quantidades dos glifos à relação em Libras com os sistemas registrados.

Em novos estudos sobre a adoção de uma terminologia precisa para designar as escritas das línguas de sinais, foram apresentados quais termos, de acordo com os termos em minha visão de ideia, foram utilizados na escrita de sinais. Neste momento, mostram-se os termos encontrados, que buscaram refletir os termos em uso da escrita de sinais com os trabalhos propostos dos autores. Mas isso não impediu de identificar, por exemplo, que algumas das categorias de escrita de sinais poderiam ser agrupadas em uma única escrita. Esse seria o caso para a escrita de sinais apresentado pelos autores cujas diferenças são muito sutis, o que poderia também ser tema de novas pesquisas.

Vale ressaltar que este trabalho segue a proposta importante de discussão sobre a perspectiva da terminologia de escrita das línguas de sinais apresentadas por vários autores: Stokoe (1960), Capovilla (2011), Stumpf (2005), Boutora (2003), Barros (2008), Bózoli (2015), McNeill (1992), Fischer (2009), Galea (2014), e Barreto (2015), foram utilizados no uso de termo criado nos estudos teóricos sobre a escrita de sinais. Nesse momento, mostram os termos encontrados na discussão dos autores em uma perspectiva entre vários termos pelo criador, os termos empregados e o que foram produzidos pelos autores.

Nesse contexto, os estudos teóricos para pesquisa foram adicionados das seguintes obras: Higounet (2003), Fischer (2009), Quadros e Karnopp (2004), Martelotta (2012), Kogut (2015), Campello (2008) e outros autores. O objetivo de apresentar cada fundamentação básica levou-se para a análise realizada na comparação dos sistemas

apresentaram os sinais extraídos com a Língua de Sinais e representa pelos sistemas que descreveram as estruturas e as características dessas escritas de sinais.

Portanto, realizei um levantamento de quantidades apresentadas de escolas, de universidades e de livros publicados brasileiros em uso da existência de Escrita de Sinais: *SignWriting* e/ ou ELiS, que demonstraram um crescimento significado dos resultados obtidos sobre as informações de utilização e difusão nesses sistemas.

Uma visão interessante é a de que foi possível mostrar com a Tabela 1 que as quantidades de glifos entre *SignWriting* e ELiS com essa pesquisa foram muito diferentes, diferentemente dos sistemas que são escritas de acordo com a convencionalidade, não se preocupando em apresentar qual melhor sistema da escrita de sinais em uso no Brasil, o *SignWriting* possibilita usar máximo de 900 pilhas e a ELiS tem só um mínimo de 95 visografemas em uso. A percepção dos sistemas da pilha e do visografema presentes apresentam os elementos descritivos para o entendimento de que o *SignWriting* sempre visualmente simplifica para escrever direto e a ELiS detalha para escrever à ordem dos passos de letra no processo de escrita realizada, por ser um sistema gráfico linear de escritas das línguas de sinais.

Durante a realização da análise na comparação dos sistemas de escritas de sinais, os glifos registrados, por meio das publicações disponíveis nos livros, fizeram algumas alterações nas escritas de sinais, para que os sistemas pudessem alcançar níveis eficientes, capazes de melhorar as escritas visuais e convencionais.

Sobre os sinais em escritas de sinais, a parte de gramática em Libras foi testada. Alguns sinais responderam que há maneiras possíveis nos sistemas de escrita de sinais, as mudanças sugeridas deixaram os glifos mais esclarecidos para a escrita com muitas informações, facilitando sua compreensão na leitura.

A seguir, alguns dos sinais em escritas de sinais que mudaram foram sugestões, a fim de melhorar as formas nos sistemas em uso no Brasil.

5.1 SIGNWRITING

Para falar do sistema *SignWriting* no ensino de gramática em Libras na instituição do ensino fundamental, médio e superior, falei a respeito das concepções teóricas de Stokoe (1960) e Battison (1975) e de suas práticas de ensino de gramática no âmbito do que compreende como aula de escrita de sinais. Os glifos registrados de *SignWriting*

foram seguidos com a gramática de Libras na escrita ao cotidiano. Aos 10 sinais registrados que não há problemas no sistema de escrita de sinais. Mas precisamos criar a fonte do próprio sistema brasileiro de *SignWriting* para usar os glifos para escrever direto, como a fonte do sistema ELiS já tem.

5.2 ELIS

Os sinais FELIZ, PROCURAR-PARA-FOTOGRAFAR e JUBA precisam seguir a utilização de marcar diversas expressões não manuais por entender a expressão linguística na escrita.

Para outro sinal, BARBA, a escrita não foi econômica, mas a norma dela deve obrigar muitas informações para esclarecer o que está escrito na sua compreensão de leitura. Se o registro for muito simplificado não apresenta as informações necessárias para que a escrita seja satisfatória.

Por fim, os sinais FELIZ, CAIR-GOTA e COLOCAR-CHAPÉU precisam colocar os novos visografemas de ENM (olhos apertados, lábios sugados, sobranceiras erguidas e arqueadas) que estão precisando das novas criações para informar melhor na sua escrita, e obviamente na leitura em sua compreensão. Isso significa dizer que haja a leitura de um texto escrito em que a criança surda receba incentivo e ajuda de leitores. Esse sistema de escrita expressou apenas as ideias convencionadas.

Por enquanto, alguns glifos da ELiS foram utilizados dentro da publicação, pois os glifos não apresentaram equivalentemente a gramática em Libras desses sinais realizados, assim, precisam-se melhorar os glifos utilizados para os glifos novos.

Percebemos que, no *teste t*, os glifos muitos baixos ou muitos altos têm menor probabilidade de ocorrer, indicando que é prova que a média de uma amostra apresenta os glifos registrados e que foram muito distintos da média do Teste *t*.

Nos resultados foram apresentados os glifos registrados dos sistemas das escritas de sinais entre *SignWriting* e ELiS, estrategicamente equivalentes a Libras, os glifos do *SignWriting* e da ELiS. Por isso, precisa-se aumentar a compreensão da leitura decodificada em *SignWriting* e ELiS nas escritas de sinais sendo melhorados os glifos da parte de gramática de Libras.

Os glifos dos sistemas representaram um diferente sentido ao desenvolver a habilidade de uso em escrever e ler com regras por meio da publicação nas escritas de sinais. Entende-se por escolha consciente aquela que é o caminho para melhorar a qualidade da comunidade surda,

escolhendo um bom sistema para trabalhar a educação de surdos, ou seja, algumas ideias que nós devemos ter em mente na hora de escolher o sistema confiável, adequado e em uso, porém de um currículo institucionalizado.

Também, os dados levam a algumas reflexões que podem criar novas e futuras pesquisas, parece que os léxicos, os sistemas das escritas de sinais passam por processos de gramaticalização distintos, como os econômicos. Assim, quanto mais padronizados são os sistemas, eles se tornam possíveis de rápida compreensão e entendimento, podendo até dar acesso ao léxico. Mas se tornam necessários outros estudos que abordariam especificamente o processo econômico e de padronização nas escritas de sinais.

Durante décadas o debate polêmico sobre os sistemas das escritas das línguas de sinais em uso para se alfabetizar tem se tornando o centro de atenções e pesquisas da comunidade surda e/ou ambiente linguístico de Libras, como encontrar as condições de compreender e expressar-se de forma plena e segura no ensino da leitura e da escrita para as crianças surdas nas escolas dos níveis de ensino de educação no Brasil, pois valorizaram a interação entre o sujeito e o objeto de estudo no mundo da escrita de sinais antes de escolher com consciência uma boa ou mal caminhada para o aprendizado de Escrita de Sinais.

Nova ideia deve melhorar a futura proposta. Para continuar a pesquisa, é preciso mostrar provavelmente que a análise das características das informações gramaticais de Libras equivale com os sistemas das escritas de sinais.

Além de ter sido uma honra de minha boa experiência inicial em um trabalho de pesquisa, podemos levantar as questões de hipóteses, que com o desenvolvimento da pesquisa puderam ser ou não confirmadas. Tal hipótese ocorreu-me, após a minha vista a essa análise dos sistemas das escritas de sinais, pois um fato relatado pela pesquisadora, numa comparação despertou minha curiosidade em identificar a eficácia das análises e as discussões com as diferenças e semelhanças em cada sistema, e apresentar as quantidades de glifos registrados nos sistemas das escritas de sinais na tabela. Portanto, respeitamos as diferenças entre *SignWriting* e ELiS no processo específico de apropriação desses sistemas de escrita sobre as quantidades de glifos com sinais extraídos que existem nos sistemas que foram avaliados, sabendo que a diferença ou semelhança de algumas normas de escrita padronizada é uma maneira estruturada e organizada com base em diferenças da convencionalidade desses sistemas entre escrita e outras formas gráficas. Nesse contexto, percebemos que os dois

sistemas de escrita de sinais apresentaram as formas diferentes de escrever, portanto, o sistema *SigWriting* é um tipo de comunicação por pilhas, mas existem glifos em sistema não linear feitos, podemos registrar essa escrita de qualquer ordem dos parâmetros de pilhas representaram os elementos visuais que compõem Libras, as CM, OP, PA, M e ENM e, o sistema ELiS é um tipo de comunicação por visografemas, existe uma escrita alfabética linear, necessita organizar a ordem das letras para realizar o sinal registrado na escrita, são eles: CD, OP, PA e M, mas M tem incluído das expressões não manuais.

Com essas considerações e com uma visão positiva do futuro da pesquisadora durante o decorrer desses dois anos de estudo e pesquisa sobre alguns aspectos se destacam: o primeiro deles é que a comparação é um tema que ainda pode ter inúmeros desdobramentos, um outro aspecto é que o grupo de pesquisadores experientes na área de escrita de sinais evidencia o quanto os aspectos de abordagens da metodologia no ensino da escrita de sinais precisam ainda transformar. Além disso, foi possível mostrar-se que a comparação dos sistemas das escritas de sinais pode levar os léxicos registrados da ortografia de Libras e eles podem ser reproduzidos na sinalização no momento da leitura. Espera-se que o conhecimento aqui produzido possa transcórrer e difundir-se em muitos estudos nesta área, contribuindo para a compreensão linguística da relação entre escritas de sinais e gramática de Libras, sua escrita e os processos de leitura com facilidade.

REFERÊNCIAS

AARONS, D. **Aspects of the syntax of American Sign Language**. Boston, MA: Boston University, 1994. [Ph. D. Dissertation].

ALLEN, W. S. **Vox Latina**. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; MARTINS, M. R. D. **Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

ATHIÉRES, P. **Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault**. In: GROS, Frédéric (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAKER, C.; PADDEN, C. **American sign language: a look at its history, structure and community**. Silver Spring: T. J. Publishers, Inc., 1978.

BARRETO, M. **Curso Escrita de Sinais 2.0** [Curso on-line em vídeos]. Belo Horizonte: Libras Escrita, 2013.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. rev. atual. e ampl. Salvador: Libras Escrita, 2015. v. 1.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2008.

BARROS, M. E. **ELiS – Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974.

BEHARES, L. E. Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança Surda. In: MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. da C. (Orgs). **Língua de Sinais e Educação do Surdo**. Série de Neuropsicologia. v. 3. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 41-55.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **Revel**, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

BERNARDINO, E.; SILVA, G. M.; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. Publicado por Eli Ribeiro dos Santos, 2011. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/63054846/4-Iconicidade-Simultaneidade-e-uso-do-espaco-em-Libras-Bernardino-Silva-e-Passos#scribd>. Acesso em: 18 fev. 2016.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Nova York: H. Holt & Co., 1933.

BOUTORA, L. **Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des langues signées**. Paris: Mémoire de D. E. A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.

BÓZOLI, Daniele M. F. **Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - UEM, Maringá, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 2016.

BRASIL. **Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 2016.

BRAZE, D. Objects, adverbs and aspect in ASL. In: KIM, J-S.; STJEPANOVIC (eds.). **Is the logic clear?** Papers in honor of Howard Lasnik. University of Connecticut: Working Papers in Linguistics 8, p. 21-54, 1997.

BRENTARI, D. **Theoretical foundations of ASL Phonology**. Dissertation. Chicago: University of Chicago, 1990.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

BRITO, L. F. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 20-43, 1990.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, p. 71-92, 2014.

CAPOVILLA, F. C., GARCIA, W. Visema, quiremas, e bípedes implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por fanerolaliemas, e quiremas por simatosemas para forma de mão (quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema). In: CAPOVILLA, F. C. **Transtornos de aprendizagem - 2: Da análise laboratorial e reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação**. São Paulo: Memnon, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volumes: I e II. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2001. CHEN, D. **Investigation of word order acquisition in early ASL**. University of Connecticut, 1998. [Manuscrito não publicado].

CORRÊA, F. S. **Língua brasileira de sinais: expressões inovadoras**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

COSTA, Victor H. S. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COULMAS, F. **The Blackwell encyclopaedia of writing systems**. Oxford: Blackwell, 1999.

COULMAS, F. **The Writing Systems of the World**. Oxford; Nova York, 1989.

CRYSTAL, D. **Dictionary of linguistics and phonetics**. v. 30. [Nova Jersey]: John Wiley & Sons, 2011.

CULLER, J. **As Ideias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1979.

CUXAC, Christian. As línguas de sinais: analisadores da faculdade de linguagem. **Aquisição e Interação em Língua Estrangeira (AILE)**. As Línguas de Sinais: uma perspectiva semiogenética, n. 5, 2001.

Disponível em: <http://aile.revues.org/document536.html>. Acesso em: 28 fev. 2016.

CUXAC, C.; SALLANDRE, A. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In: PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. (ed.). **Verbal and Signed Languages**. New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 15-30.

DAMASCENO, C. M. de. **Escritas de Sinais**: Supressão de componentes quirêmicos em SignWriting. 597 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

DeFRANCIS, J. **Visible Speech**: The Diverse Oneness of Writing Systems. Honolulu: [University of Hawaii], 1980.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DUBOIS, J., GIACOMO, M., GUESPIN, L., MARCELLESI, C., MARCELLESI, J. B., MEVEL, J. P. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

EMMOREY, K.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. Organização neural da língua de sinais. In: MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. da C. (Orgs.). **Língua de Sinais e Educação do Surdo**. Série de Neuropsicologia, v. 3. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 19-40.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Coord. Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FISCHER, S. Influences on verb order change in american sign language. In: LI, Charles (ed.). **Word order and word order change**. Austin: University of Texas Press, 1975.

FISCHER, Steven R. **História da escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FISCHER, C. G. Confusions among visually perceived consonants. **Journal of Speech and Hearing Research**, 11(4), p. 796-804, 1968. Disponível em: <<http://jslhr.asha.org/cgi/content/abstract/11/4/796>>. Acesso em: 2016.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-77, abr. 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. [Apostila].

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRISHBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 3, p. 696-719, 1975.

FRISHBERG, N. **Historical Change: From Iconic to Arbitrary**. In: KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

GALEA, M. **SignWriting (sw) OF Maltese Sign Language (LSM) and its development into an orthography**: Linguistic considerations. 689 f. A dissertation submitted in fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Linguistics, Institute of Linguistics, University of Malta, 2014.

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GELB, I. J. **A Study of Writing**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, [1952/1963].

GREENBERG, J. H. **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1966.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. Tradução da 10ª edição corrigida por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/ C Ltda. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HULST, H. van der. Notation systems. In: BRENTARI, D. (ed.). **Cambridge Survey of Sign Linguistic and Sign Languages**, 2010. [com Rachel Channon].

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

KOGUT, M. K. **As descrições imagéticas na transcrição e leitura de um texto em SignWriting**. 2015. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e

Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, 2008.

LEITE, T. A. de; QUADROS, R. M. de. **Línguas de sinais do Brasil: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação.** Florianópolis: Editora Insular, 2014. [Série Estudos da Língua de Sinais. Volume II].

LIDDELL, S. **American sign language syntax.** The Hague: Mouton, 1980.

LODI, A. C. B. Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas. **D. E. L. T. A.**, v. 20, n. 2, p. 281-310, 2004.

MARKENFELDT, Alessandra R. K. **A transformação do macaco em homem: o processo de hominização através da linguagem e do trabalho.** 2006. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTIN, H. J. **The History and Power of Writing.** Tradução para o inglês de Lydia G. Cochrane. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

MARTINS, C. R. **A cultura surda na escola.** In: PERLIN, G.; STUMPF, M. Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

MATSUOKA, K. Verb raising in american sign language. **Lingua**, v. 103, p. 127-149, 1997.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.

MCNEILL, D. Images, Inside and Out. In: MCNEILL, D. **Hand and mind**: what gestures reveal about thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 11-35.

MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

MILANI, S. E. **Historiografia** – Linguística de Ferdinand de Saussure. Goiânia: Kelps, 2011.

MORAIS, A. G. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?** In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. (org.). Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NOBRE, R. S. **Processo de grafia da língua de sinais**: Uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, A. S. C. L. de. A escrita SEL: um sistema de escrita trácica para libras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VII, Curitiba. **Anais...** Abralín, Curitiba, 2011.

OLIVEIRA, A. S. C. L. de. **Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear**. *Revel*, v. 10, n. 19, 2012.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras Libras**. 425 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2015.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in american sign language**. Outstanding Dissertations in Linguistics. New York: Garland, 1988.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEREIRA, M. C. C. da.; CHOI, D.; VIEIRA, M. I.; GASPAR, P.; NAKASATO, R. **LIBRAS: Conhecimento além dos sinais**. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; RUSSO, T. Representing signed languages in written form: questions that need to be posed. In: ELRA (eds.). **Language Resources and Evaluation (LREC) 2006**. Workshop Proceeding (W-15): Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, 2006.

POIZNER, H.; KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **What the Hands Reveal about the Brain**. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

QUADROS, R. M. de. (Org.) **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

QUADROS, R. M. de. **Phrase structure of brazilian sign language**. Tese (Doutorado) - PUCRS, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: Aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RANGEL, G. M. M.; STUMPF, M. R. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de. (Orgs.). **Leitura e Escrita no Contexto da Diversidade**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa Acadêmica – Como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. [S.l.]: Atlas, 2007.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SILVA, F. I. da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *SignWriting***. 2009. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SLEVINSKI JUNIOR, S. E. **MSW: Stability**. 2012. Disponível em: <<http://signpuddle.net/wiki/index.php/MSW:Stability>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SOUZA, R. M. de. **Que palavra que te fala?** Linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, G. L. R.; OLIVEIRA, R. A. F.; ALVES, V. R. Reflexões sobre a História e a Relevância Social da Escrita. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, Minas Gerais, Centro de Ensino Superior de São Gotardo, 2010.

STOKOE, W. C. et al. **A dictionary of american sign language on linguistic principles**. 2. ed. Silver Spring, MD: Linstok, [1965] 1976.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

STUMPF, M. R. Transcrições de língua de sinais brasileira em *SignWriting*. In.: LODI, A. C. B. [et al.] (orgs.). **Letramento e minorias**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais I**. Apostila do Curso de Licenciatura Letras/ LIBRAS da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2007.

STUMPF, M. R. Sistema *SignWriting*: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, A.; LOPES, M. C. (Orgs.) **A invenção da surdez cultural, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SUTTON, V. **Lessons in SignWriting**: textbook & workbook. 3rd ed. La Jolla, CA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. 2003.

TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American sign language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO A

Para o Ministro da Educação do Brasil e a quem possa interessar.
Secretaria de Alfabetização Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

CARTA ABERTA 01/12/2014 – Sobre a potencialidade do Sistema de Escrita *SignWriting* como Sistema oficial utilizado na Educação de Surdos Brasileiros

Primeiro, deixe me apresentar. Sou professora adjunta da disciplina “Escrita de sinais” do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora da pós-graduação em Linguística desta mesma Universidade. Tenho atuado há muitos anos como uma especialista na comissão de especialista de Federação Mundial de Surdos, Associação Nacional de Pesquisador de Linguagem e Língua (ANPOLL) e membro da comissão do Prolibras do MEC.

O meu trabalho tem sido feito desde 1996 especificamente com o Sistema *SignWriting*, que foi quando eu trouxe esse sistema para o Brasil e que a partir desta época foi incluído como suporte no letramento dos sujeitos Surdos brasileiros enquanto “conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e linguístico-discursivas como também social e político-ideológica” (SIGNORINI, 2001, p. 8-9).

Essa escrita visual, de nome *Signwriting*, foi desenvolvida pela norte-americana Valerie Sutton, sendo uma escrita que possibilita grafar as línguas de sinais, ou seja, línguas de modalidade visual/espacial e por ainda respeitar os parâmetros gramaticais de realização dos sinais: configuração de mãos, expressão facial e corporal, localização espacial, direcionalidade e movimento. Essa escrita pode proporcionar acessibilidade⁴⁶ e condições para que o surdo falante de Libras se desvincule do processo de tradução da escrita de uma língua oral para a língua de sinais e vice-versa ampliando sua capacidade de interação com o texto, possibilitando que se torne letrado na língua falada por ele.

Como linguista e especialista no campo de educação de surdos, fui abordada por profissionais, surdos brasileiros que estão preocupados

⁴⁶ Acessibilidade, nesse contexto, refere-se a uma escrita de modalidade visual própria para a língua de sinais, como é o caso da escrita *Signwriting*, capaz de promover um letramento em Língua de Sinais.

com a proposta de criação de diferentes sistemas de escrita para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) que serão utilizados na Educação Bilíngue de Surdos no Brasil que pretende substituir o atual sistema educacional com proposta inclusiva, conforme discussões feitas e documentadas no Grupo de Trabalho instituído pelo MEC para compor a **Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para Surdos** no país, da qual faço parte.

A nova proposta de Educação Bilíngue para Surdos aprovada este ano no Plano Nacional de Educação (2014 – 2024) visa não só substituir a atual proposta de ensino, mas, formar profissionais qualificados para a atuação de acordo com a filosofia bilíngue que tem como primazia o ensino de Libras como primeira língua, tanto em sua modalidade gesto-espacial como em sua modalidade escrita as quais têm como objetivo o letramento visual das crianças surdas.

Porém, os documentos produzidos a partir das discussões do Grupo de Trabalho instituído pelo MEC para compor a **Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para Surdos** não define qual o Sistema que será utilizado nessa nova proposta. Dessa forma, tenho como objetivo esclarecer e apontar todas as potencialidades do Sistema *SignWriting* para que seja o sistema escolhido para essa função.

O sistema *SignWriting* evoluiu por 40 anos e se expandiu por mais de 30 países que o utilizam fazendo com que muitas pesquisas sobre essa temática em especial fossem desenvolvidas para aprimorá-lo ainda mais. Sendo que aqui no Brasil existem inúmeras pesquisas que foram e estão sendo realizadas auxiliando ainda mais a utilização e difusão do mesmo, como segue na tabela abaixo:

Tabela 1 - Universidades Brasileiras que desenvolvem pesquisas sobre o *SignWriting*

Universidades	Quantidade	Áreas
UFRGS	3	Informática na Educação e Educação
UFSC	6	Educação, Estudos de Tradução e Interpretação, Engenharia e gestão do conhecimento e Linguística.
Unisinos	1	Informática
Ulbra	2	Educação Ambiente e Educação

(Continua)

(Continuação)

UFC	1	Profissional em Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação em EaD
UFSM	1	Educação
Universidade São Francisco	1	Educação
UFS	1	Ensino de ciências e matemática
UEM	1	Educação
Unicamp	1	Educação
UFBA	1	Língua e Cultura

Tabela 2 - Universidades estrangeiras que desenvolvem pesquisas sobre o *Sign Writing*

Universidades	Áreas
The University of New Mexico	Educational Linguistics
Universidade de PARIS VII	Linguística
Universidade de Roma	Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione
Instituto de Linguística da Universidade de Malta	Linguística
University of South Carolina	Educational Linguistics
University of North Dakota	Linguística
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação	Educação
Oberlin College	Departamento de Antropologia
Universidade do Porto	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Tunísia	Ciência de computação

Além disso, temos instituições de ensino regular que adotaram *SignWriting* como suporte para o letramento dos alunos Surdos, tais como:

1 - Escola Estadual Dr. Reinaldo Fernando Cóser, que fica na cidade de Santa Maria (RS), desde 2001;

2 - Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, em Porto Alegre (RS), desde 2013;

3 - Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú (Bahia), desde 2012.

E ainda as Universidades Federais que têm o sistema *SignWriting* no currículo do curso de Letras-Libras.

1) UFSC (Sendo que o curso Letras-Libras na modalidade EaD de responsabilidade da UFSC teve 18 polos de ensino);

2) UFPEL;

3) UFC;

4) UFRJ;

5) UFPB;

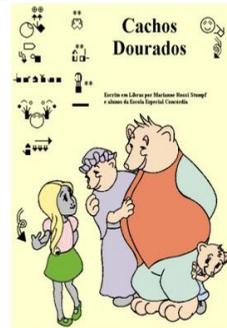
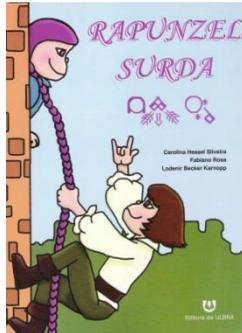
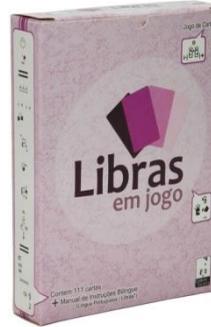
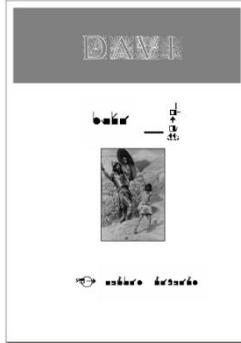
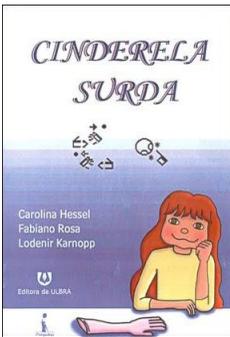
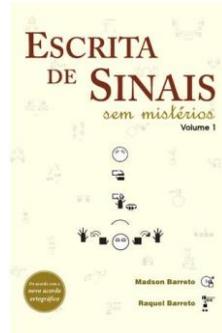
6) UFAM;

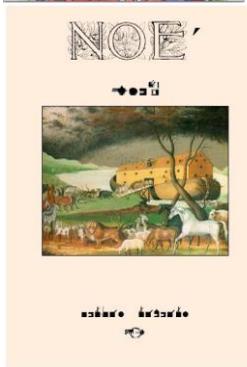
7) UFAL;

8) Faculdade Eficaz;

9) UnoChapecó.

Acervo em SW









Nesse sentido, solicitamos, usando de bom senso e sabedoria, como lhe é peculiar, pedimos maior incentivo na promoção da Escrita de Sinais pelo sistema *SignWriting* para não prejudicar o bom trabalho em pesquisa, alfabetização que as comunidades surdas e profissionais já conseguiram conquistar em prol da Educação de Surdos. Além do que, conforme acima supracitado esse sistema foi validado pela Comunidade Surda Brasileira e conforme a 24ª Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, promovido pela UNESCO em Barcelona em 1996, enfatiza que:

Todas as comunidades linguísticas têm direito a decidir qual deve ser o grau de presença da sua língua, como língua veicular e como objeto de estudo, em todos os níveis de ensino no interior do seu território: pré-escolar, primário, secundário, técnico e profissional, universitário e formação de adultos.

Considerando a necessidade de se reconhecer esse sistema como a forma de escrita das Comunidades Surdas brasileiras, solicitamos

maior estímulo na formação de profissionais de escrita de sinais pelo sistema SignWriting bem como criação e tradução de materiais por esse sistema e investimento em pesquisas para a criação de softwares que favoreçam a viabilidade no uso do mesmo.

Colocando-nos à disposição para audiência ou quaisquer esclarecimentos,

Atenciosamente,

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Madson Barros Barreto, brasileiro(a),
 idade 28, estado civil casado, profissão empresário
 Endereço: R. Pard
 nº 446 apto 2204 Cep 4120070 Cidade: Salvador Estado BA
 Carteira de identidade nº M6-12700-211.

Estou sendo aceito em autorizar de um estudo denominado "A arte de escritas das línguas de sinais", que envolve uma identificação os sinais gráficos em escrita de sinais na comparação de dois sistemas registrados entre SignWriting (denominado de Escrita de Sinais) e ELIS (denominado de Escrita das Línguas de Sinais) para pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada.

A minha autorização no referido livro será indicar, a partir de sinais gráficos em escritas de sinais que me serão apresentados, que pilhas de SignWriting e visogramas de ELIS podem ser utilizados. Fui alertado(a) de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como, contribuir para a arte de escrita das línguas de sinais.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, é possível que os pilhas e visogramas que utilizarei, não sejam retirados tendo em vista que se trata de uma pesquisa analítica e pesquisa descritiva.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a aceitar do livro publicado, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar a saída da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é: Gabriela Otaviani Barboza da Universidade Federal de Santa Catarina e com ela poderei manter contato pelo telefone (62) 9986-6713.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os livros e suas

Barboza

consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha autorização de uso de material.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo do projeto aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em aceitar, estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha autorização.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da autorização na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha autorização no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo enviar e-mail para cep.propesq@contato.ufsc.br.

Endereço do CEP-SES-SC: Rua Esteves Junior, 390. Andar Térreo – Biblioteca

Bairro: Centro.

CEP: 88.015-130

Município: Florianópolis

UF: SC

Telefone (48) 32121660 FAX (48) 32121680

E-mail: cepases@smde.sc.gov.br

Florianópolis, Salvador 28 de março de 2016.

Nome e assinatura da autorização de uso do material

Maíson Carneiro

Nome e assinatura do pesquisador responsável:

Gabriela Torriani Barbosa

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Fui Raquel Alciviana dos Santos brasileiro(a),
 idade 39, estado civil casada, profissão Professora
 Endereço: R. Boná
 nº 446 apto 2204 Cep 41830070 Cidade: Salvador Estado: BA
 Carteira de Identidade nº MG 14 242 722

Estou sendo aceito em autorizar de um estudo denominado "A arte de escritas das línguas de sinais", que envolve uma identificação os sinais gráficos em escrita de sinais na comparação de dois sistemas registrados entre SignWriting (denominado de Escrita de Sinais) e ELiS (denominado de Escrita das Línguas de Sinais) para pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada.

A minha autorização no referido livro será indicar, a partir de sinais gráficos em escritas de sinais que me serão apresentados, que pilhas de SignWriting e visografemas de ELiS podem ser utilizados. Fui alertado(a) de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como, contribuir para a arte de escrita das línguas de sinais.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, é possível que os pilhas e visografemas que utilizarei, não sejam retirados tendo em vista que se trata de uma pesquisa analítica e pesquisa descritiva.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a aceitar do livro publicado, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar a saída da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é: Gabriela Otaviani Barbosa da Universidade Federal de Santa Catarina e com ela poderei manter contato pelo telefone (62)-9986-6713.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os livros e suas



conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha autorização de uso de material.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo do projeto aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em aceitar, estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha autorização.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da autorização na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha autorização no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo enviar e-mail para cep.propesq@contato.ufsc.br.

Endereço do CEP-SES-SC: Rua Esteves Junior, 390. Andar Térreo – Biblioteca

Bairro: Centro.

CEP: 88.015-130

Município: Florianópolis

UF: SC

Telefone (48) 32121660 FAX (48) 32121680

E-mail: cepsex@saude.sc.gov.br

Florianópolis, 28 de março de 2016.

Nome e assinatura da autorização de uso de material

Raquel Alcívio Rosa Barreto 

Nome e assinatura do pesquisador responsável:

Gabriela Stariani Barbosa.

ANEXO D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Thriângela Estelita Barros brasileiro(a),
 idade 45, estado civil divorciada, profissão professora
 Endereço: M. Fachinella Durval, qd 160 A, 11 14, Setor 300
 nº — apto — Cep 74674-090 Cidade: Goiânia Estado GO.
 Carteira de Identidade nº 1.895.852.

Estou sendo aceito em autorizar de um estudo denominado “A arte de escritas das línguas de sinais”, que envolve uma identificação os sinais gráficos em escrita de sinais na comparação de dois sistemas registrados entre SignWriting (denominado de Escrita de Sinais) e ELiS (denominado de Escrita das Línguas de Sinais) para pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada.

A minha autorização no referido livro será indicar, a partir de sinais gráficos em escritas de sinais que me serão apresentados, que pilhas de SignWriting e visografemas de ELiS podem ser utilizados. Fui alertado(a) de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como, contribuir para a arte de escrita das línguas de sinais.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, é possível que os pilhas e visografemas que utilizarei, não sejam retirados tendo em vista que se trata de uma pesquisa analítica e pesquisa descritiva.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a aceitar do livro publicado, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar a saída da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é: Gabriela Otaviani Barbosa, da Universidade Federal de Santa Catarina e com ela poderei manter contato pelo telefone (62) 9986-6713.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os livros e suas

consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha autorização de uso de material.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo do projeto aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em aceitar, estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha autorização.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da autorização na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: ressarcimento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha autorização no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo enviar e-mail para cep.propesq@contato.ufsc.br.

Endereço do CEP-SES-SC: Rua Esteves Junior, 390. Andar Térreo – Biblioteca

Bairro: Centro.

CEP: 88.015-130

Município: Florianópolis

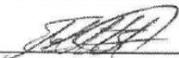
UF: SC

Telefone (48) 32121660 FAX (48) 32121680

E-mail: cepses@saude.sc.gov.br

Florianópolis, 29 de março de 2016.

Nome e assinatura da autorização de uso de material



Nome e assinatura do pesquisador responsável:

Gabriela Staviani Barbosa.